

Agradecimentos

À Professora Sónia Talhé Azambuja pela orientação deste trabalho.

Ao Arquiteto Paisagista José Brito, pela imprescindível colaboração, pela informação fornecida e fotográficas disponibilizadas.

A Ana Calição, da Quinta da Fantasia, pelo provimento de fotografias.

Ao Exm^o. Presidente da Câmara Municipal de Faro, Engenheiro e Arquiteto Paisagista Macário Correia, pelo interesse e por me ter encaminhado para as pessoas certas.

A Jorge Manhita, do Museu Municipal de Faro, pela disponibilização de cartografia.

Ao Engenheiro Agrónomo João Costa, meu pai, pela colaboração no levantamento botânico e revisão.

Ao Diretor do Colégio de Nossa Senhora do Alto, Padre César Chantre, e à Madre Superiora, Irmã Gorete, pela permissão de visitar a Quinta sempre que necessário.

Aos meus colegas de arquitetura paisagista da Universidade do Algarve, Maria Joana Gomes, Sónia Andrade, António Desidério e Ruben Correia e à Arquiteta Paisagista Margarida Costa, pela ajuda que os seus trabalhos, referentes a este assunto, me deram.

À minha mãe, por ter visitado a Quinta comigo e me ter auxiliado em certos levantamentos e outros pormenores.

Ao meu namorado, pela preciosa ajuda e apoio.

Resumo

O concelho de Faro, localizado na parte central do Algarve, apresenta características muito favoráveis à ocupação humana, devido ao seu clima de excelência, proximidade ao mar e qualidade dos solos para a atividade agrícola. Por estas razões, várias Quintas agrícolas aqui se instalaram no século XIX e XX, desempenhando funções de habitação, lazer e produção.

É o caso da quinta em estudo, a Quinta do Alto, também conhecida por Quinta de Santo António do Alto, comprada por Júdice Fialho, em 1911, para aqui edificar a sua residência. O proprietário, natural de Portimão, nascido em 1859, desde cedo vingou no domínio empresarial, tendo-se iniciado na comercialização de álcool, passando para a pesca da sardinha, atum e bacalhau, acabando por se destacar na indústria conserveira, com a qual formou um imenso império.

Encomenda o projeto ao ilustre Arquiteto Norte Júnior em 1915, que edifica um majestoso palácio inspirado na arte francesa, da qual era bastante conhecedor, envolvido num jardim formal do mesmo estilo. Para além deste espaço verde, o exterior é também formado por matas e zonas agrícolas.

A obra demora cerca de dez anos a concluir, sendo que desde 1925, Júdice Fialho e a família aqui habitam, até 1934, data do seu óbito.

Desde 1955 até aos dias de hoje, funciona como “Colégio de Nossa Senhora do Alto”, tendo sido acrescentado um novo edifício modernista em 1961, obra do Arquiteto Gomes da Costa, e uma zona de campos de jogos, que muito contrastam com toda a área que o circunda.

Este trabalho tem como principal objetivo estudar a história deste património, e elaborar um Plano Diretor de Restauro, que venha a valorizar e dinamizar este espaço.

Por esta razão é também uma vontade dar a conhecer a Quinta aos habitantes da cidade bem como a turistas que por aqui passem.

Procedeu-se a um estudo da Quinta, através de revisão bibliográfica e análise de cartografia e fotografias antigas, embora a escassez de informação tenha dificultado este processo. Efetuou-se também o levantamento atual do espaço, que possibilitou uma análise pormenorizada. Seguiu-se uma proposta de valorização do património, tentando tirar o melhor partido da mesma e rentabilizando-a.

Palavras-chave

Faro, Quinta do Alto, Colégio de Nossa Senhora do Alto, Jardins Históricos, Património

Abstract

The municipality of Faro is located in the middle of Algarve, and has positive features to the human occupation, such as the exceptional weather, as the proximity to the sea and the good soils for agriculture. Because of this, many farms settled here in the XIX and XX centuries. With the city development, the majority is now in a declining situation.

Fortunately, that didn't happen to the farm in study, because of the actual owners, Diocese do Algarve, that are taking good care of it.

Júdice Fialho, born in Portimão, in 1859, started his business life by selling alcohol, then to the fishing of sardines, tuna and codfish, but the canning business was the one that made him stand out.

In 1911, he bought the farm, to make his own home. The Architect Norte Júnior made the project to a beautiful palace, in 1915, and after 10 years it was built. The gardens around it are inspired by a French style. Beyond these gardens, it's possible to see forest and agricultural fields.

In 1925, the Fialho's Family, moves to this palace and lives there, till he's last day.

Now this place is working as a private school, and a new building with modern characteristics was built in 1961. The architect was Gomes da Costa.

This assignment was made to know better the elements and the potentialities of the place, which has great heritage value, unique in Faro.

Because of that, the place should be open to the inhabitants of the city and to the tourists.

Proceeded to a study of the farm based in bibliography, cartography and old pictures and to the actual status. With the conclusions, a proposal to value the heritage was made.

Keywords

Faro, Quinta do Alto, Nossa Senhora do Alto School, Historical gardens, Heritage

Extended Abstract

The municipality of Faro is located in the middle of Algarve, and has positive features to the human occupation, such as the exceptional weather, as the proximity to the sea and the good soils for agriculture. Because of this reasons, many farms settled around the city, in the XIX and XX centuries, forming the set of “Quintas da Campina de Faro”. With the city development, the majority is now in a declining situation. The reasons for this phenomenon were pressure estate, construction of shopping malls, sharing among heirs, difficult maintenance, abandonment, change of owners, among others, remaining only traces that lead to the loss of this heritage and its history.

Fortunately, that didn't happen to the “Quinta do Alto”, also known as “Quinta de Santo António do Alto”, because of the actual owners, Diocese do Algarve, that are taking good care of it, preserving almost entirely, its initial profile.

The previous owner, Júdice Fialho, was born in Portimão, in 1859, and started his business life by selling alcohol, then to the fishing of sardines, tuna and codfish, but the canning business was the one that made him stand out and brought him great fortune.

In 1911, he bought the farm, to make his own home.

The Architect Norte Júnior made the project to a beautiful palace, in 1915, and after 10 years it was built. The gardens around it are inspired by a French style. Beyond these gardens, it's possible to see forest and agricultural fields.

This farm reflects the magnificence of the owner, transmitted by elements that give character to the idyllic space, such as exotic species of trees, privileged views to the mountains and to the coast side and the ampleness of space.

His presence marked this landscape, by the organization of the place, taking advantage of the resources, in collaboration with engineering science practiced at the time.

In 1925, the Fialho's Family, moves to this palace and lives were, till he's last day.

It is now working as a private school, since 1955, and a new building with modern characteristics was built in 1961, making a very strong contrast with the areas around it, and destroying part of the formal garden that was settled here. The architect was Gomes da Costa. Some playgrounds were also developed.

But the majesty of the palace is struggling against the loss of the history of this farm.

A way of not losing the identity that it has left, it is necessary to act, maintain and protect.

This assignment was made to know better the elements and the potentialities of the place, witch has great heritage value, unique in Faro, and to create a Restoration Master Plan.

Because of this value, the place should be open to the inhabitants of the city and to the tourists.

A study of the farm was executed, based in bibliography, cartography and old pictures and survey of the elements of the place. With the conclusions, a proposal to value the heritage was made.

The choice of making the assignment about this farm is justified by the proximity of the author with the site, because she attended to this school for eleven years, and her curiosity about the past of the site, considered a great heritage by her.

Índice

Lista de Figuras	V
Lista de Peças Desenhadas	VII
Introdução	VIII
Objetivos do trabalho	VIII
Metodologia	IX
1. Caracterização da Quinta	1
1.1. Localização	8
1.2. Análise Biofísica	8
1.3. Análise Histórica	12
1.4. O Proprietário	15
1.5. O Arquiteto	21
2. Estudo da Quinta	25
2.1. Levantamento	25
2.1.1. Estrutura Geral	25
2.1.2. Edificado	26
2.1.2.1. Palácio	26
2.1.2.2. Edifício do Colégio	30
2.1.2.3. Casas das máquinas	32
2.1.2.4. Habitações dos funcionários	33
2.1.2.5. Outros elementos	34
2.1.2.6. Quinta da Senhora Menina	35
2.1.2.7. Casa das Irmãs de Calcutá	37
2.1.3. Estrutura Verde	37
2.1.4. Elementos de Água	42
2.1.5. Elementos Escultóricos e Decorativos	46
2.1.6. Equipamentos e Mobiliário	50
2.1.7. Pavimentos	51
2.1.8. Sistema Hidráulico	51
2.1.9. Manutenção, Utilização e Funções	52
2.2. Análise de documentos antigos	53
3. Análise e Prognóstico	59
4. Proposta de Reabilitação	67
4.1. Programa e Estratégia	67
4.2. Princípios de Intervenção e Metodologia	68
Conclusões	78
Bibliografia	80

Anexo I – Cartas de Solos de Faro.....	87
Anexo II – Publicação em Diário da República sobre Classificação da Quinta.....	88
Anexo III – Obras do Arquiteto Norte Júnior.....	89
Anexo IV – Panfleto Informativo.....	95

Lista de Figuras

Figura 1 – Palace Hotel Curia (Fonte: monumentos.pt)	3
Figura 2 – Palacete Seixas (Fonte: monumentos.pt)	4
Figura 3 – Palacete na Rua Júlio Andrade nº5 (Fonte: monumentos.pt)	4
Figura 4 – Palácio Mendonça (Fonte: monumentos.pt)	5
Figura 5 - Palácio Mendonça (Fonte: monumentos.pt)	5
Figura 6 – Palácio do Conde Castro Guimarães (Fonte: monumentos.pt)	6
Figura 7 – Palácio da Quinta da Regaleira (Fonte: monumentos.pt)	7
Figura 8 – Palace Hotel do Buçaco (Fonte: monumentos.pt)	8
Figura 9 – Galeão a Vapor da firma (Fonte: faroafundo.blogspot.pt)	16
Figura 10 – Pedra de litografia usada nas conservas de Júdice Fialho (Fonte: promontoriadamemoria.blogspot.pt)	18
Figura 11 – Lata de conserva da firma (Fonte: trilhos-da-ana.blogspot.pt)	18
Figura 12 – Manuel Joaquim Norte Júnior (Fonte: geneall.net)	22
Figura 13 – Casa Malhoa (Fonte: askmelisboa.com)	24
Figura 14 – Vila Souza (Fonte: cm-lisboa.pt)	24
Figura 15 – Moradia na Avenida Fontes Pereira de Melo (Fonte: pt.wikipedia.org)	24
Figura 16 – Edifício na Avenida da Liberdade (Fonte: marcasdasciencias.fc.ul.pt)	24
Figura 17 – Pensão Tivoli (Fonte: premiosvalmor.blogspot.pt)	24
Figura 18 – Palácio Fialho (Fonte: Clara Moura)	27
Figura 19 – Fachada principal do palácio Fialho (Fonte: Clara Moura)	28
Figura 20 – Fachada lateral do palácio Fialho (Fonte: Clara Moura)	28
Figura 21 – Escadaria do átrio do palácio Fialho (Fonte: Clara Moura)	29
Figura 22 – Elevador do palácio Fialho (Fonte: Clara Moura)	29
Figura 23 – Edifício do colégio (Fonte: Autora)	31
Figura 24 – Casa de banho e caldeira (Fonte: Autora)	32
Figura 25 – Casa dos motores (Fonte: Autora)	32
Figura 26 – Anexo agrícola do último talhão (Fonte: Autora)	33
Figura 27 – Anexo agrícola (Fonte: Autora)	33
Figura 28 – Casa do porteiro (Fonte: Autora)	33
Figura 29 – Estábulo (Fonte: Autora)	35
Figura 30 – Estrutura de lazer (Fonte: Autora)	35
Figura 31 – Quinta da Fantasia (Fonte: quintadafantasia.com)	35
Figura 32 – Miradouro (Fonte: Autora)	35
Figura 33 – Receção da Quinta da Senhora Menina (Fonte: Autora)	36
Figura 34 – Terraço da Quinta da Senhora Menina (Fonte: Autora)	36
Figura 35 – <i>Pinus halepensis</i> Mill. (Fonte: Autora)	38
Figura 36 – <i>Quercus rotundifolia</i> Lam. (Fonte: Autora)	38
Figura 37 – <i>Cupressus lusitanica</i> Mill. (Fonte: Autora)	38
Figura 38 – <i>Cupressus sempervirens</i> L. (Fonte: Autora)	39
Figura 39 – <i>Cupressus sempervirens horizontalis</i> L. (Fonte: Autora)	39
Figura 40 – <i>Ceratonia siliqua</i> L. (Fonte: Autora)	39
Figura 41 – <i>Cedrus atlantica</i> G.Manetti (Fonte: Autora)	39
Figura 42 – <i>Olea europaea</i> L. (Fonte: Autora)	39
Figura 43 – <i>Grevillea robusta</i> A.Cunn. (Fonte: Autora)	39
Figura 44 – <i>Jacaranda mimosifolia</i> D.Don (Fonte: Autora)	41
Figura 45 – <i>Washingtonia robusta</i> H.Wendl. (Fonte: Autora)	41
Figura 46 – <i>Casuarina equisetifolia</i> L. (Fonte: Autora)	41
Figura 47 – <i>Dracaena draco</i> L. (Fonte: Autora)	41
Figura 48 – <i>Pinus pinea</i> L. (Fonte: Autora)	41

Figura 49 – <i>Araucaria heterophylla</i> (Salisb.) Franco (Fonte: Autora)	41
Figura 50 – <i>Lagunaria patersonii</i> G.Don (Fonte: Autora)	41
Figura 51 – <i>Ceratonia siliqua</i> L. (Fonte: Autora)	42
Figura 52 – <i>Ficus australis</i> Willd. (Fonte: Autora)	42
Figura 53 – Tanque superior (Fonte: Autora)	43
Figura 54 – Tanque/piscina (Fonte: Autora)	43
Figura 55 – Tanque da Quinta da Senhora Menina (Fonte: Autora)	44
Figura 56 – Fonte do peixe (Fonte: Autora)	45
Figura 57 – Fonte da escadaria (Fonte: Autora)	45
Figura 58 – Lago dos leões (Fonte: Autora)	45
Figura 59 – Taça em pedra rústica (Fonte: Autora)	46
Figura 60 – Escultura da fonte da escadaria (Fonte: Autora)	46
Figura 61 – Escultura dos lobos na balaustrada (Fonte: Autora)	46
Figura 62 – Excedente da construção do palácio (Fonte: Autora)	47
Figura 63 – Escultura de Nossa Senhora (Fonte: Autora)	48
Figura 64 – Escultura do tanque da Quinta da Senhora Menina (Fonte: Autora)	48
Figura 65 – Escultura dos leões do lago das traseiras do palácio (Fonte: Autora)	48
Figura 66 – Pannel de azulejos do lado esquerdo da escadaria (Fonte: Autora)	49
Figura 67 – Pannel de azulejos do lado direito da escadaria (Fonte: Autora)	49
Figura 68 – Pannel de azulejos junto ao portão Sul (Fonte: Autora)	49
Figura 69 – Bancos e contentores (Fonte: Autora)	50
Figura 70 – Bebedouros (Fonte: Autora)	50
Figura 71 – Campos de jogos (Fonte: Autora)	50
Figura 72 – Banco em mármore (Fonte: Autora)	50
Figura 73 – Pannel de pedra (Fonte: Autora)	50
Figura 74 – Poço (Fonte: Autora)	52
Figura 75 – Regadeira (Fonte: Autora)	52
Figura 76 – Planta da Quinta Júdice Fialho em 1931 (Fonte: Câmara Municipal de Faro / Museu Municipal de Faro)	54
Figura 77 – Planta da Quinta Júdice Fialho de 1945 (Fonte: Arq. João Aguiar in PAULA, Rui M. e PAULA, Frederico, Faro: Evolução Urbana, Câmara Municipal de Faro, 1993, p. 131.)	54
Figura 78 – Panorama de Sto. António do Alto (Fonte: José Brito)	55
Figura 79 – Entrada principal da Quinta do Alto e casa do porteiro (Fonte: José Brito)	55
Figura 80 – Palácio e Jardim da Quinta do Alto (Fonte: José Brito)	56
Figura 81 – Traseiras do Palácio Júdice Fialho (Fonte: José Brito)	56
Figura 82 – Fachada principal de Palácio do Alto (Fonte: José Brito)	56
Figura 83 – Fachada lateral Noroeste do Palácio do Alto (Fonte: José Brito)	57
Figura 84 – Panorama da horta do Alto (Fonte: José Brito)	58
Figura 85 – Parque infantil (Fonte: Autora)	64
Figura 86 – Recuperação de uma regadeira (Fonte: Autora)	65
Figura 87 – Pedras excedentes da construção do palácio (Fonte: Autora)	66
Figura 88 – Vacaria antes da recuperação (Fonte: Ana Calíço)	66
Figura 89 – Fundo do lago dos leões (Fonte: José Brito)	69
Figura 90 – Muretes destruídos (Fonte: José Brito)	70
Figura 91 - Interior da estrutura de lazer(Fonte: Autora)	71
Figura 92 - Carta de solos do S.R.O.A (fonte: Kopp, Erwin- Os solos do Algarve e as suas características).....	87
Figura 93 - Carta de solos da RAN (fonte: mapas.cm-faro.pt/)	87

Lista de Peças Desenhadas

Peça 1 – Localização	Cap. 1.2
Peça 2 – Altimetria e Patamares	Cap. 2.1.1
Peça 3 – Estado Atual	Cap. 2.1.1
Peça 4 – Edificado	Cap. 2.1.2
Peça 5 – Pormenores estrutura de lazer e terraço	Cap. 2.1.2.5
Peça 6 – Estrutura Verde da Quinta	Cap. 2.1.3
Peça 7 – Levantamento botânico	Cap. 2.1.3
Peça 8 – Pormenores dos elementos de água	Cap. 2.1.4
Peça 9 – Elementos decorativos e equipamentos	Cap. 2.1.5
Peça 10 – Pavimentos existentes	Cap. 2.1.7
Peça 11 – Sistema hidráulico atual	Cap. 2.1.8
Peça 12 – Usos atuais dos espaços exteriores	Cap. 2.1.9
Peça 13 – Sistema de vistas	Cap. 3
Peça 14 – Síntese da Análise	Cap. 3
Peça 15 – Plano Diretor de Restauro	Cap. 4.1
Peça 16 – Simulação: estrutura de lazer	Cap. 4.2
Peça 17 – Proposta para talhões agrícolas	Cap. 4.2
Peça 18 – Simulação: Talhões agrícolas	Cap. 4.2
Peça 19 – Percursos interpretativos propostos	Cap. 4.2

Introdução

O presente trabalho, realizado no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Arquitetura paisagista, estuda a Quinta do Alto, ou Quinta de Santo António do Alto, em Faro, fundada no século XX, fazendo uma caracterização pormenorizada do local, que passa pela sua história, pelo seu proprietário e arquiteto, pelo levantamento dos seus constituintes e pela sua valorização e recuperação.

Durante o século XIX e XX foram construídas, nos arredores do centro da cidade de Faro, várias Quintas agrícolas, formando o conjunto das Quintas da Campina de Faro.

Com o desenvolvimento da cidade, a maioria acabou por ceder à pressão do tecido urbano, por fatores como pressão imobiliária, construção de centros comerciais, partilhas entre herdeiros, dificuldade de manutenção, abandono, mudança de proprietários, entre outros, restando apenas vestígios, que levam à perda deste património e da sua história, ficando esquecida no tempo.

Felizmente, não é o caso da Quinta em estudo, que graças aos proprietários atuais, a Diocese do Algarve (únicos após a morte do fundador, Júdice Fialho), a têm mantido em bom estado de conservação, preservando, quase na totalidade, o seu perfil inicial.

Vem então a necessidade de compreender a sua estrutura antiga, que é hoje um conjunto de memórias do passado de um espaço criado pelo homem, onde componentes naturais e artificiais estão em harmonia e merecem ser salvaguardados.

O perfil desta Quinta reflete a magnificência do seu proprietário, transmitida por elementos que conferem um caráter idílico ao espaço, como as espécies exóticas espalhadas pelo exterior, vistas privilegiadas para a Serra Algarvia e Ria Formosa e amplitude do espaço, sendo que sua presença marcou esta paisagem, pela organização que lhe imprimiu, tomando partido dos recursos que esta oferecia, na colaboração com a ciência da engenharia praticada na altura.

A instituição do Colégio de Nossa Senhora do Alto neste espaço, pelos atuais proprietários, veio causar algumas alterações, nomeadamente na construção de um novo edifício de aulas, que destruiu parte do jardim formal envolvente do palácio, bem como a introdução de campos de jogos, que causam grande contraste visual com os elementos que existiam previamente. Apesar disto, a imponência do palácio “luta” contra o esquecimento da história desta Quinta.

Como meio de não perder a identidade que ainda lhe resta, é necessário intervir, manter e proteger.

A escolha desta Quinta, como tema de estudo, deve-se à proximidade afetiva da autora com o local, visto ter frequentado o colégio aqui presente atualmente, durante onze anos, e

pela sua curiosidade pelo passado do local, considerado de grande valor patrimonial para a mesma.

Objetivos da Dissertação

A presente dissertação tem o intuito de criação de uma monografia da Quinta de Santo António do Alto, contando a sua história e descrevendo-a pormenorizadamente, de modo a contribuir para um conhecimento deste património, por muitos esquecido na cidade de Faro.

O principal objetivo foi realizar uma proposta de recuperação de alguns elementos que estão subaproveitados, e forma a potencializa-los e a devolver-lhes a devida função.

A divulgação da Quinta e a sua inclusão na cidade, como ponto turístico, e também uma das sugestões que aqui se encontram.

Metodologia

Com o objectivo de elaborar uma proposta de reabilitação para a Quinta do Alto, esta dissertação está estruturada em três fases sequenciais, sendo elas, a caracterização do espaço, o levantamento do estado atual da Quinta e uma análise cuidada dos elementos que a caracterizam e de documentos antigos, podendo assim ter-se uma base segura para propor alterações e melhorias.

Inicia-se no Capítulo 1 uma análise biofísica e histórica do local, bem como referências biográficas ao proprietário e ao arquiteto da Quinta, dando a conhecer a identidade do local.

Procede-se então para o Capítulo 2, onde todo espaço é pormenorizadamente descrito, passando pelos elementos naturais e artificiais que a constituem, bem como as funções e utilizações, que toma hoje em dia. É feito um estudo, mediante documentos antigos, como cartografia e postais, na tentativa de visualizar o perfil original do local. Partindo destes pontos, uma análise crítica é realizada onde são identificados os problemas encontrados e as suas causas.

No Capítulo 3, é por fim realizada uma proposta geral de intervenção e recuperação, baseada nas doutrinas presentes nos documentos de conservação e restauro de monumentos e sítios, Carta de Veneza, de preservação dos jardins históricos, Carta de Florença, e de conservação e gestão de sítios com significado cultural, Carta de Burra, bem como nos princípios apresentados por Carmen Añón em “El jardín Histórico: Notas

para una Metodología Previa al Proyecto de Recuperación”¹, com o objetivo de reabilitar, dinamizar e partilhar o que esta Quinta tem para oferecer.

¹ Añón, Carmen – **El jardín Histórico: Notas para una Metodología Previa al Proyecto de Recuperación**. Madrid: Journal Scientifique ICOMOS, 1993

² Azambuja, Sónia Talhé – **“Slides das Aulas da unidade curricular de História de Arte de Jardins I”**. Licenciatura em Arquitetura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: s.n., 2008.

1. Caracterização da Quinta

A Quinta de Santo António do Alto é uma Quinta murada, com uma área de 12,70 hectares, constituída por vários edifícios, sendo o mais marcante, um palacete do século XX, e por uma área verde, com três tipologias diferentes (mata, jardim e zona agrícola), estabelecidas ao longo de três patamares.

Hoje em dia, encontra-se sob posse da Diocese do Algarve, tendo a função de Colégio externo, o Colégio de Nossa Senhora do Alto, mas foi mandada construir em 1915 por um dos maiores empresários Algarvios, Júdice Fialho.

A sua estrutura tem vindo a ser alterada ao longo dos tempos, onde novos edifícios têm sido acrescentados, bem como áreas com funcionalidades de lazer, de modo a responder as necessidades dos utilizadores do espaço.

1.1. Enquadramento Histórico

No final do século XIX e início do século XX, pela revolução tecnológica verificada e desprezo pelos estilos provenientes de outros países e épocas, surge movimento Arts and Crafts em Inglaterra.²

Este estilo vem focar-se no trabalho das formas e cores e naturalização de plantas exóticas, excluindo canteiros formais padronizados. Viria a chamar-se “Wild Garden”, traduzindo um conceito mais natural de conceber jardins.³

Em Portugal, com estabilidade governativa finalmente atingida nos finais do século XIX, surgem novos autores formados em Paris, um novo programa estilístico arquitetónico, coerente e modernizador.⁴ Recorrendo ao neorromântico e à “Art Nouveau” surgem obras de Ventura Terra e Marques da Silva, com elementos mais cosmopolitas, e Norte Júnior, com estética mais citadina.⁵

Em ponto divergente surge a “Casa Portuguesa”, por Raul Lino, contrapondo este estilo

² Azambuja, Sónia Talhé – **“Slides das Aulas da unidade curricular de História de Arte de Jardins I”**. Licenciatura em Arquitetura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: s.n., 2008.

³ Marques, T.D.P. – **Dos jardineiros paisagistas e horticultores do porto de oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal**. Lisboa: Tese de Doutoramento em Arquitectura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, 2009. p. 208

⁴ Fernandes, José Manuel – op. cit. p. 45

⁵ Arruda, Mila de Simões - **História da Arte portuguesa / Dir. Paulo Pereira**. Lisboa: Temas e Debates. 1995. p. 507

Eclectismo, Revivalismo e a “Casa Portuguesa”

com um “romântico ruralismo” e um “ecclético nacionalismo”.⁶ Em 1922 é publicado por Raul Lino a obra “A Casa Portuguesa” e em 1933, “Casas Portuguesas: Alguns apontamentos sobre a Architectura das Casas Simples”, onde o estilo é devidamente descrito.

O projeto e construção do palácio Júdice Fialho data da primeira década do século XX, mas ao analisá-lo verificamos claramente que o movimento Arts and Crafts não tinha ainda chegado a Portugal, ou pelo menos não foi praticado na execução deste projeto. Remete então ao século anterior, onde se praticavam uma série de movimentos chamados revivalistas e ecletismo, que reproduziam a arquitetura do passado, neoclássica, principalmente com estilos gótico, renascimento italiano, manuelino e orientais.⁷

Comparando o palácio em estudo com obras executadas por este mesmo autor, são visíveis certas semelhanças, nomeadamente no Curia Palace Hotel (figura 1), do ano de 1922⁸. De arquitetura eclética e arte nova, com planta retangular, simétrica, e dois pátios quadrangulares interiores, é evidente uma aproximação na arquitetura dos edifícios, os quais são constituídos por três corpos e quadro pisos, embora um dos pisos do palácio seja a cave. O Hotel Curia apresenta ainda torreões nos extremos das fachadas, o que lhe acrescenta mais um piso.

A fachada principal é composta, em ambos, por três panos, sendo os laterais idênticos, ocorrendo ainda uma subdivisão do pano central noutros três. Aqui podemos distinguir, no palácio, que a porta principal encontra-se no centro, com duas janelas de cada lado, tudo em arco de volta perfeita. O contrário acontece no hotel, onde o centro é marcado por um janela encimada por um relógio e duas portas de arco de volta perfeita de cada lado.

“No primeiro e segundo piso do hotel, quatro pilastras em forma de colunas jónicas, encimadas por volutas, separam as seis janelas, e as varandas, três retangulares no primeiro piso e três de arco de volta perfeita no segundo, rematadas por três frontões triangulares.”⁹ No palácio, as janelas, de arco abatido, do andar nobre são separadas por dois pares de colunas coríntias e rematadas por duas pilastras, havendo apenas uma varanda central, rematadas por apenas um frontão triangular.

O hotel apresenta ainda, num plano mais recuado, um frontão de grandes dimensões, decorado com vitral e por um painel de ferro com a palavra “Palace”. No palácio, o piso das águas furtadas termina com uma balaustrada com acrotérios nos limites das pilastras.

⁶ Arruda, Mila de Simões – op. cit. p. 507

⁷ Fernandes, José Manuel – **A Architectura: Sínteses da Cultura Portuguesa**. Lisboa: A. Coelho Dias Lda. 1991. p. 46.

⁸ Matias, Cecília; Castro-Caldas, Luísa - **Curia Palace Hotel**: SIPA, 2003/2005. [Consult. 22 de Agosto]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=19811>.

⁹ Idem, *Ibidem*

Nos panos laterais, que no hotel equivalem aos torreões, três vãos de janelas, no piso térreo com moldura de arco de volta perfeita, sendo o centro a porta, no primeiro e no segundo piso janelas retangulares com varanda em ferro e no último, janelas em arco de volta perfeita, varanda apenas na central e um friso que percorre a fachada. A ladear os corpos encontra-se uma dupla pilastra. No palácio, os três vãos são semelhantes, no piso térreo com janelas de arco de volta abatida com máscara nos dintéis e parapeito gradeado, no primeiro andar janelas semelhantes sem as mascaras e nas águas furtadas pequenas janelas em arco de volta perfeita.

As fachadas laterais, mais simples em ambos, estando as do palácio enriquecidas com terraços no piso térreo.

A fachada posterior toma a forma de “U” em ambos os casos, com o recuo do plano central.



Figura 1 - Palace Hotel Curia / Fonte: monumentos.pt

Noutras obras deste arquiteto, tais como o Palacete Seixas (figura 2), de 1920¹⁰, embora sejam notadas diferenças, como a irregularidade na planta retangular, composta por vários volumes e dimensões distintas, variando de 2 para 3 pisos, com torreão, adaptando-se ao declive do terreno, e a simplicidade das fachadas em relação aos dois exemplos anteriores, é possível ver certos detalhes que demonstram desde já as características do estilo adotado por este arquiteto, sendo elas os terraços, varandas, arcos de volta perfeita e arcos abatidos em janelas e portas, decoração com frontões, volutas, brasões e colunas de ordem dórica e coríntia.

¹⁰ Castro-Caldas, Luísa; Figueiredo, Paula - **Forte de Santa Catarina / Palacete Seixas / Edifício da Messe de Cascais**: SIPA, 2005/2010
[Consult. 22 de Agosto]. Disponível em WWW:
<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22648>



Figura 2 - Palacete Seixas / Fonte: monumentos.pt

Estes elementos são também encontrados no seu Palacete na Rua Júlio Andrade (figura 3), n.º 5, em Lisboa, de 1936¹¹, onde a sua planta de configuração trapezoidal, dividida em três patamares suportados por muros, como forma a combater a inclinação do terreno, e originada por quatro pisos, onde frisos, pilastras e painéis são também evidentes.

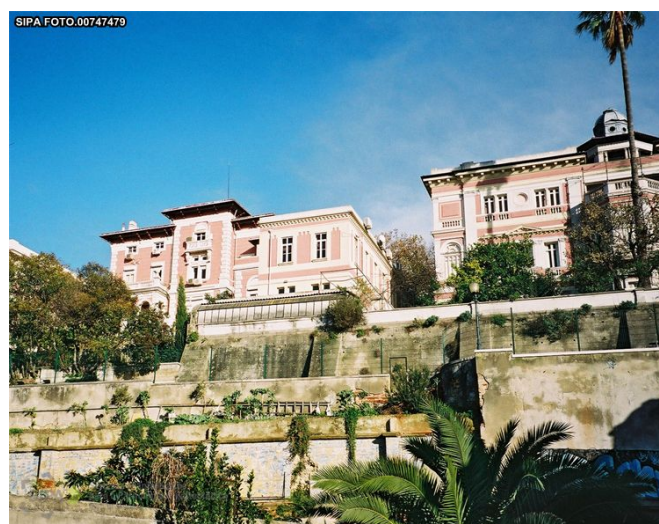


Figura 3 - Palacete na Rua Júlio Andrade nº5 / Fonte: monumentos.pt

Comparando com outras obras ecléticas de outros arquitetos da mesma época, o Palácio Mendonça (figura 4 e 5), de Miguel Ventura Terra, de 1902¹², é muito semelhante quanto à fisionomia, com quatro pisos e três corpos, sendo o central mais avançado, tal como

¹¹ Bandeira, Filomena - **Palacete na Rua Júlio Andrade, n.º 5**: SIPA, 1999
[Consult. 22 de Agosto]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7807>

¹² Gomes, Teresa Vale e Carlos - **Palácio Mendonça / Casa Ventura Terra / Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa**: SIPA, 1994

[Consult. 22 de Agosto]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2532>

acontece no palácio Fialho. Acrescentam-se ainda dois corpos térreos nos extremos. “Na fachada principal o acesso é feito por uma escadaria no corpo central, com três vãos que dividem, no primeiro andar, uma varanda com balaustrada e, no segundo andar, uma *loggia* com arcos de volta perfeita.”¹³



Figura 4 - Palácio Mendonça / Fonte: monumentos.pt Figura 5 - Palácio Mendonça / Fonte: monumentos.pt

Outros exemplos da época que pouca relação tem com o palácio em estudo, mas são importantes referências do estilo que se reproduzia em Portugal neste período, são o Palácio do Conde de Castro Guimarães em Cascais (figura 6), da autoria de Luigi Manini, em 1897, e Albrecht Haupt, em 1902¹⁴, com uma arquitetura revivalista, inspirada nos estilos neorromânico, neogótico, neoárabe e neomanuelino. “Planta retangular, composta por vários corpos irregulares e evoluindo em dois, três e quatro pisos, com torreões circulares e poligonais e balcões assentes em mísulas de perfis distintos. Muito decorado, com janelas e geminadas, gárgulas e cachorradas de inspiração medieval. Possui várias janelas alpendradas. Corpos marcados por pilastras colossais, portas e janelas em arcos de volta perfeita.”¹⁵

¹³ Gomes, Teresa Vale e Carlos - **Palácio Mendonça / Casa Ventura Terra / Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa**: SIPA, 1994
[Consult. 22 de Agosto]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2532>

¹⁴ Gomes, Teresa Vale e Carlos; Figueiredo, Mónica; Figueiredo, Paula - **Palácio do Conde de Castro Guimarães / Torre de São Sebastião**: SIPA, 1996/2003/2010
[Consult. 22 de Agosto]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6066>

¹⁵ Gomes, Teresa Vale e Carlos; Figueiredo, Mónica; Figueiredo, Paula - **Palácio do Conde de Castro Guimarães / Torre de São Sebastião**: SIPA, 1996/2003/2010
[Consult. 22 de Agosto]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6066>

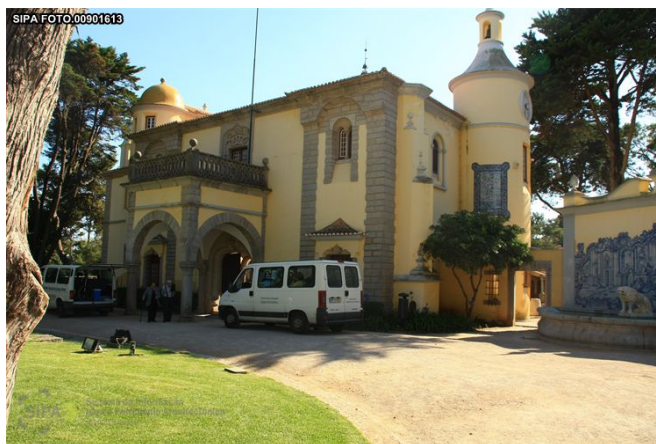


Figura 6 - Palácio do Conde Castro Guimarães / Fonte: monumentos.pt

Também o Palácio da Quinta da Regaleira em Sintra (figura 7), de Luigi Manini em 1895¹⁶, é um dos mais interessantes modelos revivalistas, de estilo neomanuelino, neogótico e neorrenascentista. É notável a inspiração que o arquiteto foi buscar à Torre de Belém e ao do Mosteiro Batalha.

O palacete tem uma forma retangular irregular, com corpos que avançam e recuam, com uma torre circular adossada quadrada, quatro pisos separados por frisos de “flores quadrifoliadas, vãos decorados com nós, cordas, gárgulas, aves, flores, *putti*, animais fantásticos, etc. Varandas corridas, de arcos abatidos sobre colunas e com balaustrada de cantaria recortada e rendilhadas, terraços com balaustrada vazada por quadrifólios, arcadas sobre modilhões, torres.

No exterior vive-se o fantástico, pela presença de um poço subterrâneo, de lagos, fontes, grutas, bancos e outros elementos, todos eles integrados numa vegetação luxuriante de jardim e mata.”¹⁷

¹⁶ Noé, Paula; Gonçalves, Joaquim - **Palácio da Quinta da Regaleira**: SIPA, 1997/2004 [Consult. 22 de Agosto]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6705>

¹⁷ Idem, *Ibidem*



Figura 7 - Palácio da Quinta da Regaleira / Fonte: monumentos.pt

Por último é importante referir o Palace Hotel do Buçaco (figura 8), de 1887 por Luigi Manini¹⁸, um palacete neomanuelino, de planta irregular e volumes articulados, uma torre, três pisos escalonados e anexos, e galeria com colunas. É de realçar a inspiração no Claustro do Mosteiro dos Jerónimos, na Torre de Belém e no Mosteiro da Batalha. Composição semelhante das fachadas. Piso térreo percorrido por galeria em arcada muito decorada, com rosetas, gárgulas, etc., suportada por colunas esculpturadas com motivos vegetalistas e geométricos. O primeiro piso é recuado com janelas em arco com decoração torsa, vegetalista e enastrada e o terceiro é ainda mais recuado, com janelas em arco de volta perfeita e rematado por platibanda de merlões piramidais sobre gárgulas e guaritas no cunhal. A torre tem um janelão em arco pleno com rosetas e folhagem e brasão real no fecho, janelas de arco perfeito e de arco conopial, com remate em platibanda decorada.

¹⁸ Alçada, Margarida; Ruão, Carlos; Matias, Cecília; Oliveira, Lina; Correia, Paula - **Palace Hotel do Buçaco / Palacete Hotel do Buçaco**: SIPA, 1983/1996/2003/2004 [Consult. 22 de Agosto]. Disponível em WWW: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5687>



Figura 8 - Palace Hotel do Buçaco / Fonte: monumentos.pt

Verifica-se assim o regresso ao jardim formal regular, refletindo as grandes casas senhoriais francesas com revivalismos e ecletismos que variam desde o jardim renascentista de base inglesa ou italiana até ao estilo Barroco de Le Nôtre.¹⁹

É possível que a inspiração para este projeto tenha vindo das viagens que o proprietário habitualmente realizada, devido à sua admiração por países estrangeiros como Espanha, França, Itália, Suíça, Alemanha, Áustria e Inglaterra, encomendando-o a um dos arquitetos de maior distinção da época.

1.2. Localização

Com um enquadramento rural isolado, nos arrabaldes da cidade de Faro, em Portugal, a Quinta surge na encosta nascente da colina da Atalaia (a mais alta da cidade), nas traseiras da Ermida de Santo António do Alto.

É possível acede-la pelo portão principal a poente na Rua de Berlim, bem como pela estrada do Moinho da Palmeira, pelo portão nascente.

Na peça desenhada 1 é possível ver a localização da Quinta em relação ao centro da cidade.

1.3. Análise Biofísica

O clima é temperado mediterrânico de Faro, segundo a classificação climática de Köppen, com duas estações bem marcadas, onde se sente um período chuvoso e frio ameno, e outro quente e seco, que predomina.

¹⁹ Marques, T.D.P. – op. cit, p. 208

A temperatura média anual é a mais elevada de Portugal Continental, de 17°C, sendo a variação ao longo do ano bastante regular. A amplitude térmica anual varia entre os 6,3°C até aos 16,5°C.²⁰

A radiação solar nesta região apresenta também o valor mais alto do território nacional, superior a 3000 horas anuais.²¹ Faro apresenta um total de radiação solar por ano de cerca de 161735 cal/cm² e um valor total de insolação por ano de cerca 3110.4 horas, com maior percentagem em julho e agosto.²²

A precipitação concentra-se fundamentalmente no outono e inverno, entre os meses de outubro a abril, considerando-se o clima como moderadamente chuvoso, com valores médios anuais compreendido entre os 500 e 1000 mm, embora a zona litoral Sul apresente valores menores, entre os 250 e 500 mm, tornando-se um clima semiárido.²³

A evapotranspiração potencial apresenta os maiores valores do país, com uma média anual de 895 mm. A evapotranspiração real tem um valor médio anual de 500 mm.²⁴ Verifica-se que esta é superior à precipitação, a maior parte do ano, com exceção do período de novembro a março, o que resulta numa deficiência de água no solo nos meses de abril a outubro. O inverso observa-se nos meses de fevereiro e março, resultado da precipitação ocorrida entre novembro e este último mês.

A Serra Algarvia marca a paisagem panorâmica que se observa ao longo de todo o terreno, protegendo-o dos ventos provenientes de Norte, embora possam ser sentidos durante a noite. Para além destes, ventos provenientes de Sudeste e Sul fazem-se sentir no final da manhã, e de Sudoeste à tarde, embora o fenómeno mais significativo seja o levante, proveniente de Este e Sudeste, com maior frequência na primavera ao outono, variando de intensidade durante o dia, sendo mais intenso à noite e de manhã com o valores máximos de 30-40 km/h.²⁵

A geologia é constituída por uma camada de aluviões do Holocénico com espessuras na ordem dos 20 metros, na qual a parte superior é formada por níveis argiloarenosos sobrepostos a blocos mais grosseiros superiores a 20 centímetros, tendo por base um areão grosseiro com elementos quartzosos da ordem de 0,5 centímetros. Estão também

²⁰ Loureiro, João Mimoso- **Monografia Hidrológica do Algarve**. Faro: Universidade do Algarve, 1983. p. 26

²¹ (Loureiro), ibidem

²² Faria, J. R.; Almeida, M. J. R.; Godinho, S.; Machado, M. S.- **O Clima de Portugal, Estudo hidroclimatológico da região do Algarve**. Lisboa: Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, 1981. p. 33.

²³ (Faria, Almeida, Godinho & Machado), op. cit. p. 56.

²⁴ (Loureiro), op. cit. p. 27.

²⁵ (Faria, Almeida, Godinho, & Machado), op. cit. p. 34.

presentes formações do Miocénico de Siltes Glauconíticos, com 30 a 40 metros, depositadas tipo graben, onde aparecem fosseis de moluscos e equinídeos.²⁶

O sistema de aquíferos da Campina de Faro ocupa uma área de 86,4 km², e é constituído por dois aquíferos independentes, um deles, livre, contido em formações do Quaternário, e outro confinado multicamada, em formações miocénicas subjacentes. O superior recebe recarga diretamente das águas pluviais, e o inferior, devido à quase inexistência de afloramentos, é recarregado de forma indireta, através do leito das linhas de água, sendo a do Rio Seco a de maior importância, e maioritariamente por transferências a partir dos calcários Jurássicos situados mais a Norte, por meio de falhas e outros condicionalismos estruturais. O sistema é limitado a Norte (pelas tais formações Jurássicas), a este (em Olhão) e a oeste (Quarteira) por formações do Cretácico menos permeáveis, embora seja possível a conexão entre eles. A Sul é limitado pelo mar.²⁷

As aluviões apresentam baixa produtividade, pois as suas argilas torna-a muito pouco permeável.²⁸

O nível freático está próximo da superfície (1 a 5 metros) e os aquíferos desta área tem pouca espessura.²⁹

As direções de fluxo dos aquíferos mais superficiais seguem o desenvolvimento da rede de drenagem superficial, em direção do mar, embora ocorra grande pressão piezométrica, como consequência do volume de extração e da concentração de captações. Como é uma zona costeira sofre elevado grau de vulnerabilidade na sobre-exploração de recursos subterrâneos, podendo ocorrer a salinização dos aquíferos e dos solos.³⁰

Quanto aos solos, para além das formações dunares de solos litólicos não húmicos pouco insaturados a normais, de arenitos grosseiros, existem aluviossolos de antigos calcários, de textura pesada, classificados pelo SROA (anexo I), que se encontram elevados relativamente ao curso de água que os originou, devido a elevações tectónicas, construindo terraços fluviais que não recebem adição de sedimentos.³¹

As camadas superficiais de sedimentos fluviais, têm textura arenosa, saibrosa ou argilosa, e encontram-se em boas condições devido ao cultivo. Podem surgir subsolos compactos e

²⁶ Almeida, C.; Mendonça, J. J. L.; Jesus, M. R.; Gomes, A. J.- **Sistema de Aquíferos de Portugal Continental - Sistema Aquífero: Campina de Faro (M12)**. (2000). [Consult. 23 de Novembro de 2012]. p. 551.

²⁷ Almeida, C.; Mendonça, J. J. L.; Jesus, M. R.; Gomes, A. J.- **Sistema de Aquíferos de Portugal Continental - Sistema Aquífero: Campina de Faro (M12)**. (2000). [Consult. 23 de Novembro de 2012]. p. 553

²⁸ (Almeida, Mendonça, Jesus, & Gomes), op. cit. p. 554

²⁹ (Almeida, Mendonça, Jesus, & Gomes), op. cit. p. 551

³⁰ (Almeida, Mendonça, Jesus, & Gomes), op. cit. p. 555

³¹ Kopp, Erwin- **Os solos do Algarve e as suas características**. Faro: Direcção Regional de Agricultura do Algarve, 1989. pp. 25/152/160

estanques causados por trabalhos de cultivo a profundidade de 20-30 centímetros, conduzindo ao encharcamento do horizonte A, que pela sua morfologia horizontal, torna difícil o escoamento lateral.³²

Visto a maior parte da água da precipitação não se infiltrar no subsolo, o escoamento superficial é aproximadamente proporcional às quedas pluviométricas.

O nível da toalha freática oscila durante o ano, encontrando-se na época seca mais baixo, o que resulta na dessecação das camadas superficiais, podendo afetar a flora e a fauna.

Quanto ao uso do solo nesta região algarvia, embora esteja na sua maioria artificializado, este é formado por sedimentos provenientes da erosão das áreas a Norte, o que lhe confere uma ótima capacidade agrícola, estando integrados na RAN (anexo I).

O pH do subsolo é ligeiramente alcalino³³ permite o desenvolvimento de espécies tais como a alfarrobeira, a amendoeira, a figueira e a oliveira, que constituem o tradicional pomar de sequeiro, bem como diversas fruteiras mediterrânicas de regadio, como por exemplo citrinos, pessegueiros, damasqueiros, ameixeiras, frutas subtropicais nomeadamente o abacateiro, bem como todo o género de culturas hortícolas, quer em estufa, quer ao ar livre.

A área da Quinta está compreendida entre as curvas de nível 5 e 45 metros tendo o ponto mais alto uma cota aproximada de 44 metros, e a mais baixa de 9 metros.

Estando estruturada em três patamares, desenvolvendo-se numa encosta exposta a Nordeste, de modo a adaptar-se à morfologia do terreno. Os declives apresentados entre o patamar superior e o intermédio são entre os 7% e 10%, enquanto que entre este último e o inferior, a inclinação é mais suave, com declives entre os 6,8% e os 3,9%.

Está inserida no Plano Diretor Municipal de Faro como na categoria de “Espaço Urbano Histórico de Faro”.

³² (Kopp), op. cit. p. 160

³³ Kopp, Erwin- **Os solos do Algarve e as suas características**. Faro: Direcção Regional de Agricultura do Algarve, 1989. p. 164.

1.4. Análise Histórica

A partir da segunda metade do século XIX, ocorreu na cidade de Faro um grande desenvolvimento económico, social e cultural, o que originou a expansão do seu tecido urbano, para além da área da cerca seiscentista.³⁴

No morro da Atalaia, num meio rural isolado do centro da cidade, estava aqui situada a Quinta do Alto, desde o início do século XVII, ocupada pelos Jesuítas do Colégio de Faro. Indícios desta posse estavam ainda visíveis, pela presença de um pequeno pavilhão de três janelas, com cobertura ornamentada, situado no muro contíguo à azinhaga, entre esta Quinta e a Quinta da família Virgílio Inglês Baião, que remonta ao século XVIII.³⁵ A casa que aqui existia, foi destruída para a edificação do palácio. A Ermida de Santo António do Alto, capela barroca, situada junto a um miradouro, é também ela uma prova, ainda hoje existente, da presença desta congregação.³⁶

A pedreira da conhecida pedra da Atalaia tinha também aqui lugar.³⁷

No tempo do bispo D. Joaquim de Santana Carvalho (1820-1823), a Quinta estava na posse da Diocese³⁸, passado a pertencer, por herança, a José Bento Ferreira de Almeida (1847-1902), deputado pelo Algarve de 1884 a 1901 e Ministro da Marinha e Colónias em 1895, no fim do século XIX, a meias com a sua irmã, que acabou por vender-lhe a sua parte por nove contos.³⁹

Existem dúvidas quanto ao seguinte proprietário deste terreno, afirmando Joaquim Manuel Vieira Rodrigues⁴⁰, que José Bento Ferreira de Almeida, a vendeu a Júdice Fialho, por 11.000 escudos, enquanto José António Pinheiro e Rosa⁴¹, refere que o mesmo a vendeu ao Doutor Paulo Cúmano, passando depois para a posse de Vicente Baptista Pires, o qual a vendeu a Júdice Fialho, em 1911.

³⁴ Tojal, Alexandre Arménio Maia- **Arquitectura doméstica em Faro na segunda metade do século XIX: Normas e práticas**. Lisboa: Monumentos, 2006. p. 130.

³⁵ Rosa, José António Pinheiro e- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro**. 1ª edição. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1984. p. 25.

³⁶ Oliveira, Catarina- **Palácio Fialho**. <http://igespar.pt>: IGESPAR, 2008. [Consult. 13 de Setembro].

³⁷ Rosa, José António Pinheiro e- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro**. 1ª edição. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1984. p. 25.

³⁸ (Rosa), ibidem.

³⁹ Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- O Império Fialho. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999b. p. 460.

⁴⁰ Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- A Burguesia Farense. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias : elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999a. p. 42.

⁴¹ (Rosa), op. cit. p. 25-26.

Júdice Fialho mandou aqui construir, a sua nova residência, inspirada nos no revivalismo dos palácios da região de Loire, em França, encomendando o projeto ao grande arquiteto Manuel Joaquim Norte Júnior, distinto pela elegância das linhas das suas construções.⁴²

José Pinheiro e Rosa refere:

“Foi, pois, neste sítio, donde se goza um esplêndido panorama, que no ano de 1915, em plena I Grande Guerra, Faro viu começar a surgir da terra as paredes do mais sumptuoso edifício que nela jamais se construiu.”⁴³

Sobre a antiga pedreira, foram abertos os alicerces do palácio.

A sua construção demorou dez anos, empregando muitas dezenas de operários, neste período de grande pobreza⁴⁴. Foi então, a 2 de maio de 1925, que o proprietário e a sua família foram para lá morar,⁴⁵ aqui residindo até à data da sua morte (1934).

Em 1954, a Diocese do Algarve adquire a Quinta, já desprovida da maioria do receio mobiliário, das decorações e das obras de arte, na pessoa do Prelado D. Francisco Fernandes Rendeiro, Bispo Coadjutor do Algarve.⁴⁶

No dia 9 de janeiro de 1955, abre o Colégio de Nossa Senhora do Alto nestas instalações, tendo sido transferido de Monchique, onde tinha o nome de Colégio de Santa Catarina, da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, existente desde 1931.⁴⁷ Surge uma nova ação educativa, por parte das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição.

Funcionava então como colégio interno feminino, com aproximadamente 130 alunas. O corpo docente era composto por dez freiras, com a colaboração de alguns professores da cidade.

Com o aumento do número de alunas, foi necessária a expansão das instalações, montando-se um novo pavilhão de aulas e ginásio. A construção do edifício demorou cinco anos, abrindo a 8 de janeiro de 1966.⁴⁸

A estrutura da casa principal manteve-se inalterada.

Após a revolução de abril, o colégio começa a admitir rapazes e alunos externos.

⁴² (Rosa), op. cit. p. 26.

⁴³ (Rosa), ibidem.

⁴⁴ Rosa, José António Pinheiro e- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro**. 1ª edição. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1984. p. 26.

⁴⁵ (Rosa), ibidem.

⁴⁶ **Uma escola com história**. <http://www.colegiodoalto.net>: Colégio de Nossa Senhora do Alto - Faro, 2011. [Consult. 4 de Novembro].

⁴⁷ Idem, Ibid.

⁴⁸ Idem, Ibid.

Em 2007 as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição terminam a sua atividade pedagógica no Colégio de Nossa Senhora do Alto, sendo este agora gerido pelas Irmãs Salesianas.

Cronologia

Século XVII – A Quinta do Alto pertencia aos Jesuítas do Colégio de Faro;

1820 – Passa para propriedade da Diocese;

1895 – Quinta na posse de José Bento Ferreira de Almeida;

1911 – Júdice Fialho compra a propriedade;

1913 – Projeto do palácio, da autoria do Arquiteto Norte Júnior, encomenda de João Júdice Fialho;

1915 – 1925 – Obra de construção do Palácio Júdice Fialho;

1925 – Júdice Fialho e a família mudam-se para esta residência;

1934 – Morte de Júdice Fialho;

1954 – A Diocese do Algarve adquire a Quinta;

1955 – Abertura do Colégio de Nossa Senhora do Alto nestas instalações;

1961 – 1966 – Construção de um novo edifício de aulas;

1999 – Proposta de classificação pela Câmara Municipal de Faro, a 9 de novembro;

2004 – Proposta de abertura do processo de classificação pelo IPPAR/DRFaro, a 21 de julho. Despacho de abertura do processo de classificação do Presidente do IPPAR, a 7 de setembro;

2007 – Proposta da DRCAlgarve para a classificação como IIP (Imóvel de Interesse Público) e de ZEP, a 23 de novembro;

2008 – Parecer favorável à classificação e à ZEP pelo Conselho Consultivo do IGESPAR, a 11 de junho;

2012 – Publicado no DR, nº 31, 2ª série, o Anúncio nº 3034/2012 de Projeto de decisão relativo à fixação da ZEP, a 13 de fevereiro;

2012 – Publicado no DR, nº 252, 2ª série, a Portaria n.º 740-FR/2012, a 31 de fevereiro, a classificação como Monumento de Interesse Público (anexo II)

1.5. O Proprietário

João António Júdice Fialho, nascido a 17 de abril de 1859 em Portimão, filho de Francisco Alexandre Abreu Fialho e de Maria Glória Júdice⁴⁹, “foi no seu tempo um caso paradigmático de um dos maiores “capitães da indústria”, em Portugal, e, certamente, o maior na esfera conserveira.”⁵⁰

A sua atividade começou no comércio juntamente com o seu pai⁵¹, profissão já exercida pelo seu avó, António Joaquim Júdice⁵², e logo aí obteve alguma relevância, por abastecia em anos de crise, a região do barlavento algarvio, em petróleo, cabos, alcatrão e materiais para embarcações e pesca.⁵³

Em 1881, torna-se fabricante de vinho, com o seu amigo João José da Silva Ferreira Neto, abrindo sociedade, a Neto & Fialho⁵⁴. Fundem a primeira fábrica de destilação de frutos secos no Algarve, com o nome de “S. Christovão”⁵⁵. Temos referência desta no número 925 do Jornal “O Algarve de 1925:

“São esperados em Faro setenta volumes de maquinas, no valor de 5.500\$00 reis, que o vapor *Luzitania* deve trazer para a fabrica de destilação pertencente a aos srs. Neto & Fialho, desta cidade.”⁵⁶

E no mesmo jornal, número 968 de 1926:

“Tem tido uma lisonjeira aceitação nos mercados de Lisboa o alccol produzido pela fabrica dos nossos amigos srs. Netto & Fialho, da praça de Faro.”⁵⁷

Esta fábrica de álcool, embora não tenha feito Júdice Fialho se destacar no mercado, após trabalhar durante vinte anos, melhorou de alguma forma a situação económica da região,

⁴⁹ **João António Júdice Fialho**. http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=133391: Geneall. [Consult. 13 de Setembro].

⁵⁰ Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- **O Império Fialho**. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999. p. 405.

⁵¹ Serra, Jorge Miguel Robalo Duarte- **O Nascimento de um império conserveiro: “A Casa Fialho”**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007. p. 45.

⁵² (Serra), *ibidem*.

⁵³ (Rodrigues), *ibidem*.

⁵⁴ (Rodrigues), *ibidem*.

⁵⁵ Serra, Jorge Miguel Robalo Duarte- **O Nascimento de um império conserveiro: “A Casa Fialho”**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007. p. 51.

⁵⁶ Ha 44 anos de “O distrito de Faro” de 22 de Dezembro de 1881. **O Algarve**. Vol. Nº 925 (1925).

⁵⁷ **Ha 44 anos de “O distrito de Faro” de 19 de Outubro de 1882: O Algarve**. Nº 968, 1926. [Consult. 24 de Outubro].

dando emprego a muitos operários, e enriquecendo pelos resíduos, os terrenos do concelho de Faro e arredores.⁵⁸

Júdice Fialho, casa com Maria Antónia Cúmano, filha mais velha do médico Justino Cúmano, a 24 de julho de 1882, em Faro⁵⁹, nascendo a 7 de abril do ano seguinte, Maria Justina Júdice Fialho.⁶⁰

A 15 de fevereiro de 1885, a sociedade realiza uma escritura, assinando parceria comercial com Francisco Constantino Pereira Matos, onde este passa a explorar uma das fábricas de destilação de aguardente, por trinta contos durante doze meses, tendo direito a um a um terço dos lucros da empresa.⁶¹

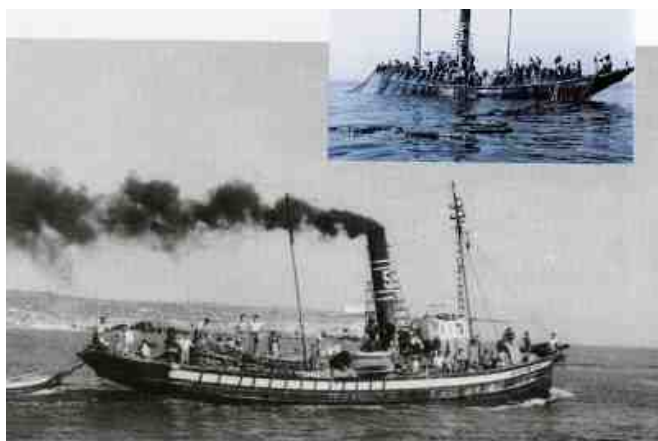


Figura 9 - Galeão a Vapor da firma
(Fonte: faroafundo.blogspot.pt)

Passou depois a dedicar-se à pesca da sardinha e do atum, como armador, sendo o primeiro industrial a utilizar um cerco a vapor, o “Portugal I”, em Portimão⁶². Possuiu também cinco veleiros, todos eles denominados “O Algarve”. Mais a frente investiu na pesca do bacalhau, na Terra Nova⁶³ (Canadá), sendo a sua descarga efetuada em Portimão, Faro ou Olhão, portos onde havia secas.⁶⁴

⁵⁸ Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- O Império Fialho. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999. p. 405

⁵⁹ (Rodrigues), ibidem

⁶⁰ **João António Júdice Fialho**. http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=133391: Geneall. [Consult. 13 de Setembro]

⁶¹ (Serra), op. cit. p. 52

⁶² (Rodrigues), ibidem.

⁶³ Marreiros, Glória Maria- **Quem foi quem: 200 algarvios do século XX**. Lisboa: Colibri, 2000. p. 199.

⁶⁴ Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- O Império Fialho. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999. p. 405-406.

Tornou-se o maior proprietário agrícola do Algarve, pela aquisição de morgados com vastos terrenos pelos concelhos de Loulé, Faro, Olhão, Lagoa, Albufeira e Portimão⁶⁵, onde cultivou pimenteiros e aproveitou os marmeleiros e gamboeiros já existentes em algumas das propriedades, criando indústrias de pimentão e de marmelada, que abasteciam o país.⁶⁶ Implementava experiências e novas técnicas para melhorar a produtividade, como por exemplo sistemas de drenagem por compressão⁶⁷ e captação de água.⁶⁸

Mas foi na indústria conserveira que obteve maior destaque.

Em 1892, inaugura a fábrica de conservas de sardinha “S. José”, em Portimão, uma das primeiras do país, e a de “S. Francisco” de sardinha e atum, em 1904, também conhecida como “Estrumal”, pertencente ao mesmo concelho. Nesta última existia também um estaleiro naval, onde eram fabricadas as próprias embarcações da frota pesqueira e de transporte (composta por sete traineiras e treze acostados⁶⁹), e para o seu abastecimento, dispunha de uma frota de vapores e de gasolinas.⁷⁰ Seguiram-se as fábricas de Ferragudo (1904), Lagos (1904), , Funchal (1909), Olhão (1913), Peniche (1915), Sines (1926) e de Matosinhos (1960).⁷¹

Este conjunto de fábricas veio melhorar em grande escala a condição financeira algarvia, empregando muitos operários, principalmente mulheres.⁷² Em 1930, o império de Júdice Fialho empregava mais de 4000 trabalhadores.⁷³

Existem algumas dúvidas quanto à cronologia, devido à escassez de dados, nos quais alguns documentos afirmam que a atividade conserveira iniciou-se primeiro que a piscatória. De qualquer forma, as duas vem a complementar-se, não dependendo assim, às oscilações e condicionalismos do mercado.

Mas a capacidade empreendedora de Júdice Fialho não ficou por aqui. De forma a completar toda esta indústria, produziu matérias-primas necessárias para as conservas,

⁶⁵ (Rodrigues), op. cit. p. 406.

⁶⁶ (Marreiros), op. cit. p. 200.

⁶⁷ (Rodrigues), ibidem.

⁶⁸ (Marreiros), op. cit. p. 199.

⁶⁹ **A realidade Júdice Fialho: o passado e o presente.** Lisboa: Comissão Sindical de Júdice Fialho, 1978. p. 6.

⁷⁰ (Rodrigues), op.cit. p. 407.

⁷¹ Serra, Jorge Miguel Robalo Duarte- **O Nascimento de um império conserveiro: “A Casa Fialho”.** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007. pp. 59-64.

⁷² Marreiros, Glória Maria- **Quem foi quem: 200 algarvios do século XX.** Lisboa: Colibri, 2000. p. 199.

⁷³ **A realidade Júdice Fialho: o passado e o presente.** Lisboa: Comissão Sindical de Júdice Fialho, 1978.

nos seus terrenos agrícolas, nomeadamente azeite⁷⁴; comprou pinhais no distrito de Viana do Castelo, para produção de caixas de peixe de madeira; uma fábrica de latas para as conservas; e montou uma litografia, em 1904⁷⁵, onde se fabricavam chapas de lata embelezadas com “arte nova”⁷⁶.

Assim sendo, tornou-se uma empresa autossuficiente.



Figura 10 - Pedra de litografia usada nas conservas de Júdice Fialho (Fonte: promontoriodamemoria.blogspot.pt)



Figura 11 – Lata de conserva da firma (Fonte: trilhos-da-ana.blogspot.pt)

O produto, de grande qualidade, era apreciado internacionalmente, e com este “império”, a fortuna deste Senhor desenvolveu-se com rapidez, como podemos ler na Grande enciclopédia portuguesa e brasileira:

“As suas marcas, sobretudo de conservas de sardinha, eram em breve das mais acreditadas do País e daquelas que mais altas cotações obtinham nos mercados estrangeiros, sobretudo em Inglaterra, onde angariaram grande fama.”⁷⁷

Os lucros obtidos por todos estes bens, aproximadamente 10000 contos anuais⁷⁸, eram empregados no desenvolvimento da indústria, pela modernização da maquinaria e pelo melhoramento das condições dos seus operários, mas também em propriedades agrícolas disseminadas pelos concelhos de Faro, Portimão, Loulé, Lagoa e Olhão, tornando-se o maior proprietário agrícola do Algarve. Joaquim Manuel Rodrigues refere:

⁷⁴ Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- O Império Fialho. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999. p. 407.

⁷⁵ (Rodrigues), ibidem.

⁷⁶ (Marreiros), ibidem.

⁷⁷ **Júdice Fialho: Grande enciclopédia portuguesa e brasileira**. Lisboa: Editorial Presença. Volume 14. p. 148.

⁷⁸ **A realidade Júdice Fialho: o passado e o presente**. Lisboa: Comissão Sindical de Júdice Fialho, 1978.

“João António Júdice Fialho (1859-1934), grande magnata conserveiro, não apenas do Algarve, mas do próprio país e o mais importante proprietário rural do Algarve.”⁷⁹

Como afirma Jorge Miguel Robalo Duarte Serra⁸⁰, “da mãe herdou o prestígio e nome de família, do pai, eventualmente, o “gosto pelo negócio”, já que este estava ligado ao comércio”.

O seu investimento a nível pessoal e cultural, passou pela realização de várias viagens pelo estrangeiro. Jorge Miguel Serra refere:

“Júdice Fialho era, ao invés, estamos em crer, de muitos industriais conserveiros e não só, um homem de razoável cultura, um apaixonado pelos livros e pela pintura, verdadeiro cosmopolita, pois percorrera a Espanha, a França, país da sua predileção, a Itália, a Suíça, a Alemanha, a Áustria e a Inglaterra.”⁸¹

Detinha uma vasta coleção de obras de arte, que reunia no palácio que mandou construir em Faro⁸², o qual passou a ser a sua residência.

Possuía também outros três imóveis: o Palacete Doglioni (Palacete Cúmano), e outro edifício oitocentista, ambos em Faro, um *chalet* na Praia da Rocha, em Portimão,⁸³ e prédios em Lisboa e Sines.⁸⁴

No início da década de 60, para além do património já enumerado, a empresa dispunha de: duas fábricas de guanos e farinhas de peixe e uma carteira de títulos composta por Ações em diversas empresas portuguesas.

E também de grande importância destacar, a sua extrema generosidade, tendo doado, em certas ocasiões, significativos montantes para “causas sociais”, e ajudando muito os seus operários, em momentos de aperto.

Podem ser aqui referidas algumas histórias que comprovam esta afirmação, tais como: a que o industrial mandou distribuir donativos, no Natal de 1908, aos operários que se encontravam em greve, contra a introdução de máquinas automáticas de soldadura; a

⁷⁹ Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- A Burguesia Fareense. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias : elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999. p. 461.

⁸⁰ Serra, Jorge Miguel Robalo Duarte- **O Nascimento de um império conserveiro: “A Casa Fialho”**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007. p. 45.

⁸¹ (Serra), op. cit. p. 46.

⁸² (Serra), ibidem.

⁸³ Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- O Império Fialho. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999. p. 410.

⁸⁴ **A realidade Júdice Fialho: o passado e o presente**. Lisboa: Comissão Sindical de Júdice Fialho, 1978.

contribuição de com donativos para auxilio dos pobres, quando houve a febre tifoide, em 1909, ou a gripe pneumónica, em 1918; e o envio de conservas para o exercito português e para a cruz Vermelha, durante a primeira Guerra Mundial,⁸⁵ referenciada no Jornal “O Algarve” no número 497 de 1917:

“Mais uma vez o nosso conterraneo o abastado industrial sr. Antonio Judice Fialho, deu mostras do seu generoso coração, correspondendo a uma circular da Cruz Vermelha, procurando aos industriaes de conservas o mais barato preço, com destino às nossas tropas. O sr. Fialho mandou oferecer àquela sociedade 100 caixas de latas de sardinha, o que é um importante donativo, principalmente pelo exemplo e pelo significado do destino da oferta.

Toda a imprensa de Lisboa se refere com louvor a este acto altruista do nosso magnanimo industrial.

Bem haja pois.”⁸⁶

As duas grandes guerras, deram muito lucro à empresa, pela exportação de conservas para países aliados, como Inglaterra e França.

Quanto ao seu carácter cívico, temos referências: em 1890, de ter sido júri do tribunal do comércio do distrito de Faro; de ter pedido ao governo, juntamente com Ferreira Neto, para que fosse estabelecido um comboio que ligasse Faro e as Amoreiras; de ter decorado as ruas de Portimão, com outros comerciantes, quando D. Carlos e D. Amélia a visitaram, em 1897⁸⁷; de pertencer à “Associação Comercial e Industrial de Faro”, em 1908⁸⁸; de participar na “Conferencia Internacional de Comércio de Pesca”, em Madrid a 1915, onde contestou a ambição dos espanhóis quanto à pesca em águas do Algarve e Minho, que iria causar grandes prejuízos ao nosso pais. Mais tarde, em 1927, participa no “I Congresso Nacional de Pesca e Conservas”, em Setúbal, onde estudou as ideias apresentadas, propondo novas medidas para o desenvolvimento da indústria.⁸⁹

⁸⁵ Serra, Jorge Miguel Robalo Duarte- **O Nascimento de um império conserveiro: “A Casa Fialho”**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007. p. 49.

⁸⁶ **Ecos de semana – Benemerencia: O Algarve**. Nº 497, 1917. [Consult. 30 de Setembro].

⁸⁷ Serra, Jorge Miguel Robalo Duarte- **O Nascimento de um império conserveiro: “A Casa Fialho”**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007. p. 46.

⁸⁸ Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- **O Império Fialho**. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999. p. 411.

⁸⁹ (Serra), op. cit. p. 47.

Quanto à vida social, o primeiro relato que encontramos, refere-se à sua presença no cortejo do tricentenário de Camões em Portimão, a 10 de junho de 1880, no jornal “A independência”, tendo nesta altura 21 anos.⁹⁰

No que toca à política, sabe-se que foi candidato da oposição pelo partido Regenerador, em 1889.⁹¹

A nível académico, nada se sabe, pensando-se não ter seguido educação superior, pelo facto de ser sempre tratado por “Senhor Júdice Fialho”.⁹²

A 17 de março de 1934, Júdice Fialho morre, em Lisboa.⁹³

Ao seu funeral compareceram mais de 1500 pessoas, e os comerciantes instalados nas ruas do trajeto da procissão, encerraram as suas lojas.⁹⁴

Em 1947 deu-se início ao processo de partilhas, sendo os edifícios, as propriedades e os títulos retirados à empresa e distribuídos.⁹⁵

No final da década de 60, a empresa entra em declínio, extinguindo-se após a revolução do 25 de abril de 1974, devido à dívida de enorme valor que prestava ao Banco Espírito Santo, acumulada pelos empréstimos bancários realizados para pagar os salários e matérias-primas.⁹⁶

1.6. O Arquiteto

Manuel Joaquim Norte Júnior, nascido a 24 de dezembro de 1878, em Lisboa⁹⁷, foi um arquiteto português de grande excelência na arquitetura moderna, e um dos mais ativos no princípio do século XX.

⁹⁰ (Serra), ibidem.

⁹¹ (Serra), op. cit. p. 46.

⁹² (Serra), op. cit. p. 45.

⁹³ **João António Júdice Fialho**. http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=133391: Geneall. [Consult. 13 de Setembro].

⁹⁴ Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- A Burguesia Farense. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias : elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999. p. 461.

⁹⁵ **A realidade Júdice Fialho: o passado e o presente**. Lisboa: Comissão Sindical de Júdice Fialho, 1978.

⁹⁶ **A realidade Júdice Fialho: o passado e o presente**.

⁹⁷ Albino, Raquel- **Norte Júnior - Leitura da sua obra através da construção moderna**. 15 de Outubro. Arquitectura de Papel: Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Disponível em WWW: <[http://arqpapel.fa.utl.pt/pt/files/FAUTL_Raquel%20Albin o.pdf](http://arqpapel.fa.utl.pt/pt/files/FAUTL_Raquel%20Albin%20o.pdf)>.

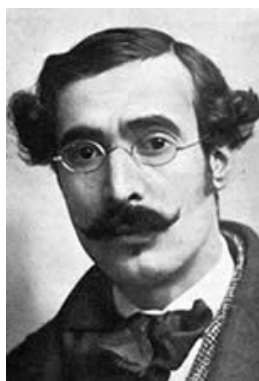


Figura 12 - Manuel
Joaquim Norte Júnior
(Fonte: geneall.net)

Em 1891, ingressa no curso preparatório da Escola de Belas-Artes de Lisboa, entrado depois para o curso de Arquitetura Civil, que é concluído em 1900.⁹⁸ Durante este período, recebeu ensinamentos da escola francesa, por parte do Mestre Monteiro⁹⁹, o que o leva depois a partir para Paris, como pensionista do Estado no estrangeiro, para frequentar a Escola de Belas-Artes e o *atelier* Pascal.¹⁰⁰

Regressa a Lisboa, lecionando um curso livre de arquitetura.¹⁰¹

Começa então a sua carreira de notável prestígio, edificando várias áreas da capital, bem como monumentais palacetes, destinados à burguesia em ascensão tanto no Estoril, Cascais e Sintra, como em Cúria, Faro e Horta.

O seu primeiro projeto documentado, trata-se de um teatro, em 1901, embora não tenha sido realizado, não se sabendo a sua exata localização.¹⁰²

Mas é em 1904, que o seu trabalho começa a ter importância, ao edificar a sua primeira grande obra, a Casa-Atelier José Malhoa, na Avenida 5 de Outubro em Lisboa.¹⁰³ Foi com este projeto que inaugurou a sua notável participação na arquitetura das Avenidas Novas. Para além destas obras, outras estão enumeradas no inventário dos seus projetos.¹⁰⁴

Desenhou também a ornamentação e decoração da grande sala dos Paço Municipal como aqui vem referenciado:

“Este nosso amigo e ilustre arquitecto foi convidado pela Comissão Executiva de Camara Municipal desta cidade a desenhar a ornamentação e decoração em estuques da grande sala dos Paços Municipaes, em via de conclusão.

O nosso amigo, que é um dos mais ilustres artistas algarvios (Norte Junior é de Estoy) acedeu da melhor vontade ao desejo da comissão e fará gratuitamente esse trabalho, que por certo, será como tudo o que lhe sahe das mãos, uma coisa distinta e primorosa.”¹⁰⁵

⁹⁸ (Albino), *ibidem*

⁹⁹ Paixão, Maria da Conceição Bravo Ludovice- **Norte Júnior - Obra architectónica**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1989. p. 4.

¹⁰⁰ (Albino), *ibidem*.

¹⁰¹ (Paixão), *ibidem*.

¹⁰² Albino, Raquel- **Norte Júnior - Leitura da sua obra através da construção moderna**. 15 de Outubro. Arquitectura de Papel: Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Disponível em WWW: [http://arqpapel.fau.utl.pt/pt/files/FAUTL_Raquel%20Albin o.pdf](http://arqpapel.fau.utl.pt/pt/files/FAUTL_Raquel%20Albin%20o.pdf).

¹⁰³ Silva, João- **Casa de Malhoa / Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves**: SIPA, 1992a.

[Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3064>.

¹⁰⁴ Presentes no Anexo III.

¹⁰⁵ Norte Junior - e a Camara Municipal. **O Algarve**. (1924).

Embora este e outros artigos do mesmo Jornal refiram que o Arquiteto “era de Estoi”, sabe-se que nasceu em Lisboa.

O prémio Valmor, atribuído a partir de 1902 pela Câmara Municipal de Lisboa, veio a estimular a qualidade da ornamentação do edificado.¹⁰⁶ Norte Júnior foi galardoado com cinco destes prémios, pela Casa Malhoa (em 1905) (figura 13), Vila Souza (em 1912) (figura 14), uma Moradia na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa (em 1914) (figura 15), uma Moradia na Avenida da Liberdade, em Lisboa (em 1915) (figura 16), e a Pensão Tivoli (em 1927) (figura 17) e por duas Menções Honrosas do Prémio Valmor, por um Edifício na Avenida da República (em 1908) e pela Moradia na Praça Duque de Saldanha (em 1912),¹⁰⁷ recebendo também uma medalha de Ouro no Rio de Janeiro.¹⁰⁸

Foi nas décadas de 1900, 1910 e 1920, que a sua criatividade esteve no auge, exprimindo-se nas suas obras.¹⁰⁹

Em 1905 casa-se, com Mariana Godinho¹¹⁰, e estabelece-se na zona de Sintra, montando o seu *atelier* em Lisboa.

Em 1962, morre no local de sua residência¹¹¹ e no final dos anos 70 o seu *atelier*, situado na Praça Ilha do Faial em Lisboa, é destruído, perdendo-se um valioso conjunto documental da sua obra.¹¹²

¹⁰⁶ Paixão, Maria da Conceição Bravo Ludovice- **Norte Júnior - Obra arquitectónica**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1989. p. 2.

¹⁰⁷ **Prémio Valmor: Prémios Valmor**. <http://premiosvalmor.blogspot.pt/>. [Consult. 19 de Outubro].

¹⁰⁸ Rosa, José António Pinheiro e- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro**. 1ª edição. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1984. p. 26.

¹⁰⁹ Paixão, Maria da Conceição Bravo Ludovice- **Norte Júnior - Obra arquitectónica**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1989. p. 2.

¹¹⁰ **Manuel Joaquim Norte Júnior**. Geneall. [Consult. 10 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=1075947>.

¹¹¹ **Manuel Joaquim Norte Júnior**. O traço do arquitecto na paisagem na paisagem sintrense: Câmara Municipal de Sintra. [Consult. 10 de Outubro]. Disponível em WWW: <<http://tracodoarquitecto.cm-sintra.pt/index.php/norte-junior/projectos-manuel-joaquim-norte-junior>>.

¹¹² Paixão, Maria da Conceição Bravo Ludovice- **Norte Júnior - Obra arquitectónica**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1989. p. 5



Figura 13 - Casa Malhoa (Fonte: askmelisboa.com)

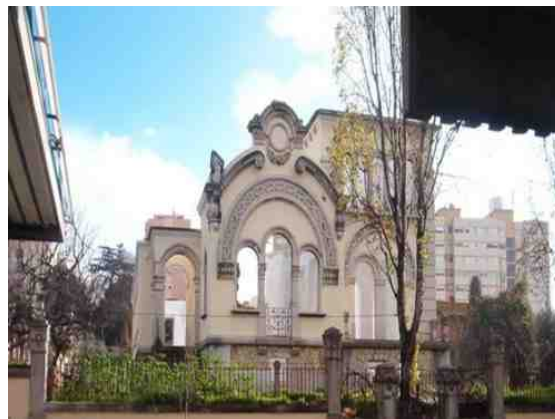


Figura 14 - Vila Souza (Fonte: cm-lisboa.pt)



Figura 15 - Moradia na Avenida Fontes Pereira de Melo (Fonte: pt.wikipedia.org)

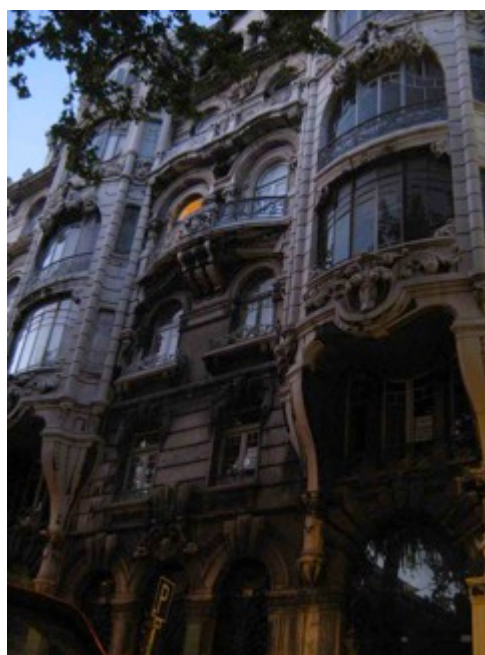


Figura 16 - Edifício na Avenida da Liberdade (Fonte: marcasdasciencias.fc.ul.pt)



Figura 17 - Pensão Tivoli (Fonte: premiosvalmor.blogspot.pt)

2. Estudo da Quinta

É necessário efetuar-se um levantamento preciso do local a conhece-lo na totalidade e intervir de modo a evitar conflitos com o significado cultural do mesmo, tal como a Carta de Burra refere no segundo ponto do Artigo 27:

“A fábrica, o uso, as associações e os significados existentes devem ser adequadamente registados antes que sejam feitas quaisquer alterações ao sítio.”¹¹³

2.1. Levantamento

2.1.1. Estrutura Geral

Como meio mais eficaz, e para uma fácil compreensão da estrutura da Quinta, será descrita ao longo dos seus três patamares (peça 2), começando pelo mais elevado.

A entrada principal faz-se por um grande portão de ferro, localizado na cota mais alta deste terreno (sensivelmente 44 metros). Aqui encontramos a casa do porteiro, juntamente com um tanque elevado, que abastece as zonas agrícolas.

Daqui parte uma estrada alcatroada, de inclinação aproximada de 7%, ladeada por um muro alto, coberto por trepadeiras, e uma sebe de loendro (*Nerium oleander*), que dá acesso ao patamar intermédio. A Noroeste, outro muro limitante, parte também da entrada principal, acompanhado por um subtil caminho de acesso ao patamar seguinte, com inclinação 11,5%, marcado por azinheiras. Entre os dois, temos presente uma mata de recorte em V, onde caminhos em terreno aberto acompanham o declive.

Chegando ao patamar intermédio, o terreno torna-se plano, com cota de 26 metros, e aqui, seguindo a estrada, encontramos a fachada lateral Sudeste do palácio. Este, rodeado por um jardim de estilo francês, marca o terreno, pela sua centralidade e imponência.

A traseira do palácio, é por sua vez mais rica, sendo destinada ao lazer e contemplação dos habitantes. Nesta, pavimentado por terra batida, encontramos um lago, e um parque infantil de cada lado, um para crianças dos dois aos cinco anos, gradeado, e outro para alunos dos seis aos dez. Também aqui está localizado o edifício de aulas e ginásio do colégio, um pouco mais a Oeste.

A área alcatroada, que vem desde a estrada de entrada, “espalha-se” por toda a extensão deste patamar, em redor dos canteiros, passando também em frente a fachada principal do

¹¹³ ICOMOS, Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios /- **Carta de Burra**, 1980. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <<http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>>.

edifício do colégio, onde aqui é rematada por um muro de suporte, avistando-se ao fundo um pequeno miradouro, junto ao caminho das azinheiras acima referido.

Em toda a sua superfície, balaustradas em mármore rematam este patamar, sendo apenas interrompidas por uma escadaria de dois lances divergentes, que conflui para um apenas, em frente à fachada principal do palácio, após o jardim formal, dando acesso ao patamar inferior.

Aqui, um eixo, também alcatroado, que divide dois lados de uma mata. À direita, de formato mais orgânico, limitada por pomares, e à esquerda, de planta geométrica, terminando na imediação da Quinta da Senhora Menina, uma área que ainda pertence à diocese, mas que agora está alugada a um ente externo, que organiza eventos. Assim sendo, este espaço será referido aparte.

Entre estes espaços encontra-se um caminho a Noroeste, que atravessa os talhões agrícolas, dividindo-os. Junto a estes, logo antes do muro que limita a Quinta a Nordeste, existia a vacaria, que hoje se encontram alugadas à “Quinta da Fantasia”, de eventos infantis, e outras inutilizadas, que apenas servem de arrumação para máquinas agrícolas.

Ainda neste tabuleiro, encaixado entre o muro de suporte em frente ao edifício de aulas e as balaustradas da fachada lateral Noroeste, tomam lugar quatro campos de jogos, onde encontramos uma escada de acesso ao patamar intermédio, junto à capela acima referida.

O acesso automóvel ao patamar inferior é também possível, através de um caminho alcatroado que parte da fachada lateral Sudeste do palácio, chegando à escadaria.

Esta Quinta tem três portões, o principal, na cota mais alta do terreno, um a Este, da Quinta da Senhora Menina, e um a Sul, da casa das Irmãs de Calcutá, embora apenas o primeiro seja funcional para aceder à área descrita.

A peça 3 representa o plano da propriedade.

2.1.2. Edificado

2.1.2.1. Palácio

O Palácio Fialho é um edifício de arquitetura civil novecentista encomendado ao Arquiteto Norte Júnior no século XX.¹¹⁴

¹¹⁴ Lameira, Francisco- **Palácio Fialho / Colégio de Nossa Senhora do Alto**. SIPA, 1996b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4484>.

Tem um formulário revivalista da arquitetura clássica francesa do século XVIII, ligado ao ecletismo, com características burguesas, a pedido do seu proprietário, Júdice Fialho, homem muito apreciador desta vertente artística.



Figura 18 - Palácio Fialho (Fonte: Clara Moura)

De planta retangular, com três corpos, é composto por quatro pisos no total: a cave, um térreo, o andar nobre e as águas furtadas (quatro águas duplas de tipo mardeliano).¹¹⁵

As suas fachadas são simétricas, com frisos que dividem os pisos, cimalhas, cunhais e pilastras, sendo a principal mais distinta.¹¹⁶

Voltada a Este, é composta por um escadaria de 14 degraus, que dá acesso à porta principal, com arco de volta perfeita e cantaria com relevos do estilo, ladeada por dois pares de colunas de mármore de ordem jónica. Ao seu lado, duas grandes janelas, também elas de arco de volta perfeita, encimadas por uma pequena oval, tomam lugar no corpo central, seguidas de mais três, de arco abatido rematadas por um busto, de cada um dos lados dos corpos laterais. Todas elas apresentam parapeito gradeado. No andar nobre, encontramos, logo acima da porta principal, uma janela de arco de volta perfeita, com uma oval destinada a um brasão, rodeado por relevos, sobre o seu dintel, e um pequeno balcão gradeado, ladeado por dois pares de colunas coríntias rematadas por acrotérios no topo. A seu lado estão presentes quatro janelas, de cada lado, de arco abatido com parapeito gradeado. No andar superior, um remate em frontão clássico ladeado por balaustradas no eixo central, enquanto os corpos laterais são compostos por 3 janelas de águas-furtadas em cada um deles de arco de volta perfeita.

As fachadas laterais são idênticas, tendo no piso térreo um terraço ladeado por balaustrada em pedra de cantaria, com nove pequenas janelas por baixo, pertencentes à cave, e nove portas que dão acesso ao interior, em que as cinco centrais têm dintel mais

¹¹⁵ Lameira, Francisco- **Palácio Fialho / Colégio de Nossa Senhora do Alto**. SIPA, 1996. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4484>.

¹¹⁶ (Lameira), *ibidem*

trabalhado com um busto. No primeiro andar o mesmo número de janelas gradeadas repete-se, com o mesmo traço, em que as três centrais abrem para um balcão com balaustrada, suportado por modilhões. No último piso, mais nove janelas, estas de peito, em águas-furtadas, idênticas às da fachada principal.



Figura 19 - Fachada principal do palácio Fialho Fonte:
Clara Moura



Figura 20 - Fachada lateral do palácio Fialho Fonte:
Clara Moura

Na fachada posterior o eixo central encontra-se mais recuado, com uma escadaria que dá acesso à cave, ladeada por balaustradas com o mesmo desenho que as anteriormente referidas. No corpo central, três pequenas janelas na cave, três janelas de arco abatido no piso térreo e mais três no andar nobre, de composição semelhante, e no último piso, duas janelas redondas. Nos corpos laterais, dois vãos por piso em cada corpo, com composição idêntica as anteriores.

No interior, temos acesso ao grande átrio, pela porta principal, revestido de mármore, marcado por três pares de colunas de ordem jónica monolíticas e uma monumental escadaria com um lanço central de 17 degraus e dois laterais suportados por uma coluna clássica de cada lado, com capitéis compósitos que a emolduram, dando acesso ao andar superior.

Ainda neste piso, encontramos uma lareira em mármore e uma pintura oval no teto, que representa o “Rapto das Sabinas”. Quatro portas almofadadas, cada uma com uma pintura oval de paisagens bucólicas, sobre o dintel, dão acesso a salas. À direita, encontra-se a sala de jantar, com outra lareira em mármore, uma Sagrada Família com S. João e uma pintura oval no teto dos “Anjos e Meninos”. À sua volta estão as copas, tendo uma delas um monta-cargas, o primeiro existente no Algarve, segundo José Pinheiro e Rosa¹¹⁷, que transportava as refeições da cozinha, logo a baixo, na cave, para este local. No lado

¹¹⁷ Rosa, José António Pinheiro e- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro**. 1ª edição. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1984. p. 27.

esquerdo, outra sala, também ela com uma pintura oval no teto e paredes onde, antigamente, se destacavam quadros, resistindo apenas dois, que representam a “Morte de S. João Baptista” e a “Visitação de Nossa Senhora”.

No primeiro andar, acima da escadaria, uma enorme claraboia ilumina toda esta área, onde as paredes estão providas de enquadramentos para tapeçarias, que aqui deveriam existir na época, estando infelizmente vazias nos nossos dias. Segundo Luís Passos¹¹⁸, este espaço foi inspirado no edifício dos Passos do Concelho, da Câmara Municipal de Lisboa, do século XIX. Aqui encontramos o salão central, que tinha a função de sala de música, funcionando hoje como capela do colégio. Contíguos a esta encontram-se os quartos, que continuam com a função de dormitórios para as freiras da congregação.

Todo o edifício é percorrido por corredores que dividem as salas, marcando interiormente os três corpos compositores. Nas traseiras, existe também uma escadaria em caracol que liga todos os pisos, e o primeiro elevador existente no Algarve, segundo José Pinheiro e Rosa¹¹⁹.

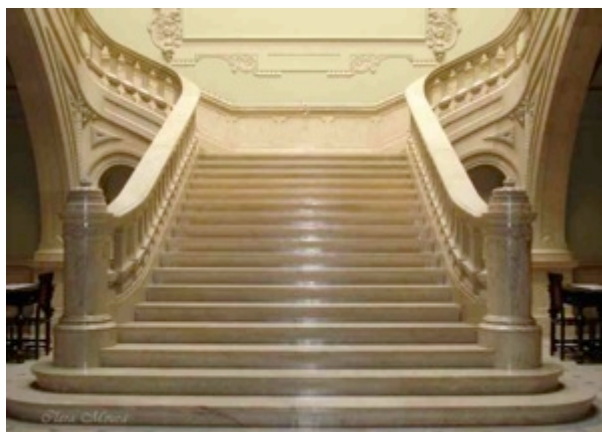


Figura 21 - Escadaria do átrio do palácio Fialho (Fonte: Clara Moura)



Figura 22 - Elevador do palácio Fialho (Fonte: Clara Moura)

Os materiais de construção utilizados no palácio são de excelência, sendo as madeiras que pavimentam as salas e os sótãos, importadas do Brasil e as que forram o telhado da América do Norte.¹²⁰ Os grandes blocos de mármore, que formam as colunas e a escadaria, foram trazidos da região de Lagos por barcos, até ao porto de Faro, de onde

¹¹⁸ Passos, Luís- **O edifício mais notável de Faro: Palácio Fialho ou Palácio do Alto: Faro é Faro**. 2011. [Consult. 10 de Setembro]. Disponível em WWW: <<http://faroefaro.blogspot.pt>>.

¹¹⁹ Rosa, José António Pinheiro e- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro**. 1ª edição. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1984. p. 27.

¹²⁰ (Rosa), op. cit. p. 27-28.

eram puxados por juntas de por juntas de bois, pela Avenida de Santo António, até ao presente local.¹²¹

Joaquim António Nunes¹²² refere que em Portimão, havia uma serração de pedra para preparar o mármore utilizado na construção do palácio, havendo assim dúvidas quanto à origem desta pedra.

A cave e também ela pavimentada a mármore e o telhado era noutros tempos forrado a chapas zincadas e peças de ardósia em forma de escama de peixe nas coberturas laterais que ladeiam as mansardas, tendo sido substituída por chapas metálicas.

Todas as divisões estão delicadamente estucadas e os frescos são da autoria de Benvindo Ceia, como podemos verificar no jornal “O Algarve” de 1924:

“Esteve ha dias em Faro este distincto artista, que segundo nos consta, está encarregado de vários trabalhos de decoração pictorial no palacio do sr. Fialho.

Benvindo Ceia, é um dos melhores pintores portugueses e daqueles em que a gente não sabe o que é maior, se o talento se a modestia.”¹²³

E também temos esta referência no mesmo jornal em 1925:

“Está em Faro ha já bastantes dias este ilustre artista e nosso velho amigo.

Benvindo Ceia está pintando no palácio do sr. Júdice Fialho, que assim ilustra essa bela habitação com a obra de homens dos mais cotados no meio artístico portuguez.”¹²⁴

Para fornecer energia ao palácio de modo a alimentar a iluminação e os dois elevadores, foram instalados 2 geradores de grande potência.¹²⁵

2.1.2.2. Edifício do Colégio

O edifício do colégio, construído em 1960, é da autoria do Arquiteto algarvio Manuel Gomes da Costa, inspirado em linhas Modernistas.

¹²¹ Rosa, José António Pinheiro e- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro**. 1ª edição. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1984. p. 27.

¹²² Nunes, Joaquim António- **Júdice Fialho e a Evolução Histórica de Portimão**. Lisboa: Casa do Algarve, 1956. p. 12.

¹²³ Benvindo Ceia. **O Algarve**. (1924).

¹²⁴ Benvindo Ceia. **O Algarve**. Vol. Nº 885 (1925).

¹²⁵ Passos, Luís- **O edificio mais notável de Faro: Palácio Fialho ou Palácio do Alto: Faro é Faro**. 2011. [Consult. 10 de Setembro]. Disponível em WWW: <http://faroefaro.blogspot.pt>.



Figura 23 - Edifício do colégio
(Fonte: Autora)

Gomes da Costa, nascido em 1922, em Vila Real de Santo António¹²⁶, formou-se na Escola de Belas Artes do Porto em 1953, voltando a sua terra natal, onde foi “um dos principais responsáveis pela introdução do movimento modernista no Algarve, nos anos 50 do século XX”.¹²⁷

Foi na capital desta região que a sua obra obteve maior expansão, como por exemplo o edifício Tridente, algumas casas na Praia de Faro, bem como o edifício em causa.¹²⁸

A sua obra tem sido homenageada ao longo do tempo, obtendo até à data três menções honrosas, um prémio de autor com cheque, uma medalha de ouro da cidade de Faro, e é membro honorário da Ordem do Arquitetos.¹²⁹

Este edifício é constituído por três corpos ligados por corredores. A entrada principal faz-se pelo corredor/átrio que liga o corpo da secretaria e sala de professores, de planta quadrada, com primeiro andar e cave, ao central, retangular, de dois andares e cave, onde se situam as salas de aulas. O terceiro corpo, também ele de planta retangular, é ocupado pelo ginásio, e ligado ao anterior por um corredor onde estão as casas de banho.

Grandes janelas e arcos, e uma arquitetura económica, funcional e geométrica, de linhas retas e desprovidas de ornamentação, presentes neste edifício, caracterizam o estilo deste movimento, acabando por contrastar de forma agressiva com o palácio e com o jardim formal envolvente.

A sua construção deveu-se à falta de espaço para aulas, devido ao aumento progressivo de alunas no colégio, acabando assim por ocupar e destruir parte do jardim formal que aqui

¹²⁶ Varela, Ana Sofia- **Obra "modernista" do arquitecto Manuel Gomes da Costa em foco em palestra na sexta-feira, em Faro.** Barlavento online: Agência Lusa, 2010. [Consult. 11 de Outubro]. Disponível em WWW: <<http://www.barlavento.pt/index.php/noticia?id=39406>>.

¹²⁷ Varela, Ana Sofia- **«Moderno ao Sul» homenageia arquitectura de Gomes da Costa:** Barlavento online, 2009. [Consult. 11 de Outubro]. Disponível em WWW: <<http://www.barlavento.pt/index.php/noticia?id=37078>>.

¹²⁸ (Varela), ibidem.

¹²⁹ (Varela), ibidem.

existia. Esta obra vai contra princípios das cartas de conservação e restauro de monumentos e sítios com significado cultural do ICOMOS, nomeadamente, a Carta de Burra¹³⁰, de 1980, que refere no artigo 8, que não é apropriada a “construção nova, a demolição, as intrusões e outras alterações que possam afetar negativamente a envolvente ou os relacionamentos”, e no artigo 22, que menciona que uma nova obra é aceitável apenas “quando ela não distorça ou obscureça o significado cultural do sítio, ou desvirtue a sua interpretação e apreciação.”

Nos últimos anos foi acrescentado um anexo junto ao ginásio, que funciona como balneário.

2.1.2.3. Casas das máquinas

São várias as pequenas edificações que encontramos ao longo da Quinta.

Na parte posterior do edifício do colégio, junto ao lago dos leões, encontra-se uma pequena casa retangular onde se situam duas casas de banho, uma feminina e uma masculina, e a caldeira.

No talhão agrícola logo abaixo do caminho que os divide, está a casa dos motores do poço, que se encontra junto a ela.



Figura 24 - Casa de banho e caldeira (Fonte: Autora) Figura 25 - Casa dos motores (Fonte: Autora)

¹³⁰ ICOMOS, Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios /- **Carta de Burra**, 1980. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>.



Figura 26 - Anexo agrícola do último talhão (Fonte: Autora)



Figura 27 - Anexo agrícola (Fonte: Autora)

2.1.2.4. Habitações dos funcionários

Para além do palácio, que tem a função de dormitório para as freiras da congregação, existe mais uma casa nos limites da Quinta, onde habita o porteiro/guarda e a sua família. É uma pequena casa cor-de-rosa, de planta quadrangular, situada no ponto mais alto do terreno, junto ao portão principal.

Apresenta uma faixa de duas filas de azulejos “Viúva Lamego”, abaixo do friso com beiral. Não se sabe o ano da sua construção, embora apareça em fotografias antigas, o que nos leva a pensar que seja da mesma altura do palácio. A sua cor também tem vindo a ser alterada.



Figura 58 - Casa do porteiro (Fonte: Autora)

2.1.2.5. Outros elementos

Vários elementos completam o espaço com pormenores que o embelezam, tais como:

- Um torreão, situado no meio da mata de entrada, de planta circular, que devia ter a função de vigia, ou apenas caráter decorativo. Infelizmente, está em muito mau estado de conservação.
- Uma pequena construção de planta retangular, junto a uma parcela agrícola do conjunto superior (figura 29). Não se conhece o seu fim, mas pelo seu perfil poderá ter sido um estábulo para cavalos. Está também ao abandono.
- Outra estrutura retangular, um pouco mais abaixo, junto à casa dos motores do poço (figura 30). Composta por quatro muros de 0,62 metros de altura, interrompidos pela entrada, com o centro marcado por uma pequena taça de água com 2,25 metros de diâmetro inserida num retângulo rodeado por uma passadeira em tijoleira. Está também ela abandonada e em mau estado de conservação. Não se sabe o seu significado, mas pelo seu perfil, deduz-se ter sido uma estrutura de lazer, onde se cultivavam plantas ornamentais, pois identificam-se canteiros e doze pilaretes que sustentariam uma estrutura de ferro, tipo pérgula, que deveria suportar trepadeiras. Seria um espaço de repouso onde a sombra das trepadeiras, o som da água e o odor das aromáticas transmitia paz e tranquilidade aos seus utilizadores. (peça 5)
- A vacaria, localizada junto ao portão de acesso pela Estrada do Moinho da Palmeira, está hoje em dia afastada da sua função original, encontrando-se em parte alugada a um ente externo que organiza eventos infantis com o nome Quinta da Fantasia (figura 31), e outra que serve de arrumação para máquinas agrícolas.
- Um pequeno pavilhão branco (figura 32), de planta quadrada, encontra-se no muro limitante que faz fronteira com a Quinta Virgílio Inglês Baião. É formado por três janelas e uma entrada, todas em arco de volta perfeita, com cobertura em cúpula rosa e cinza, ornamentada e uma escadaria de cinco degraus que lhe dá acesso. Segundo José Pinheiro e Rosa¹³¹, provem do tempo dos Jesuítas do Colégio de Faro que aqui habitavam inicialmente, tendo a função de miradouro.
Ao longo do tempo tem vindo a ser reparada.
- Por fim encontramos mais três casas, uma junto aos campos de jogos, que serve de arrumos, outra no últimos talhões agrícolas e a última junto aos pomares de laranjeiras, que se encontram abandonadas.

¹³¹ Rosa, José António Pinheiro e- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro**. 1ª edição. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1984. p. 27.



Figura 29 - Estábulo (Fonte: Autora)



Figura 30 – Estrutura de lazer (Fonte: Autora)



Figura 31 - Quinta da Fantasia (Fonte: quintadafantasia.com)



Figura 32 - Miradouro (Fonte: Autora)

2.1.2.6. Quinta da Senhora Menina

Esta parte da Quinta encontra-se agora isolada do restante terreno, embora esteja contida dentro dos seus limites. Ocupa uma área de 25.000 metros quadrados, onde se realizam eventos, por parte de um ente externo, como forma de rentabilizar o terreno.

O acesso faz-se diretamente pelo portão nascente da Quinta, tendo à sua esquerda um parque de estacionamento. Uma escadaria leva-nos a uma pequena casa que se pensa ter pertencido aos caseiros na altura do proprietário, e que agora funciona como receção (figura 33). De planta quadrangular, com o terço central da fachada principal mais avançada, onde se situa a porta de entrada, encimada por uma escadaria de dois lances opostos, cada um com quatro degraus, e guarda de ferro. Embora de pequena dimensão e de arquitetura simples, esta casa apresenta uma faixa composta por três filas de azulejos tipicamente portugueses “Viúva Lamego”, azuis e brancos de figuração variada,

semelhante à casa do porteiro, entre as janelas e o friso com beiral, que a tornam muito interessante visualmente.

Para além desta casa existe um edifício e uma tenda, onde tomam lugar os eventos, e um anexo onde se situam as casas de banho.

O espaço exterior é composto por jardins relvados marcados por um tanque em forma de trevo, um terraço (figura 34 e peça 5) e um poço, inutilizado hoje em dia.

Segundo Margarida Costa em “Quintas da Campina de Faro”¹³², o terraço de forma retangular, constituía uma passeira, com a função de secagem de frutos como figos, ou apenas uma estrutura de lazer e contemplação, dada a existência de sete bancos embutidos de cada lado dos muros, com 0,5 metros de altura e 2 metros de comprimento, divididos por oito pequenas colunas de 0,72 metros de altura, que sustentam floreiras de barro intercaladas com candeeiros. Tem uma entrada a meio dos muros que a circundam e outra junto ao poço, e é composta por tijoleira cerâmica (0,30x0,15 metros) tipo Santa Catarina da Fonte do Bispo¹³³.

Do lado oposto ao tanque é rematada por um frontão triangular, com arestas arredondadas, rematado por duas colunas quadradas, e outra ainda no centro, encimadas por um candeeiro. É ornamentada por volutas. (peça 5)



Figura 33 - Receção da Quinta da Senhora Menina
(Fonte: Autora)



Figura 34 - Terraço da Quinta da Senhora Menina
(Fonte: Autora)

¹³² Costa, Margarida Sofia Jordão- **Quintas da Campina de Faro: levantamento e caracterização**. Faro: Universidade do Algarve, 2004. p. 55.

¹³³ (Costa), ibidem.

2.1.2.7. Casa das Irmãs de Calcutá

Embora esta habitação já se localizar fora das imediações da propriedade, é importante aqui referi-la, pela sua antiga função.

De planta retangular e arquitetura semelhante à casa dos caseiros, servia de central elétrica a todo o terreno, fornecendo energia, nomeadamente, ao elevador e ao montacargas do palácio, à iluminação, e a atividades agrícolas, entre outros.

Existe ainda hoje um portão que, por um caminho alcatroado, liga esta casa ao palácio.

Também os terrenos que se encontram à sua volta, fez noutros tempos parte Quinta, tendo sido vendida na época de 70, à Câmara Municipal de Faro para construção de habitação social. Antes constituía um grande eucaliptal.

2.1.3. Estrutura Verde

Toda a Quinta é contida numa estrutura verde, onde são identificáveis três tipos distintos que a constituem, ao longo seus três patamares: mata, jardim do estilo francês, e zona agrícola. (peça 6)

A mata toma lugar em três partes distintas. A primeira a referir, encontra-se logo após a entrada principal, seguindo pela encosta Noroeste até às traseiras do edifício do colégio, tomando uma forma triangular, limitada por dois muros.

Por ela abrem-se caminhos que a percorrem, observando-se variadíssimas espécies arbóreas, tendo como as mais imponentes, uma fileira de azinheiras perto do muro Noroeste, bem como vários exemplares de pinheiros do Alepo (*Pinus halepensis*).

No patamar inferior, situam-se as outras duas partes, divididas por um eixo, que une o palácio à Quinta da Senhora Menina. A da esquerda, tem traçado aproximadamente retangular, onde se verifica alguma organização das espécies, como por exemplo, em possíveis entradas marcadas por Ciprestes, formando 2 eixos que as unem, bem como uma zona central marcada por uma circunferência de palmeiras, levando-nos a concluir que era um local de culto e contemplação. Hoje em dia, este local serve de recreio para os alunos do colégio, e aqui encontram-se grandes peças de calcário que possivelmente já existiam no tempo do proprietário, pois são do mesmo material das escadarias e terraços exteriores do palácio, o que nos leva a pensar que tenham sido excedentes da construção, possivelmente de origem deste local, visto ter sido anteriormente a pedreira da Atalaia.

À direita deste eixo, a outra parte, de caráter semelhante ao da mata de entrada, marcada por espécies de grande porte, dispostas aleatoriamente, que se estende até ao muro limitante Sul.

O anexo IV apresenta o quadro da listagem das árvores e arbustos mais significativos, efetuada pela autora, com a colaboração do Engenheiro Agrônomo João Costa, a sua família e origem, e o respetivo número de espécies presentes nas três áreas classificadas como Mata.

A mata integra cerca de 34 espécies englobadas em 20 famílias provenientes dos cinco continentes: 35% da Europa e Região Mediterrânica, 24% do continente Americano, 17,5% da Ásia, 17,5% da Austrália e 6% de África.

Como espécies mais importantes, que dão um toque inteiramente mediterrânico à mata de entrada, salientam-se: *Pinus halepensis* Mill., *Quercus rotundifolia* Lam., *Olea europaea* L. e *Ceratonia siliqua* L.. Já as matas do patamar inferior, a diversidade é maior, dominando as Cupressáceas, nomeadamente *Cupressus sempervirens* L., *Cupressus sempervirens horizontalis* L. e *Cupressus lusitanica* Mill., bem como exemplares de *Cedrus atlantica* G.Manetti, *Pinus halepensis* Mill., *Grevillea robusta* A.Cunn., *Brachychiton populneus* R.Br., *Ceratonia siliqua* L., *Jacaranda mimosifolia* D.Don, *Olea europaea* L., *Melia azedarach* L., *Washingtonia filifera* (Linden ex André) H.Wendl. e *Robinia pseudoacacia* L..



Figura 35 - *Pinus halepensis* Mill. (Fonte: Autora)



Figura 36 - *Quercus rotundifolia* Lam. (Fonte: Autora)



Figura 37 - *Cupressus lusitanica* Mill. (Fonte: Autora)



Figura 38 - *Cupressus sempervirens* L. (Fonte: Autora)



Figura 39 - *Cupressus sempervirens horizontalis* L. (Fonte: Autora)



Figura 40 - *Ceratonia siliqua* L. (Fonte: Autora)



Figura 41 - *Cedrus atlantica* G.Manetti (Fonte: Autora)



Figura 42 - *Olea europaea* L. (Fonte: Autora)



Figura 43 - *Grevillea robusta* A.Cunn. (Fonte: Autora)

O jardim de estilo francês, inspirado nos jardins da região francesa do Vale de Loire, situa-se na envoltura do palácio, no patamar intermédio, rematado por balaustradas.

O Vale de Loire está inscrito no património mundial da UNESCO, na categoria de paisagens culturais vivas. É uma região formada em redor do rio Loire, onde os reis e a nobreza construíam magníficos castelos, desde os fortificados do século X, aos renascentistas, atraindo os melhores designers paisagísticos.

Da fachada principal temos uma vista para um conjunto de três grandes canteiros relvados pontuados por espécies arbustivas e herbáceas anuais e persistentes, o central de forma oval, e os outros dois mais pequenos a seu lado. De cada lado da escadaria principal também está presente um canteiro, encontrando-se no da esquerda um bonito exemplar de Dragoeiro (*Dracaena draco*). Na fachada lateral Norte, outros três, também relvados, de formato orgânico distintos entre si, com exemplares espécies de porte arbóreo, e na fachada lateral Sul, o mesmo acontece, com mais três grandes canteiros. Todos eles são limitados por lancil em pedra de calcário, ao estilo de calçada portuguesa.

Não se conhece o autor dos jardins, havendo a hipótese do Arquiteto Norte Júnior ter alargado os seus conhecimentos na construção deste espaço.

O anexo IV apresenta o quadro da listagem das árvores, arbustos e herbáceas mais significativos, efetuada pela autora, com a colaboração do Engenheiro Agrónomo João Costa, a sua família e origem, e o respetivo número de espécies presentes no jardim formal envolvente ao palácio.

O jardim é bastante diversificado no que toca a botânica, integrando cerca de 50 espécies de 31 famílias, provenientes dos cinco continentes.

Com este levantamento foi possível analisar que 20% tem origem Europeia e da Região Mediterrânica, 28% do continente Americano, 20% da Ásia, 14% de África e 20% da Austrália e Nova Zelândia.



Figura 44 - *Jacaranda mimosifolia* D.Don (Fonte: Autora)



Figura 45 - *Washingtonia robusta* H.Wendl. (Fonte: Autora)



Figura 46 – *Casuarina equisetifolia* L. (Fonte: Autora)



Figura 47 - *Dracaena draco* L. (Fonte: Autora)



Figura 48 - *Pinus pinea* L. (Fonte: Autora)



Figura 49 – *Araucaria heterophylla* (Salisb.) Franco (Fonte: Autora)



Figura 50 - *Lagunaria patersonii* G.Don (Fonte: Autora)

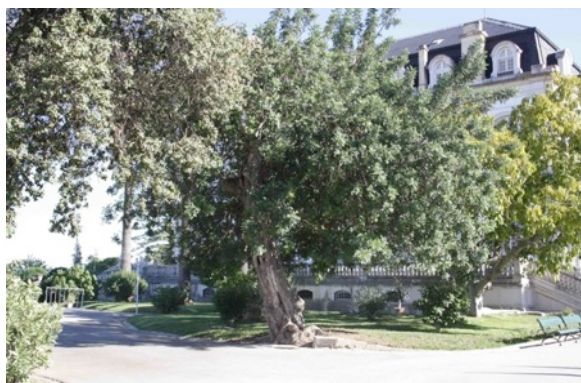


Figura 51 - *Ceratonia siliqua* L. (Fonte: Autora)



Figura 52 - *Ficus australis* Willd. (Fonte: Autora)

A zona agrícola, formada por pomares, localiza-se no patamar inferior da Quinta.

Os pomares, situam-se entre o limite murado a Nordeste e a mata à direita do eixo palácio/Quinta da Senhora Menina. É formado por laranjeiras e alfarrobeiras dispostas em alinhamentos, com mais de 30 hectares de área. A rega dos citrinos é feita por um poço que se encontra dentro dos limites da Quinta da Senhora Menina, por meio de regadeiras. As alfarrobeiras, sendo uma cultura de sequeiro, não necessitam rega.

Mais a Norte, entre este mesmo muro e o muro a Noroeste talhões agrícolas ocupam o terreno, divididos em parcelas por muros de suporte e pelo sistema hidráulico. Um caminho separa-os em dois conjuntos, tendo o conjunto superior 10 parcelas e o inferior 8. A maioria estão desocupadas, por falta de meios que os rentabilizem, estando apenas lavrados, havendo ainda alguns ocupados por pequenos pomares ou alinhamentos de nespereiras, citrinos, marmeleiros, figueiras, ameixeiras, pessegueiros, pereiras e romãzeiras.

O anexo IV apresenta o quadro da listagem das árvores e arbustos mais significativos, efetuada pela autora, com a colaboração do Engenheiro Agrônomo João Costa, a sua família e origem, e o respetivo número de espécies presentes nos talões agrícolas.

Reúnem-se ao longo do terreno 1057 espécies de árvores, ou arbustos de porte arbóreo, construindo uma vasta coleção que é possível ser localizada na peça 7.

2.1.4. Elementos de Água

Ao longo da extensão da Quinta encontramos elementos de água, tanto decorativos, como com funções de rega e drenagem do terreno. (peça 8)

Quanto a funções técnicas, dois tanques estão aqui presentes.

O primeiro (figura 53) localiza-se no ponto mais alto da Quinta, junto à casa do porteiro. Com uma estrutura quadrangular, a sua arquitetura é semelhante à desta casa, tendo a mesma cor e as mesmas fileiras de azulejos, e uma escadaria lateral de acesso ao topo. Daqui parte a água que rega toda a Quinta, vinda de um poço que se localiza no primeiro talhão agrícola do segundo conjunto.

O segundo tanque (figura 54), também ele de configuração quadrangular, situa-se no patamar inferior, junto à balaustrada que limita o jardim formal do lado esquerdo da fachada principal. Hoje em dia tem a função de piscina no final do período escolar, utilizada pelos alunos do colégio, estando forrado a tijoleira cerâmica azul clara, com sete pequenas colunas que suportam uma guarda em ferro forjado.



Figura 53 - Tanque superior (Fonte: Autora) Figura 54 - Tanque/piscina (Fonte: Autora)

Outro tanque mais pequeno (figura 55), em forma de trevo de quatro folhas, dentro dos limites da Quinta da Senhora menina tem agora uma função decorativa, embora noutros tempos tenha sido utilizado para a rega dos pomares adjacentes. Tem 8,8 metros de diâmetro e 0,93 metros de altura.



Figura 55 - Tanque da Quinta da Senhora Menina (Fonte: Autora)

Junto a este existe um poço, de onde se retirava água para os pomares de citrinos e culturas hortícolas, que se encontram na proximidade, por meio de regadeiras.

Segundo Margarida Costa¹³⁴, pensa-se ter existido um grande tanque, de elevado valor arquitetónico, formando um espelho de água, onde hoje se encontram o campo de jogos e de basquete, junto ao muro de sustentação, pois neste podemos ver cinco descarregadores. Aqui existe agora uma fonte com taça semicircular, ornamentada com um peixe por cima, de onde corria água. Segundo Margarida Costa¹³⁵, esta não era a sua localização original, pois aqui haveria o tal tanque. É possível que o peixe tenha pertencido à parte superior do tanque, e que depois da sua remoção, tenham transferido o mesmo para o nível do solo, acrescentando-lhe a taça, tendo esta um estilo e material totalmente diferente do peixe, tendo perdido todo o valor que teria.

Esta adaptação vai contra o artigo 9 da Carta de Burra¹³⁶, que refere que “uma obra ou qualquer outro componente de um sítio, deve permanecer na sua localização histórica. A relocalização é, em geral, inaceitável a menos que seja a única prática que garanta a sua sobrevivência”, e o artigo 10, do mesmo documento, onde está referenciado que “os conteúdos, acessórios e objetos que contribuem para o significado cultural de um sítio devem ser retidos no seu lugar.”

Existe ainda outra fonte, no andar intermédio da escadaria que se encontra na fronteira do palácio. É formada por uma taça de água assente em três colunas quadradas, encimada por uma escultura de dois meninos que falarei mais à frente.

¹³⁴ Costa, Margarida Sofia Jordão- **Quintas da Campina de Faro: levantamento e caracterização**. Faro: Universidade do Algarve, 2004. p. 56-57.

¹³⁵ (Costa), *ibidem*

¹³⁶ ICOMOS, Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios /- **Carta de Burra**, 1980. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>.

Não existem registos da mesma, o que nos leva a pensar que seja recente, embora se identifique que a escultura que comporta não é constituída pelo mesmo material.



Figura 56 - Fonte do peixe (Fonte: Autora)



Figura 57 - Fonte da escadaria (Fonte: Autora)

Nas traseiras do palácio, um grande e majestoso lago de mármore de forma elíptica toma lugar, com 21 metros de diâmetro no eixo mais longo e 13,20 metros de diâmetro no mais curto, com uma peça com três leões de bronze no centro. Hoje em dia está longe da sua função inicial, tendo servido em tempos como parque infantil, agora inutilizada.



Figura 58 - Lago dos leões (Fonte: Autora)

Esta peça não é original do projeto inicial da Quinta. Pensa-se ter sido construída após a morte de Júdice Fialho, talvez quando o colégio aqui se instalou. É possível que tenha tido o intuito de compensar a falta de um espelho de água, após a destruição do grande tanque.

A peça 9 apresenta desenhos de pormenores das fontes, do tanque da Quinta da Senhora Menina e do lago dos leões.

2.1.5. Elementos Escultóricos e Decorativos

O jardim formal, envolvente ao palácio, está ainda hoje “salpicado” por peças escultóricas. (peça 9)

Acredita-se que a riqueza em estatuária, no tempo do proprietário, tenha sido muito maior, embora após a sua morte, a família a tenha vendido antes de cair na posse da Diocese.

No canteiro da fachada exposta a Sudeste do palácio encontra-se uma taça em pedra rústica, com 1 metro de diâmetro, apoiada numa coluna decorada com motivos florais, característicos do século XV/XVI, segundo Margarida Costa em “As Quintas da Campina de Faro”¹³⁷.



Figura 59 - Taça em pedra rústica
(Fonte: Autora)

A fonte da grande escadaria de dois lances divergentes, que dá acesso ao patamar inferior, suporta uma peça escultórica em pedra rústica, que representa dois meninos ajoelhados, do mesmo estilo da taça acima referida.

Neste mesmo local, rematando a balaustrada, encontram-se dois lobos em pedra rústica.



Figura 60 - Escultura da fonte da escadaria
(Fonte: Autora)



Figura 61 - Escultura dos lobos na balaustrada
(Fonte: Autora)

¹³⁷ Costa, Margarida Sofia Jordão- **Quintas da Campina de Faro: levantamento e caracterização**. Faro: Universidade do Algarve, 2004. p. 54.

Também já foi referido o peixe, que faz agora parte a fonte junto ao campo de ténis, que é de material semelhante à anterior.

Encontram-se algumas semelhanças entre estas três peças escultóricas, e compreende-se nitidamente que estes não são constituintes dos elementos em que estão inseridos hoje em dia. Segundo Margarida Costa¹³⁸, fariam todos eles parte do grande tanque que hoje já não existe e que após a sua remoção, foram reaproveitados, de modo a decorar outros elementos.

Uma peça triangular, localizada no relvado da Quinta da Senhora Menina, comporta uma máscara idêntica às dos diteis das janelas laterais do palácio. Pensa-se ter sido um excedente da construção, que também foi aproveitado para ornamentar os espaços exteriores.



Figura 62 - Excedente da construção do palácio
(Fonte: Autora)

A estátua de Nossa Senhora Menina que marca o centro do canteiro oval em frente à fachada principal do palácio é recente, não tendo significado histórico. Foi aqui colocada pois simboliza a padroeira do colégio. Talvez aqui estivesse o busto de Júdice Fialho no seu tempo.

O centro do tanque em forma de trevo de quatro folhas, localizado na Quinta da Senhora Menina, é marcado por uma coluna de dois metros de altura que suporta uma peça escultórica em louça fina de barro, com 0,8 metros de altura, que representa Vénus¹³⁹.

¹³⁸ Costa, Margarida Sofia Jordão- **Quintas da Campina de Faro: levantamento e caracterização**. Faro: Universidade do Algarve, 2004. p. 56.

¹³⁹ Segundo Margarida Costa, em “As Quintas da Campina de Faro”, esta foi produzida pela Fábrica de Cerâmicas de Devezas por A.A. da Costa & S^a



Figura 63 - Escultura de Nossa Senhora (Fonte: Autora)



Figura 64 - Escultura do tanque da Quinta da Senhora Menina (Fonte: Autora)

No lago dos leões também temos uma centralidade marcada por uma coluna triangular com 1,2 metros de aresta e 0,7 metros de altura, sustenta um conjunto de três leões de bronze, com 0,92 metros de altura, que por sua vez, suportam uma taça, também ela em mármore, de 0,7 metros de diâmetro e 0,55 metros de altura, com aplicações em bronze de caras de leões e folhas de acantos.



Figura 65 - Escultura dos leões do lago das traseiras do palácio (Fonte: Autora)

Existem na Quinta três painéis de azulejos, azuis e brancos, da época joanina. Este elemento decorativo começou a ser utilizado desde a segunda metade do século XVIII.

É possível encontrá-los, nos dois lados da escadaria de acesso ao patamar inferior, em frente ao palácio, e o outro, junto ao portão que comunica com a casa das Irmãs de Calcutá.

Os dois primeiros medem 10 azulejos de altura e 17 de largura, sendo que cada azulejo tem 0,14 metros de largura, e ambos apresentam uma máscara no centro inferior.

O último painel, é mais pequeno, com 10 azulejos de altura por 8 de largura.

Representam cenas de guerra, onde se identificam cavalos, canhões, entre outros elementos, com uma cuidada reprodução da paisagem que nos transmite a sensação de profundidade. Apresentam friso bastante ornamentado, com grinaldas de flores, figuras femininas, colunas, capitéis e mísulas.

Não se conhece o seu autor, devendo ser o mesmo para os três, apenas se sabe que foram fabricados em Lisboa, mas pensa-se remontarem aos anos 20/30 do século XVIII, pelos seus enquadramentos.

São os três rematados por uma moldura em cantaria com 10 centímetros de largura.



Figura 66 - Painel de azulejos do lado esquerdo da escadaria (Fonte: Autora)



Figura 67 - Painel de azulejos do lado direito da escadaria (Fonte: Autora)



Figura 68 - Painel de azulejos junto ao portão Sul (Fonte: Autora)

2.1.6. Equipamentos e Mobiliário

Quanto ao mobiliário, que é maioritariamente dirigido aos alunos do colégio, encontramos bancos, contentores para lixo e reciclagem, mesas de piquenique, candeeiros, bebedouros e equipamentos desportivos nos campos de jogos. (peça 9)



Figura 69 - Bancos e contentores
(Fonte: Autora)



Figura 70 - Bebedouros
(Fonte: Autora)



Figura 71 - Campos de jogos (Fonte: Autora)

Encontramos também um pequeno recanto, entre uma escadaria próxima do miradouro, que dá acesso ao patamar inferior, logo abaixo do pavilhão já descrito, encontramos uma zona de descanso, composta por um banco de mármore com um painel de azulejos brancos e azuis nas costas, e ainda outro semelhante à sua frente, duas floreiras quadradas de cada lado do banco, ornamentadas com mosaico de pedaços de pratos. Estão também presentes outros dois painéis mais pequenos, compostos por apenas quatro azulejos em quadrado, e outras floreiras. Podemos identificar um painel, em pedra, que está agora pintado de branco e virado ao contrário, com a representação de um leão e outras figuras menos nítidas. Não se conhece a localização inicial deste objeto.



Figura 72 - Banco em mármore(Fonte: Autora)



Figura 73 - Painel de pedra(Fonte: Autora)

2.1.7. Pavimentos

Ao longo da Quinta encontramos quatro materiais que a pavimentam (peça 10). Grande parte da sua área é composta pelas matas e zonas agrícolas, sendo o material que as constitui terra.

As áreas que as circundam, e que funcionam como acessos utilizados por veículos automóveis e por peões, são pavimentadas por material betuminoso e por saibro, respetivamente.

O betuminoso não seria com certeza o revestimento original aqui presente, mas devido à função que a Quinta agora detém, foi necessário investir num pavimento mais resistente.

Encontramos também alguns apontamentos de calçada, tanto em caminhos que dão acesso a entradas como em valetas.

As escadarias e terraços do palácio são de pedra de cantaria.

2.1.8. Sistema Hidráulico

O sistema hidráulico desta Quinta é todo ele muito curioso, devido à sua evolução técnica para a época. Consta que Júdice Fialho terá mandado vir pessoal especializado neste campo, do estrangeiro, para construir a estrutura de rega.¹⁴⁰

Este é composto por um sistema de um poços e dois tanques, que ligados por regadeiras, fornecem a água necessária para alimentar toda a área. (peça 11)

O primeiro (figura 53) localiza-se no ponto mais alto do terreno, junto à entrada, e por gravidade, abastece toda a propriedade, desde o jardim formal e todo o patamar intermédio, incluindo o lago, e os campos agrícolas e os pomares.

O segundo tanque (figura 54), encontra-se junto aos campos de jogos. A água era para aqui transferida, do tanque superior, em épocas mais secas, de modo a ganhar altura piezométrica, conseguindo assim chegar as pomares e talhões agrícolas. Hoje em dia, apenas funciona como piscina, utilizada pelos alunos do colégio.

No patamar inferior, na primeira parcela agrícola do conjunto inferior, encontram-se o poço, que abastece o tanque, por meio de bombas elétricas, e junto a ele, a casa dos motores. Os talhões agrícolas, estão divididos por muretes, têm neles um sistema de regadeiras, por onde corria água para a sua rega.

¹⁴⁰ (Marreiros, 2000)



Figura 74 - Poço (Fonte: Autora)



Figura 75 - Regadeira (Fonte: Autora)

É identificável ainda outro poço, na Quinta da Senhora Menina. Antigamente abastecia o tanque em forma de trevo (figura 55) que se encontra junto a ele, e este fornecia água aos pomares de citrinos por meio de regadeiras. Hoje em dia já não é funcional.

Pensa-se ao longo dos tempos terem sido abertos vários poços.

O sistema de rega existente é constituído por tubagens de polietileno.

Pensa-se que, no projeto original, existia ainda um outro tanque de grandes dimensões, junto ao muro de suporte do patamar intermédio, onde hoje se encontram os campos de ténis e de basquete. Prova disso é a presença de cinco descarregadores localizados neste muro, que se encontram agora bloqueados. Este grande tanque acumulava as águas pluviais que vinham por drenagem superficial da mata de entrada e do jardim formal, para regar as hortas e pomares localizados abaixo.¹⁴¹

2.1.9. Manutenção, Utilização e Funções

A grande extensão da propriedade não torna fácil a sua gestão e manutenção. Por esta razão, e também pela utilização que dispõe nos nossos dias, a conservação de vários elementos caiu em certo descuido.

Quando Júdice Fialho criou aqui a sua residência, esta tinha a função de Quinta agrícola, onde para além do conforto e encanto dos jardins, uma zona agrícola produtiva ocupava uma grande porção.

¹⁴¹ Costa, Margarida Sofia Jordão- **Quintas da Campina de Faro: levantamento e caracterização**. Faro: Universidade do Algarve, 2004. p. 56.

Desde que a Diocese do Algarve tomou posse do terreno, e aqui implantou o Colégio de Nossa Senhora do Alto, esta função primordial foi ligeiramente esquecida.

Os talhões e pomares agrícolas foram progressivamente abandonados, bem como o seu sistema de rega, e muitos elementos escultóricos e decorativos perderam o seu carácter.

A construção do edifício de aulas do colégio, obra atroz, pela sua arquitectura desenquadrada, que tomou lugar no lugar do jardim formal, bem como a utilização do lago dos leões como parque infantil, danificaram gravemente a envolvência do palácio. Este espaço é agora exclusivamente dedicado aos alunos, pois foram também construídos outros dois parques infantis, bem como um dos tanques, que deixou de ter a sua utilização primitiva para funcionar como piscina.

Nos tempos áureos da criação deste espaço, os trabalhos agrícolas e manutenção do jardim estavam a cargo de doze pessoas. Hoje em dia apenas um jardineiro está encarregue de regar os canteiros, com uma mangueira. Uma empresa de jardinagem tem estado responsável pela manutenção e reposição de espécies.

Apesar de tudo, à que considerar que embora alguns elementos se encontram degradados, graças à Diocese do Algarve este espaço tem vindo a ser utilizado e cuidado, conforme as suas necessidades.

A peça 12 localiza os usos descritos.

2.2. Análise de documentos antigos

Ao observarmos a plantas da cidade de faro de 1931 e de 1945, deparamo-nos com um grande desenvolvimento da cidade, e com uma zona verde, formada por quintas agrícolas, na qual está inserida a Quinta do Alto.

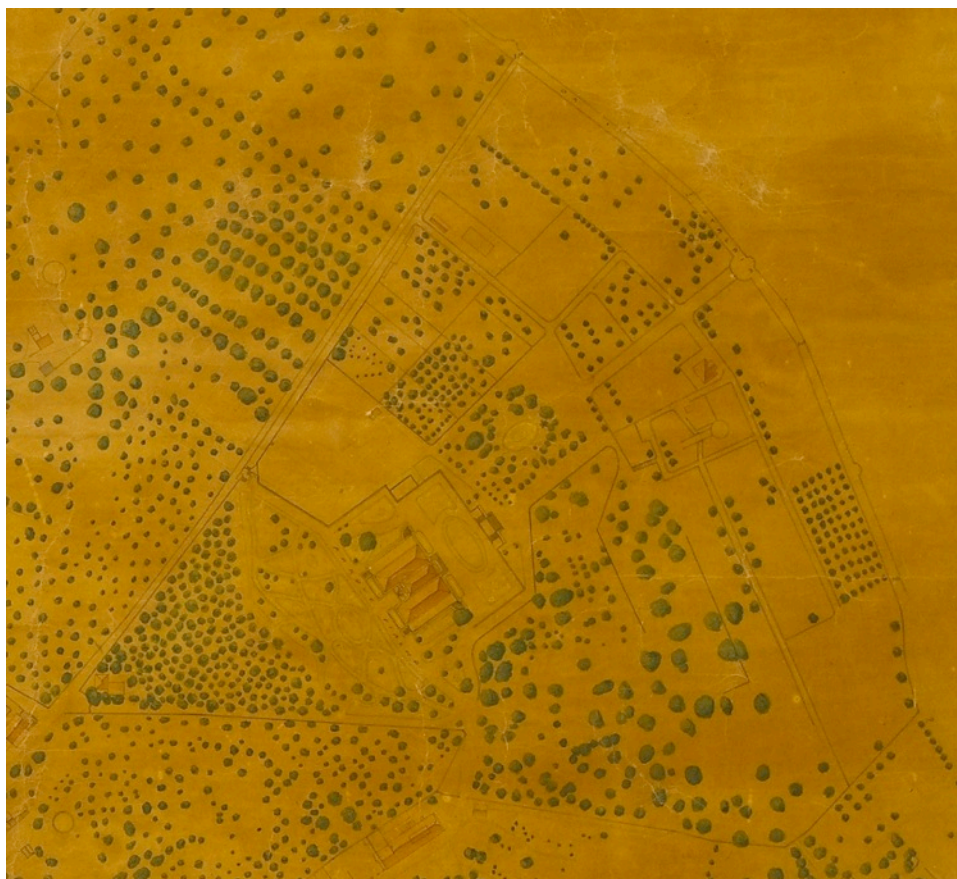


Figura 76 - Planta da Quinta Júdice Fialho em 1931
(Fonte: Câmara Municipal de Faro / Museu Municipal de Faro)

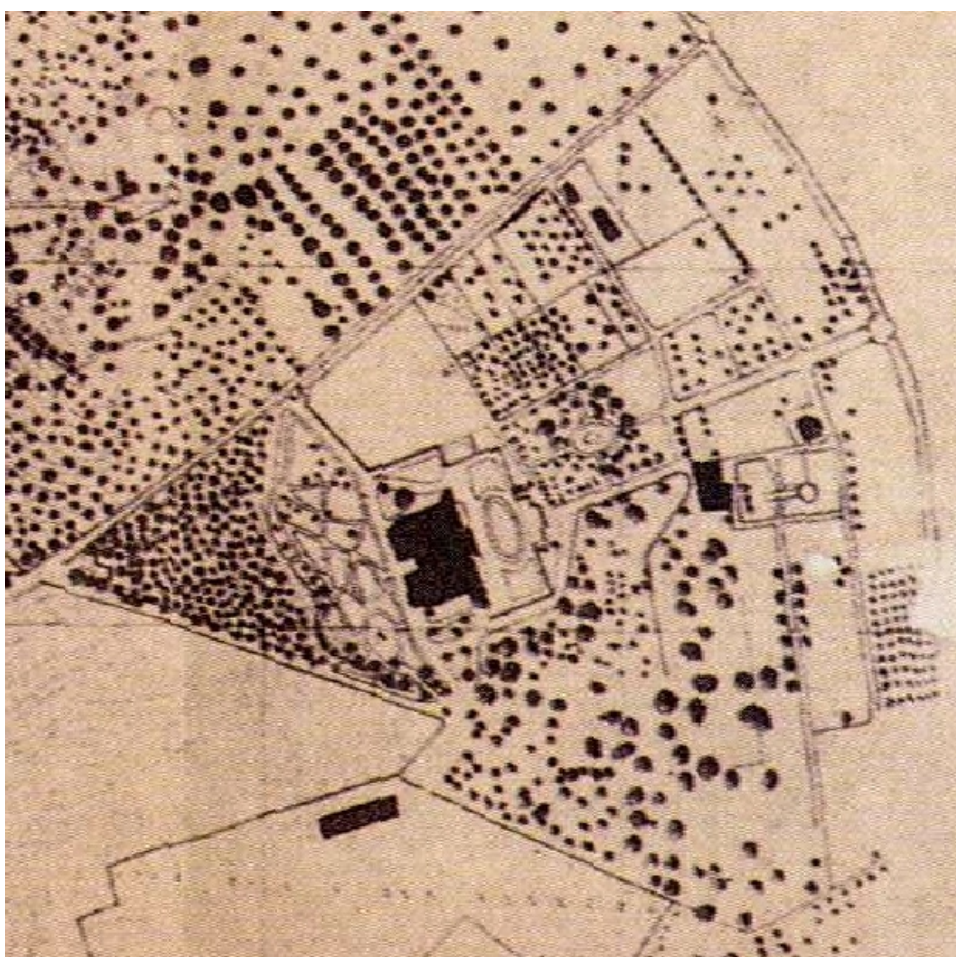


Figura 77 - Planta da Quinta Júdice Fialho de 1945
(Fonte: Arq. João Aguiar in PAULA, Rui M. e PAULA, Frederico, Faro: Evolução Urbana, Câmara Municipal de Faro, 1993, p. 131.)

Comparando com a planta atual, poucas são as alterações na sua estrutura. A casa do porteiro e o tanque estão aqui presentes, bem como a mata de entrada, possivelmente mais organizada nesta altura.



Figura 78 - Panorama de Sto. António do Alto
(Fonte: Coleção José Brito)



Figura 79 - Entrada principal da Quinta do Alto e casa do porteiro (Fonte: Coleção José Brito)

Nas fotografias e é possível observar o terreno antes de depois da chegada de Júdice Fialho a esta propriedade.

Nota-se perfeitamente a presença e evolução de três pinheiros presentes nas duas imagens, e um intervalo entre a vegetação que viria a formar o caminho até ao palácio.

O muro, portão e casa presentes na segunda fotografia ainda permanecem neste local.

No patamar intermédio, onde encontramos o palácio, vemos que o jardim formal envolvente, formado por canteiros, tinha exatamente a mesma forma que hoje em dia, com exceção para as traseiras do edifício. Identifica-se uma composição do mesmo tipo, em canteiros relvados e de anuais, atravessados por caminhos fluidos.



Figura 80 - Palácio e Jardim da Quinta do Alto
(Fonte: Coleção José Brito)



Figura 81 - Traseiras do Palácio Júdice Fialho
(Fonte: Coleção José Brito)

As fotografias mostram-nos este jardim das traseiras do palácio. É também perceptível que a vegetação existente era menos densa, tanto em tamanho como em quantidade.

Hoje em dia está aqui presente um lago oval, com a mesma forma de um canteiro que aqui existia antigamente. Também aqui encontramos o edifício de aulas do colégio, construído em 1960, que veio destruir o jardim formal para lhe dar lugar. Também o edifício que contem a caldeira e dois parques infantis encontram-se aqui agora, não restando remanescências de um jardim do estilo francês que aqui existia.



Figura 82 – Fachada principal de Palácio do Alto (Fonte: Coleção José Brito)



Figura 83 - Fachada lateral Noroeste do Palácio do Alto (Fonte: Coleção José Brito)

Nesta primeira fotografia (figura 82) é possível ver a fachada principal e os seus canteiros. A segunda (figura 83) mostra-nos a fachada lateral Noroeste, identificando-se um busto no canteiro mais próximo, o que vem a confirmar a ideia da estatuária ser bastante mais vasta por todo o jardim. Também é possível observar que o pavimento existente era tipo saibro ou terra batida.

Também o miradouro, que remete da ocupação anterior dos jesuítas, é aqui identificável, junto ao muro limitante Noroeste.

Está também aqui representada a casa dos geradores, fora dos limites da propriedade, hoje pertencente à congregação das Irmãs de Calcutá.

No patamar inferior, são identificáveis as duas matas e os talhões agrícolas, praticamente inalterados. Apenas na mata dos ciprestes, observa-se uma grande estrutura oval no centro, possivelmente um lago, o que vem a confirmar a ideia que tinhas à cerca desta ser um local de prazer e reflexão.

Os pomares e os talhões agrícolas mantêm a sua composição, sendo possível ver que a estrutura de lazer que nos parece uma estufa, no conjunto inferior, já aqui permanecia.

Na zona onde hoje se encontram os campos de jogos, ambas as cartas apresentam um espaço vazio. Torna-se difícil identificar o que aqui existiria, sendo que a ideia que um grande tanque é uma hipótese válida. O tanque mais pequeno, que funciona hoje como piscina, também está aqui representado.

A zona que hoje corresponde à Quinta da Senhora Menina, que no tempo de Júdice Fialho, seria a casa dos caseiros, também se encontra idêntica, com exceção de um novo edifício e da tenda de eventos que lá foi montada recentemente, bem como o perfil do tanque, que era redondo e não em forma de trevo de quatro folhas.



Figura 84 - Panorama da horta do Alto
(Fonte: José Brito)

Esta última fotografia é de difícil identificação, encontrando-se duas hipóteses. Uma será tratar-se de uma das casas localizadas para além dos limites da propriedade, após a Estrada do Moinho da Palmeira, onde se situam propriedades agrícolas do mesmo proprietário. Outra hipótese é constituir a antiga casa dos Jesuítas do Colégio de Faro, que aqui habitavam antes de Júdice Fialho.

3. Análise e Prognóstico

De acordo com o artigo 26 da Carta de Burra¹⁴², para se “dar início as obras de recuperação e restauro, é necessário haver um estudo prévio que compreenda o sítio, o qual deve incluir a análise das evidências físicas, documentais, orais e outras, baseada nos apropriados conhecimentos, competências e disciplinas.”

Assim sendo, com base em todo o levantamento até aqui feito, elaborou-se uma análise e prognóstico para este espaço, com vista a potenciar e melhorar utilizações futuras, de acordo com as recomendações da Carta de Veneza, Carta de Florença, Carta de Burra e com os princípios de metodologia de restauro de Carmen Añón¹⁴³.

À partida, são evidentes certas qualidades, no que toca à localização, ocupando uma ampla área no tecido da cidade, sendo esta, capital da região algarvia; ao valor patrimonial, raro nesta região, tanto a nível arquitetónico, pela monumentalidade do palácio, como paisagístico, pelos seus jardins, matas e pomares; e ao enquadramento na envolvente, com a Serra e o Barrocal, proporcionando uma continuidade da paisagem.

Toda esta monumentalidade, na qual o jardim e o palácio afirmam a importância e do proprietário, um homem rico e culto que gosta de apreciar arte e natureza, está por sua vez associada ao enquadramento, que prolonga a paisagem fazendo deste um espaço de grande profundidade.

As peças de arte espalhadas ao longo do jardim, muitas delas sem significado do ponto de vista da época, e os exemplares vegetais exóticos mostram também esta necessidade de afirmação na sociedade.

A organização dos espaços exteriores, tanto na “mata dos ciprestes” como em outros recantos ao longo da propriedade, mostram-nos como Júdice Fialho apreciava o contacto com a natureza, bem como o seu gosto para a produção, se refletem nas extensas zonas agrícolas.

Mas para além destes atributos, à que referir certas características que tornam este espaço único, tais como: a sua atual função, possibilitando aos alunos uma vivência da natureza envolvida com a história do passado, tornando-o um colégio de excelência; a sua enorme estrutura verde, uma das únicas e a mais extensa dentro da cidade de Faro; a preservação, quase integral, da estrutura da Quinta, tendo havido pequenos ajustes de modo a melhorar a sua funcionalidade.

¹⁴² ICOMOS, Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios /- **Carta de Burra**, 1980. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>.

¹⁴³ Añón, Carmen – **El jardín Histórico: Notas para una Metodología Previa al Proyecto de Recuperación**. Madrid: Journal Scientifique ICOMOS, 1993

Por todos estes predicados, pode considerar-se este espaço único na cidade, visto outras Quintas que existiam na sua envolvência, estarem hoje abandonadas e em estado crítico.

De modo geral, o espaço mantém-se em bom estado, embora infelizmente, com o passar dos anos e pela atuação dos agentes naturais, certos problemas são identificáveis, consequentes da difícil manutenção do espaço, devido à sua dimensão e falta de financiamento e funcionários para este fim.

Como método mais eficaz e para uma análise mais cuidada, elaborou-se o seguinte quadro, descrevendo os elementos que caracterizam o espaço e os seus estados de conservação.

Quadro 4 – Problemas existentes

Elementos	Identificação	Estado	Causas/Problemas
Acessibilidade – Portões de entrada	Entrada principal a Poente e secundária a Nascente. Portão para a casa das Irmãs de Calcutá	Entradas condicionadas	Entrada principal mediante a autorização do porteiro. Presença da Quinta da Senhora Menina no patamar inferior bloqueia o acesso à totalidade da área. Portão de acesso à casa das Irmãs de Calcutá interdito
Acessibilidade – Caminhos pedonais	Caminhos em terra batida ou calçada na mata de entrada e no patamar inferior. Escadarias para acesso ao patamar inferior	Caminhos de terra batida na mata de entrada, não pavimentados, desgastados. Caminhos no patamar inferior em bom estado.	Acessos inadequados, principalmente para pessoas com mobilidade reduzida
Acessibilidade – Caminhos alcatroados	Destinados a veículos automóveis, ao longo dos três patamares	Em bom estado	Contraste com o palácio e com os elementos vegetais
Mata de	Mata de sequeiro	Erosão laminar,	Sujeita a erosão hídrica por parte

entrada	que liga a entrada principal ao patamar do palácio	sulcos	das chuvas, devido à inclinação e à ausência de coberto vegetal
Azulejaria	Painéis de azulejos portugueses	Grande parte fissurados, com junções desgastadas; alguns mal colocados, preenchendo espaços em falta	Exposição aos agentes naturais
Lago dos leões	Encontra-se nas traseiras do palácio	O fundo está fissurado e com problemas no sistema de circulação da água e de impermeabilização	Utilização como parque infantil
Estatuária – Leões de Bronze	Funcionavam como fonte na taça de água das traseiras do palácio	Encontram-se desgastados e com buracos	A taça de água onde se encontram funcionou noutros tempos como parque infantil, estando ao alcance das crianças
Estatuária – Fontes	Fonte entre os dois lances da escadaria e fonte junto ao campo de ténis	Não se encontram em funcionamento por problemas no sistema de circulação de água	Abandono
“Estrutura de lazer”	Estrutura inserida no primeiro talhão	Em mau estado de conservação,	Abandono

	agrícola do conjunto inferior	sendo difícil a sua identificação	
Muro de Suporte	Suporta o patamar intermédio	Em bom estado	
Muros Limitantes	Toda a Quinta é limitada por um muro com 3 metros de altura, percorrendo cerca de 1.500 metros	Em bom estado	
Vegetação – Árvores	Árvores das matas	Falta de exemplares. Algumas espécies desintegradas	Morte de exemplares. Substituições incorretas
Talhões agrícolas	Localizados em parcelas no patamar inferior. Divididos por muretes	Metade desta área encontra-se inutilizada. Muretes destruídos em parte	Falta de gestão e de financiamento para serem mantidos. A pressão das terras adjacentes provocam pressão nos muretes
Vedação	Zona de recreio encontra-se separada da zona de circulação automóvel por gradeamentos móveis	Provisório	Pouco seguros e insuficientes
Mobiliário e equipamento	Bancos em madeira e em pedra, parques infantis vedados,	Em bom estado	

	campos de jogos, candeeiros, contentores de lixo e reciclagem		
Pavimentos	Betuminoso na zona de circulação automóvel, terra batida e calçada no patamar inferior	Em bom estado	
Sistema Hidráulico	Tanque da entrada e poço inserido num talhão agrícola. Sistema de caleiras de rega e drenagem adjacentes a muretes de suporte. Tubagens de polietileno	Caleiras de rega e drenagem destruídas em certos pontos. Tubagens perfuradas	Pressão causada pelas terras superiores provocam desabamento; degradação das tubagens devido ao longo tempo de utilização.
Vistas (peça 13)	Para a Serra e Ria Formosa	Pouco destacadas	Densidade da vegetação
Quinta da Senhora Menina	Localiza-se numa secção do patamar inferior	Descaracteriza o patamar inferior da Quinta; bloqueia a entrada pelo portão Este da estrada do Moinho da Palmeira	Arrendamento do espaço para realização de eventos

A peça 14 localiza os pontos acima descritos.

É de notar que atualmente, esforços têm sido feitos para recuperar alguns elementos que têm impacto mais visível, tendo melhorado bastante o estado da Quinta nos últimos anos. Esta recuperação deve-se à preocupação que o presente Diretor, Padre César Chantre tem tido em manter o espaço, e à indispensável colaboração do Arquiteto José Brito. São eles:

- Reposição de algumas espécies em falta tem sido feita por parte de uma empresa de jardinagem, embora em alguns casos não sejam as mais indicadas, pois não se enquadram na tipologia em que estão inseridas, indo contra o artigo 12 da Carta de Florença¹⁴⁴, que refere:

“Tais espécies de árvores, arbustos, plantas e flores que vão ser periodicamente substituídas, devem ser selecionadas com respeito pela prática estabelecida e reconhecida em cada região botânica e hortícola, e com o objetivo de se identificarem as espécies originalmente plantadas e de as preservar.”

- O lago dos leões, que outrora teve o uso individuo como parque infantil, está agora livre desta ocupação, numa tentativa de voltar a dar-lhe a dignidade para que foi projetado, podendo agora ser apreciada devidamente.
- Construção de um novo recreio, para substituir o que tomava lugar no lago;



Figura 85 - Parque infantil (Fonte: Autora)

- Recuperação de caminhos no patamar inferior, com caleiras em calçada destinadas à drenagem superficial, com a sua adaptação para veículos em casos extraordinários.

¹⁴⁴ ICOMOS, Comissão Internacional de Jardins e Sítios Históricos /- **Carta de Florença**, 1981. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadeflorenca.pdf>>.

- Os muretes que dividem e suportam os talhões agrícolas, estão a ser recuperados, concluindo-se até à data 50% do trabalho, onde os custos somados são de 30.000 euros. Este trabalho não tem sido fácil, devido à sua extensão e há dificuldade em encontrar os materiais necessários;



Figura 86 - Recuperação de uma regadeira (Fonte: Autora)

- Nos talhões agrícolas foram efetuados reperfilamentos para repor as antigas cotas, pois as práticas de lavoura alteraram o terreno, provocando problemas de drenagem e aumentando a pressão nos muretes pela acumulação da terra, provocando o seu colapso;
- O muro limitante que envolve toda a Quinta tem vindo a ser recuperado, com a sua caiação e recuperação de falhas, e um troço do muro com mais de 250 metros de extensão teve de ser alterado mais de um metro de altura, devido à intrusão de estranhos que frequentemente entravam na propriedade, custos que atingiram os 33.500 euros;
- Os pomares de regadio tem vindo a ser substituídos por pomares de sequeiro, de alfarrobeiras e figueiras, de modo a evitar custos, nomeadamente de água. Segundo o artigo 23 da Carta de Burra¹⁴⁵, esta alteração é uma forma apropriada de conservação. As plantações de ameixeiras, nespereiras, laranjeiras, limoeiros, marmeleiros, pessegueiros, pereiras, entre outras árvores de fruto, tem também vindo a ser recuperados. O investimento até agora feito, em limpeza das árvores e do terreno, tem

¹⁴⁵ ICOMOS, Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios /- **Carta de Burra**, 1980. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>.

tido um custo aproximado de 2.500 euros/ano, embora o rendimento dos mesmos permita suportar os investimentos.

- Foi realizada uma limpeza da mata do patamar inferior, passando pela poda das copas das árvores, remoção de espécies mortas e eliminação de espécies invasoras, como acácias e chorões;
- A recente praga do escaravelho da palmeira, *Rhynchophorus ferrugineus*, que tem abrangido todo o Algarve, também aqui chegou e provocou a morte de 12 palmeiras, que tiveram de ser removidas. As que ainda resistiram têm vindo a ser tratadas, estando os custos até à data na ordem dos 3.500 euros;
- As pedras que se encontram há vários anos na mata inferior, excedentes da construção das escadarias e terraços do palácio, bem como grandes troncos de árvores, foram reorganizadas metodicamente, de modo a proporcionar um ambiente de recreio para alunos entre os 10 e os 14 anos;



Figura 87 - Pedras excedentes da construção do palácio
(Fonte: Autora)

- A vacaria, que há muitos anos se encontrava inutilizada, funcionando apenas como arrumo para máquinas agrícolas, está agora alugada a uma empresa de organização de eventos infantis e juvenis, a “Quinta da Fantasia” (figura 31). O espaço sofreu obras tanto no edifício, que o tornou mais cómodo a apto para a função desejada, como no exterior, sendo devidamente pavimentado e relvado;



Figura 88 - Vacaria antes da recuperação
(Fonte: Ana Caliço)

A ausência de uma estratégia de reabilitação, foi desde o início uma preocupação e um dos principais objetivos deste trabalho. Assim sendo, segue-se uma proposta para recuperação e potencialização dos espaços.

4. Proposta de Reabilitação

4.1. Programa e Estratégia

Com a análise concluída é agora elaborada uma proposta que visa manter e reestruturar algumas partes constituintes da Quinta. (peça 15)

São fornecidas ideias e soluções com o intuito de potenciar o conhecimento, salvaguarda e recuperação do património e da sua importância ao nível da produtividade e cultura.

Todos os trabalhos realizados têm como base os princípios de três cartas de conservação e restauro de património acima referidas.

As ações recomendadas englobam carácter lúdico, cultural, produtivo e pedagógico.

Para atingir os objetivos propostos é necessário o diálogo e colaboração com a Diocese do Algarve, para possibilitar a elaboração e concretização dos projetos descritos, bem como para a criação de acordos que permitam a utilização dos espaços para realização de eventos.

O apoio e incentivo financeiro de projetos de recuperação de quintas também seria uma mais valia para a execução destes trabalhos.

São então sugeridas três estratégias principais, tendo elas diferentes prioridades:

1 – Preservação e recuperação de espaços exteriores

Passando pelo jardim formal e as zonas agrícolas, que ao longo do tempo se tem vindo a degradar, devido à atual função do espaço, sendo necessárias medidas imediatas para tornar o espaço funcional e evitar a degradação patrimonial.

2 – Projeto de abertura ao público

Como meio de valorizar este património arquitetónico e paisagístico, visto ser um dos mais ilustres palácios da região algarvia, sendo uma mais valia para a cidade, do ponto de vista turístico, bem como para a Diocese, ao rentabilizá-lo.

3 – Gestão e Manutenção

A conservação passa em primeiro lugar pela manutenção permanente (artigo 4 da Carta de Veneza¹⁴⁶).

Existem certos elementos que exigem uma atenção mais cuidada a longo prazo, pela sua importante função tanto no que toca à identidade da Quinta como à sua segurança.

4.2. Princípios de Intervenção e Metodologia

As ações que aqui são propostas estão incluídas em três parâmetros, com diferentes prioridades, que visam o melhoramento e regeneração deste património histórico, a curto e médio prazo.

1. Preservação e recuperação de espaços exteriores

- O lago dos leões, que até à pouco tempo tinha a função de parque infantil, encontra-se muito degradado. Atualmente, a areia que o preenchia, e os equipamentos foram removidos, podendo agora observar-se as fissuras no seu fundo. No centro, as esculturas de bronze representando três leões apresentando-se desgastados e com buracos e a taça de água que suportam também está em mau estado, faltando-lhe alguns componentes decorativos. Segundo o artigo 12 da Carta de Veneza¹⁴⁷, “os elementos destinados a substituir as partes em falta devem integrar-se harmoniosamente no conjunto, distinguindo-se sempre as partes originais, a fim de que o restauro não falseie o documento de arte e de história”, e esta “reconstrução deve ser identificável por observação próxima ou através de interpretação adicional”, segundo o artigo 20 da Carta de Burra¹⁴⁸.

Estima-se que o custo de reparação será aproximadamente 25.000 euros, englobando a reconstrução do sistema de circulação de água, a impermeabilização do fundo (252 m² de área), iluminação decorativa e restauro do elemento escultórico.

¹⁴⁶ ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos /- **Carta de Veneza**, 1964. Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>.

¹⁴⁷ ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos /- **Carta de Veneza**, 1964. Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>.

¹⁴⁸ ICOMOS, Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios /- **Carta de Burra**, 1980. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>.



Figura 89 - Fundo do lago dos leões
(Fonte: José Brito)

- Duas fontes, uma na escadaria de acesso ao patamar inferior, e outra junto ao campo de ténis, também necessitam reparação, pois o sistema de circulação de água não funciona, bem como o sistema de impermeabilização das taças. O restauro deste sistema vem, como refere o artigo 9 da Carta de Veneza¹⁴⁹, “revelar o valor estético e histórico deste sítio”.

Estes trabalhos estão na ordem dos 2.500 euros.

Estes três elementos poderiam funcionar apenas em ocasiões pontuais, de modo a não exercer um custo elevado ao colégio.

- Principalmente na mata, existem espaços vazios, com falta de árvores, descaracterizando o espaço. Visto o “material principal (do jardim histórico) ser vegetal, a preservação do jardim numa condição inalterada requer substituições imediatas, quando necessárias” (artigo 11 da Carta de Florença¹⁵⁰).

A reposição de espécies, deve ter em conta a tipologia em que se insere.

- Os muretes de pedra que dividem os talhões agrícolas, como em cima foi referido, tem vindo a ser recuperados, embora ainda falte uma grande parte. Estes muretes, com aproximadamente 1,20 metros de altura, tem associados um sistema de caleiras de rega e drenagem das águas de chuva, que se encontram destruídos em parte. “Os elementos destinados a substituir as partes em falta devem integrar-se harmoniosamente no

¹⁴⁹ ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos /- **Carta de Veneza**, 1964. Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>.

¹⁵⁰ ICOMOS, Comissão Internacional de Jardins e Sítios Históricos /- **Carta de Florença**, 1981. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadeflorenca.pdf>.

conjunto, distinguindo-se sempre as partes originais, a fim de que o restauro não falseie o documento de arte e de história” (artigo 12 da Carta de Veneza¹⁵¹).

Pela sua importante função é necessário continuar esta recuperação. Estima-se que o custo possa duplicar o até agora registado.



Figura 90 - Muretes destruídos
(Fonte: José Brito)

- A estrutura que se encontra no primeiro talhão agrícola do conjunto inferior, está em muito mau estado de conservação. É então difícil a sua identificação, também pela falta de registos. Parece-nos no entanto ter constituído uma estrutura de lazer, com uma estrutura metálica tipo pérgula, formando um espaço de repouso. Deste modo, a “reconstrução desta estrutura pode ser apropriada como parte de um uso ou de uma prática que retenha o significado cultural de um sítio.” (artigo 20 da Carta de Burra¹⁵²).

Pela sua riqueza, é então necessário investir neste elemento, consertando o sistema de circulação de água para a taça de água que apresenta ao centro volte a funcionar, sejam arranjados os muros e os doze pilaretes para sustentarem a pérgula, bem como os lancis que limitam os canteiros e a passadeira de tijoleira. De acordo com o artigo 12 da Carta Veneza¹⁵³, “os elementos destinados a substituir as partes em falta devem integrar-se harmoniosamente no conjunto, distinguindo-se sempre as partes originais, a fim de que o restauro não falseie o documento de arte e de história.”

Seguidamente propunha-se o cultivo de ornamentais, e a plantação de trepadeiras, proporcionando assim um espaço muito agradável.(peça 16);

¹⁵¹ ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos /- **Carta de Veneza**, 1964. Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>>.

¹⁵² ICOMOS, Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios /- **Carta de Burra**, 1980. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>>.

¹⁵³ ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos /- **Carta de Veneza**, 1964. Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>>.



Figura 91 – Interior da estrutura de lazer (Fonte: Autora)

- Alguns dos pomares e hortas contidos nas parcelas agrícolas (2,3 ha), por falta de mão-de-obra, encontram-se atualmente subaproveitados ou mesmos desocupados. Visto o “sítio estar incompleto, por consequência de alterações (neste caso, de mudança de proprietários e de uso do espaço), e haver evidências de um estado anterior, a reconstrução será posta em prática” (artigo 20 da Carta de Burra¹⁵⁴).

Noutros tempos, os trabalhos aqui efetuados estavam a cargo de 12 pessoas. Hoje em dia, apenas uma está encarregue desta função, sendo assim fácil compreender o abandono que se verifica.

Estes elementos fazem parte da composição da Quinta, inserida na tipologia de quintas de recreio portuguesas, constando no projeto original, sendo importante a sua valorização para que a sua função histórica não seja esquecida, honrando o antigo proprietário. Para além disto, são espaços com condições favoráveis a esta prática, pelo que devem futuramente ser utilizados para este fim, rentabilizando o terreno. Assim sendo, propõem-se a criação de um pomar tipicamente Algarvio, com espécies que caracterizam a região, bem com um “jardim hortícola”.

Os talhões seriam ocupados por fruteiras subtropicais, fruteiras mediterrânicas de regadio e mediterrânicas de sequeiro formando o pomar, o jardim hortícola seria composto por plantas aromáticas, condimentares e medicinais, dando um aroma ao local, e um horto de época quente e outro de época fria, englobando as mais representativas da região, complementando assim a horta algarvia, originando produtos e dando a conhecer as principais culturas que aqui se concebem.

É proposta uma listagem alargada de espécies hortícolas, aromáticas, condimentares e medicinais, sendo parte delas, renovadas todos os anos. (peça 17 e 18)

¹⁵⁴ ICOMOS, Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios /- **Carta de Burra**, 1980. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>.

- O sistema de rega atual é pouco eficiente, sendo necessária a reformulação da tubagem para rega dos pomares. É também necessário expandir a tubagem para novas zonas da propriedade, de modo a serem possíveis novas culturas. A quantidade de água extraída do poço que abastece a propriedade é bastante satisfatória, sendo possível alimentar as culturas propostas. No anexo V encontra-se um estudo das necessidades de água específicas para a listagem apresentada.
- Nas palmeiras afetadas pela praga do escaravelho, foram realizados os tratamentos indicados, tornando-se importante a sua continuidade para que o problema seja devidamente solucionado.
- Para tirar o melhor partido das belas vistas do patamar intermédio, propõem-se a introdução de dois binóculos para observação da Serra Algarvia.

2. Projeto de abertura ao público e dinamização do espaço

Como forma de partilhar esta riqueza patrimonial, tendo por base os seguintes pontos:

- Desde mais, é necessário eleger um nome específico para tratar esta Quinta, de modo a marcá-la como uma entidade mais precisa. Ao longo do tempo, muitos têm sido utilizados, nomeadamente: Palácio Fialho; Quinta Fialho; Quinta Júdice Fialho; Quinta do Alto; Quinta Nossa Senhora do Alto; Quinta da Senhora Menina; Colégio de Nossa Senhora do Alto; e Colégio do Alto. Esta nomenclatura tem por base o antigo proprietário, a localização, a padroeira e a função atual, respetivamente. Parece-nos mais sensato, que o nome escolhido tenha alguma relação com a localização, pois é o único fator fixo, ou seja, com o passar dos anos não irá perder o significado. Assim sendo passa a trata-la como Quinta do Alto, por se localizar na colina do Alto, da cidade de Faro.
- Inclusão como ponto turístico da cidade, cultural e paisagístico, com visitas guiadas, pois segundo o artigo 1 da Carta de Florença¹⁵⁵, “um jardim histórico é uma composição arquitetónica e hortícola com interesse para o público pelo seu ponto de vista histórico ou artístico”. Seria necessário desenvolver uma estratégia que não venha a perturbar o normal funcionamento do colégio. Deste modo, a sua visita apenas poderia ser feita no fim de semana, mediante marcação previa no “posto” de informação turístico da cidade que entraria em contacto com a direção do colégio.

Seriam criados dois percursos, de modo a percorrer as três tipologias da Quinta, passando pelos elementos mais importantes, ao mesmo tempo em que a sua história e

¹⁵⁵ ICOMOS, Comissão Internacional de Jardins e Sítios Históricos /- **Carta de Florença**, 1981. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadeflorenca.pdf>.

a do seu proprietário ia sendo contada. Estes percursos iriam restringir o acesso dos visitantes apenas a certas áreas, de modo a preservar o seu estado e o espaço reservado aos alunos (artigo 2 da Carta de Florença¹⁵⁶).

Os caminhos aqui incluídos teriam de ser devidamente pavimentados, em calçada, por exemplo.

Estes dois percursos diferem consoante o acesso ao local. A entrada seria feita pelo portão poente, tal como acontece com os alunos do colégio. Daqui seria possível atravessar a mata, caso o acesso fosse pedonal, encontrando depois o lago dos leões, circundando seguidamente o palácio, contemplando por fora e por dentro, bem como ao seu jardim formal, de onde se poderia apreciar as vistas (peça 19) para a serra e para a Ria Formosa. Após descer a escadaria, percorria-se a mata dos ciprestes chegando aos talhões agrícolas, atravessando-se o caminho que os limita, até ao muro limitante, subindo junto a este, até ao patamar intermédio. A saída seria feita pelo caminho das azinheiras até ao portão principal. Este percurso decorreria durante 35 minutos aproximadamente.

Por acesso automóvel, percorria-se a estrada que segue junto ao muro, passando junto à lateral virada a Sul do palácio e descendo até ao último patamar, onde era possível estacionar junto à escadaria. Aqui os visitantes poderiam transitar a pé contornando a mata dos ciprestes, de onde é possível ver os campos agrícolas, acabando por subir a escadaria para o jardim formal, desfrutando das vistas, rodeando o palácio e os seus canteiros, entrando em seguida no edifício, em sensivelmente meia hora. (peça 19)

No anexo IV podemos ver uma proposta de um panfleto informativo para a Quinta.

- Utilização de salas do palácio, visto algumas estarem disponíveis, para conferências, exposições e receções oficiais, dinamizando e aproveitando o espaço, bem como os espaços exteriores, onde existem recantos ideais (por exemplo as traseiras junto ao lago ou a mata das palmeiras) para eventos como concertos, teatros e mesmo eventos religiosos, como missas campais.

Para isto seria indispensável instalar infraestruturas nestas ocasiões, para atender as necessidades dos utilizadores (artigo 19 da Carta de Florença¹⁵⁷).

- Aproveitamento da horta que se propunha criar como meio pedagógico, para utilização dos alunos, tanto nos tempos livres como complementando algumas disciplinas. Para além da agricultura aqui praticada, atividades como olaria, azulejaria, cestaria, vitrais,

¹⁵⁶ Ibidem.

¹⁵⁷ ICOMOS, Comissão Internacional de Jardins e Sítios Históricos /- **Carta de Florença**, 1981. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadeflorenca.pdf>.

bordados, seriam praticados nos anexos agrícolas que se encontram inutilizados, de modo a desenvolver o gosto pelo artesanato algarvio. Estas atividades viriam “enfatizar o real valor do jardim histórico como parte do património” (artigo 25 da Carta de Florença¹⁵⁸).

- Venda dos produtos hortícolas dos pomares e hortas, com o nome da Quinta, à semelhança do que acontecia noutros tempos, nas propriedades de Júdice Fialho, de modo a criar um fim lucrativo e dar a conhecer o valor deste jardim (artigo 25 da Carta de Florença¹⁵⁹)

3. Gestão e Manutenção

- O trabalho de manutenção da topiária da sebe de murta, que se encontram nas traseiras do palácio é de grande importância. Para que se mantenha “numa condição inalterada requer substituições imediatas, quando necessárias, e um programa a longo prazo de renovação periódica (podas e replantações com espécimes maduros” (artigo 11 da Carta de Florença¹⁶⁰).

Para além do seu carácter visual que caracteriza o estilo do jardim francês, tem a função de organizar o espaço, criando uma “barreira vegetal” entre um local de recreio usufruído por crianças e um caminho alcatroado de circulação automóvel.

A manutenção do jardim formal, pelo corte da relva e substituição de anuais também tem o seu peso, para manter o carácter do jardim.

- Ao longo da Quinta encontramos várias árvores de grande porte que provavelmente remontam da estrutura original. É então uma prioridade preservar estas árvores monumentais, pois constituem um “fóssil” da história, pela sua limpeza, quando necessário, através de podas (artigo 11 da Carta de Florença¹⁶¹).
- O muro limitante da Quinta, encontra-se agora em boas condições, embora pela sua importante função, deva ser cuidadosamente mantido, de modo a preservar a proteção dos seus utentes.
- A manutenção nos campos de jogos deve ser constante, tanto no campo relvado de futebol, bem como no pavimento do campo de ténis.

¹⁵⁸ ICOMOS, Comissão Internacional de Jardins e Sítios Históricos /- **Carta de Florença**, 1981. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadeflorenca.pdf>.

¹⁵⁹ Ibidem.

¹⁶⁰ Ibidem.

¹⁶¹ Ibidem.

- A preservação da estatuária e dos painéis de azulejos, presentes no jardim formal também são uma medida de grande importância, de modo a manter os poucos elementos que ainda estão presentes no local.
- Limpeza frequente das matas, de forma a eliminar espécies invasoras, e a manter o espaço acessível;

O seguinte quadro sintetiza as propostas de intervenção, hierarquizando as estratégias com duas fases de intervenção:

Quadros 5, 6 e 7 – Síntese das propostas de intervenção

Intervenção	Estratégias	Processos de Conservação e Restauro	Elementos	Trabalhos a realizar	Custos (em €)
1ª Fase	Preservação e recuperação de espaços exteriores	Restauro	<u>Lago dos leões</u>	Reconstrução do sistema de circulação de água; impermeabilização do fundo; iluminação decorativa; restauro do elemento escultórico	25.000
		Restauro	<u>Fontes</u>	Reconstrução do sistema de circulação de água; impermeabilização das taças	2.500
		Reconstrução	<u>Muretes</u>	Recuperação da estrutura e das regadeiras	30.000
		Adaptação e Reconstrução	<u>“Estrutura de lazer”</u>	Reconstrução do sistema de circulação de água; recuperação dos muros, dos doze pilaretes, dos lancis, e da passadeira; Introdução da	-

				pérgula; cultivo de ornamentais e plantação de trepadeiras	
		Adaptação e Reconstrução	<u>Pomares e hortas</u>	Preenchimento com espécies da região; conceção de um jardim hortícola	-
		Reconstrução	<u>Sistema de rega</u>	Reformulação e expansão da tubagem	-
		Preservação	<u>Palmeiras</u>	Continuidade do tratamento contra o escaravelho	-

Intervenção	Estratégias	Processos de Conservação	Elementos	Trabalhos a realizar
2ª Fase	Projeto de abertura ao público e dinamização do espaço	Adaptação	<u>Identificação da Quinta como entidade</u>	Definição de um nome específico
		Adaptação	<u>Inclusão como ponto turístico da cidade</u>	Visitas guiadas; percursos interpretativos;
		Adaptação	<u>Utilização de salas do palácio</u>	para conferências, exposições e receções oficiais
		Adaptação	<u>Horta pedagógica</u>	Para utilização dos alunos
		Conservação	<u>Venda de produtos hortícolas</u>	Como meio lucrativo

Estratégias	Processos de Conservação	Elementos	Trabalhos a realizar
Gestão e Manutenção	Manutenção e Conservação	<u>Topiária da sebe</u> <u>corte de relva</u>	Manutenção da vedação e preservação do jardim formal
	Manutenção	<u>Poda das árvores</u>	Remoção de troncos de modo a manter o perfil da árvore
	Manutenção	<u>Muro limitante</u>	Recuperação de

			falhas e caiação
	Manutenção	<u>Campos de jogos</u>	Manutenção dos equipamentos; cortes de relva
	Preservação	<u>Estatuária e azulejos</u>	Para manter o espírito do lugar
	Manutenção	<u>Limpeza das matas</u>	De espécies invasoras e exemplares mortos

Conclusões

A Quinta do Alto constitui um património único na cidade de Faro, e um dos mais majestosos do Algarve. A sua história, estudada neste trabalho, mostra-nos a importância que esta, e o seu proprietário, tiveram no seu tempo.

Após o óbito de Júdice Fialho, em 1934, os herdeiros venderam a propriedade à Diocese do Algarve, que aqui instituiu o Colégio de Nossa Senhora do Alto. Graças a este bispado, e ao seu estimo por este património, tem sido bem conservada, preservando a maior parte do seu perfil inicial. Porém esta trouxe algumas alterações, de modo a adaptar o espaço as exigências requeridas, nomeadamente a educação. Assim sendo, foi construído um novo edifício de aulas, de linhas modernistas, e um lago artificial, que veio destruir parte do jardim envolvente do palácio que aqui existia, perdendo alguma imponência. Também foi criada uma zona de campos de jogos, e antigas práticas tem vindo a ser abandonadas, como a agricultura, por ter agora uma função secundária, e por falta de mão-de-obra. Elementos decorativos como painéis de azulejos, fontes, taças de água e estatuária estão esquecidos e banalizados.

Esta ocupação, que perdura à mais de 50 anos, contribuiu para que a história da quinta fosse esquecida, sendo poucos os habitantes farenses que ainda relembram este importante empresário algarvio.

Mas existem características neste espaço que marcaram a sua presença, ou foram marcadas por ele, que não permitem este esquecimento, tanto do ponto de vista estético, dos jardins formais ao estilo francês, dos elementos decorativos espalhados por toda a extensão, dos recantos de repouso e contemplação, das espécies arbóreas exóticas, como do ponto de vista técnico, da recolha, armazenamento e utilização dos recursos hídricos por um sistema hidráulico engenhoso, na organização do terreno em patamares e disposição de diferentes tipologias ao longo deles.

Diz o povo que Júdice Fialho queria construir a sua residência no centro da cidade, utilizando terrenos que lhe pertenciam e permutando outros com a Câmara. Este acordo não foi formalizado, razão pela qual escolhe este local para edificar o seu palácio, de “costas voltadas para a cidade”, como sinal do seu descontentamento.

Julgamos não ter sido esta a razão da localização escolhida. O centro de Faro jamais teria lugar para um espaço desta dimensão, para além da extraordinária vista que daqui se alcança.

A estrutura em três patamares, é explicada pela sua elevada inclinação, combatida por meio de muros de suporte. O palácio, inserido no centro da Quinta, no patamar intermédio, tem uma posição fulcral, sendo possível identificá-lo de quase todos os pontos.

A estrutura verde, disposta ao longo dos patamares, não está estabelecida de forma aleatória, mas sim bastante pensada. Assim sendo, o seu maior constituinte são as matas, tanto no patamar superior como no inferior, onde tomam lugar espécies de sequeiro. O jardim formal, disposto no patamar intermédio, é regado por água do tanque superior, proveniente de um poço localizado as cotas mais baixas, que aqui chega pelo trabalho de motores. Os talhões agrícolas, no patamar inferior, destinados a espécies de regadio, eram regados através de um sistema de regadeiras, com água proveniente de dois tanques localizados um pouco mais acima, que recolhiam água da chuva ou eram abastecidos por dois poços.

Assim sendo, conclui-se que, o espaço exterior é principalmente marcado por zonas verdes, sendo a de maior destaque o jardim formal, pelo seu traço barroco e por circundar o palácio e constituir um local de prazer e contemplação. Apesar da sua fácil distinção em relação aos restantes constituintes, mais rurais, não se nota um afastamento do mesmo, havendo uma relação harmoniosa entre uma componente natural e outra mais artificial, sendo possível encarar a Quinta como um só.

Identificam-se dois eixos, que coincidem com a estrada que vem desde a entrada principal até ao patamar intermédio, e o caminho que liga o palácio à antiga casa dos caseiros, hoje funcionando como receção da Quinta da Senhora Menina, uma empresa organizadora de eventos.

Os pontos que aqui são propostos para uma intervenção que venha a valorizar este património, foram ao longo deste trabalho estudados e reconhecidos como de grande importância estética ou por constarem no plano original da Quinta, de modo a representar o que antes existia, para que não se esqueça no tempo.

A aposta na abertura do espaço ao público pretende a sua divulgação e reconhecimento, não estando porém isenta de riscos e ameaças causados por turistas. Foram por isto propostos dois percursos interpretativos para minimizar danos.

A preservação passa também pela proteção ambiental, na salvaguarda dos solos agrícolas e abrigo de espécies arbóreas.

Bibliografia

Monografias

Almeida, C.; Mendonça, J. J. L.; Jesus, M. R.; Gomes, A. J.- Sistema de Aquíferos de Portugal Continental - Sistema Aquífero: Campina de Faro (M12), 2000. [Consult. 23 de Novembro de 2012].

Añón, Carmen – **El jardín Histórico: Notas para una Metodología Previa al Proyecto de Recuperación**. Madrid: Journal Scientifique ICOMOS, 1993.

Araújo, Ilídio Alves de – **Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal**. Lisboa: Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, 1962.

Birnbaum, Charles A.; Peters, Christine Capella, (ed.) – **The Secretary of the Interior's Standards for the Treatment of Historic Properties with Guidelines for the Treatment of Cultural Landscapes**. Washington, D.C.: Dept. of the Interior, National Park Service, Cultural Resources, Preservation Assistance Division, Historic Landscape Initiative, 1996.

Castel-Branco, Cristina (coord.) – **Jardim Botânico da Ajuda**. Lisboa: Jardim Botânico da Ajuda, 1999.

Castel-Branco, Cristina (dir.) – **Jardins com História: Poesia atrás de muros**. Lisboa: Edições INAPA, 2002.

Castel-Branco, Cristina – **Jardins dos Vice Reis Fronteira**. Lisboa: Oceanos, 2008.

Castel-Branco, Cristina (coord.) – **Necessidades: Jardins e Cerca**. Lisboa: Livros Horizonte/Jardim Botânico da Ajuda, 2001.

Faria, J. R.; Almeida, M. J. R.; Godinho, S.; Machado, M. S.- **O Clima de Portugal, Estudo hidroclimatológico da região do Algarve**. Lisboa: Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, 1981.

ICOMOS – **Internationals Charters for the Conservation and Restoration**. Paris: ICOMOS, s.d.

Jellicoe, Geoffrey; Jellicoe, Susan – **The Landscape of man: shaping the environment from prehistory to the present day**. London: Thames and Hudson, 1995.

Júdice Fialho: **Grande enciclopédia portuguesa e brasileira**. Lisboa: Editorial Presença, s.d.

Kopp, Erwin- **Os solos do Algarve e as suas características**. Faro: Direcção Regional de Agricultura do Algarve, 1989.

Lopes, Flávio; Correia, Miguel Brito – **Património Arquitectónico e Arqueológico. Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

Loureiro, João Mimoso- **Monografia Hidrológica do Algarve**. Faro: Universidade do Algarve, 1983.

Marreiros, Glória Maria- **Quem foi quem: 200 algarvios do século XX**. Lisboa: Colibri, 2000.

Mitchell, Nora; Rössler, Mechtild; Tricaud, Pierre-Marie (ed.) – **World Heritage Cultural Landscapes. A Handbook for Conservation and Management**. Paris: UNESCO World Heritage Centre, 2009.

Nunes, Joaquim António- **Júdice Fialho e a Evolução Histórica de Portimão**. Lisboa: Casa do Algarve, 1956.

A realidade Júdice Fialho: o passado e o presente. Lisboa: Comissão Sindical de Júdice Fialho, 1978.

Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- A Burguesia Farense. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias : elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999a. p. 42.

Rodrigues, Joaquim Manuel Vieira- O Império Fialho. In Marques, Maria da Graça Maia- **O Algarve da antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história**. Lisboa: Colibri, 1999b.

Rosa, José António Pinheiro e- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Concelho de Faro**. 1ª edição. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1984.

Tojal, Alexandre Arménio Maia- **Arquitectura doméstica em Faro na segunda metade do século XIX: Normas e práticas**. Lisboa: Monumentos, 2006.

Watkins, John; Wright, Thomas – **The Management and Maintenance of Historic Parks, Gardens and Landscapes: The English Heritage Handbook**. Londres: Frances Lincoln, 2007.

Dissertações e Trabalhos Académicos (não publicados)

Azambuja, Sónia Talhé – “**Slides das Aulas da unidade curricular de Recuperação e Gestão da Paisagem Cultural**”. Mestrado de Arquitetura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: s.n., 2012.

Costa, Margarida Sofia Jordão- **Quintas da Campina de Faro: levantamento e caracterização**. Faro: Universidade do Algarve, 2004.

Gomes, Rúben João Correia; Sónia Andrade; António Ramos Desidério; Maria Joana Matos- **Palácio Fialho - Quinta do Alto**. Trabalho orientado pela docente Mestre Sónia Talhé Azambuja, no âmbito da unidade curricular de História da Arte dos Jardins II do 1.º Ciclo de Arquitetura Paisagista da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade do Algarve . Faro: s.n., 2012.

Paixão, Maria da Conceição Bravo Ludovice- **Norte Júnior - Obra arquitectónica**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1989.

Serra, Jorge Miguel Robalo Duarte- **O Nascimento de um império conserveiro: “A Casa Fialho”**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

Publicações em série

Araújo, Ilídio Alves de – **Quintas de Recreio (Breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII)**. Braga: Revista Bracara Augusta, volume XXVII, fascículo 63 (75), 1974.

Benvindo Ceia. **O Algarve**, 1924.

Benvindo Ceia. **O Algarve**. Vol. Nº 885, 1925.

Ecos de semana – Benemerencia: O Algarve. Nº 497, 1917. [Consult. 30 de Setembro].

Ha 44 anos de “O distrito de Faro” de 19 de Outubro de 1882: O Algarve. Nº 968, 1926. [Consult. 24 de Outubro].

Ha 44 anos de “O distrito de Faro” de 22 de Dezembro de 1881. **O Algarve**. Vol. Nº 925, 1925.

Norte Junior - e a Camara Municipal. **O Algarve**, 1924.

Documentos electrónicos

Airoso, Marta; Bandeira, Filomena; Reis, Ana- **Edifício na Praça D. Pedro IV, n.º 21 - 27/ Tabacaria Mónaco / Livraria Diário de Notícias / Café Nicola**: SIPA, 2005. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7822%3E.

Albino, Raquel- **Norte Júnior - Leitura da sua obra através da construção moderna**. 15 de Outubro. Arquitectura de Papel: Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Disponível em WWW: <http://arqpapel.fa.utl.pt/pt/files/FAUTL_RaquelAlbin o.pdf>.

Antunes, Eva; Noé, Paula; Vale, Teresa; Gomes, Carlos; Ferreira, Maria; Costa, Sandra; Airoso, Marta- **Edifício na Rua Garrett, nº 102 a 122 / Café A Brasileira do Chiado / Loja David & David / Pastelaria Bénard / Livraria Sá da Costa / Hotel Borges**: SIPA, 2001. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5957%3E.

Bandeira, Filomena- **Antigo Royal Cine**: SIPA, 1999a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7736%3E.

Bandeira, Filomena- **Palacete na Rua Júlio Andrade, n.º 5**: SIPA, 1999b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7807%3E.

Bandeira, Filomena; Rodrigues, Helena; Rodrigues, Susana- **Casa Jasmim**: SIPA, 2006. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8433%3E.

Bandeira, Filomena; Vale, Teresa; Ferreira, Maria- **Edifício na Avenida Duque de Ávila, n.º 28 - 30**: SIPA, 1999. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4727%3E.

Caetano, Teresa- **Núcleo urbano da Vila Velha e Serra de Sintra**: SIPA, 2002. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=37%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Adega do Visconde Salreu**: SIPA, 2005a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23888%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Casal de Santa Margarida**: SIPE, 2004a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8427%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Casino de Sintra / Museu de Arte Moderna**: SIPA, 2005b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8438%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício da Avenida Praia da Vitória, n.º 2**: SIPA, 2005c. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22869%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício de habitação na Avenida António Augusto Aguiar, n.º 100**: SIPA, 2005d. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7748%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício do Crédito Predial Português**: SIPA, 2005e. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20912%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Alameda D. Afonso Henriques, n.º 82**: SIPA, 2005f. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22866%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Avenida Barbosa du Bocage, n.º 18 - 20**: SIPA, 2005g. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7745%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Avenida Cinco de Outubro, n.º 10**: SIPA, 2005h. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22868%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Avenida da República, n.º 55**: SIPA, 2005i. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7744%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Avenida da República, n.º 71 - 73**: SIPA, 2005j. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22865%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Praça do Campo Pequeno, n.º 21**: SIPA, 2005k. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22962%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Castilho, n.º 75**: SIPA, 2005l. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22960%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Chaby Pinheiro, n.º 9**: SIPA, 2005m. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22890%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua de São Julião, n.º 86-94**: SIPA, 2007a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=26231%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Padre António Vieira, n.º 28**: SIPA, 2007b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25548%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Rodrigues Sampaio, n.º 27 - 35**: SIPA, 2005n. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22961%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Rodrigues Sampaio, n.º 146**: SIPA, 2004b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21704%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Rodrigues Sampaio, n.º 158**: SIPA, 2005o. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21650%3E.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifícios na Avenida de Berna, n.º 4 e 6**: SIPA, 2005p. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7747%3E.

Castro-Caldas, Luísa; Figueiredo, Paula- **Forte de Santa Catarina / Palacete Seixas / Edifício da Messe de Cascais**: SIPA, 2010. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22648%3E.

Château & Jardins de Villandry. [Consult. 28 de Janeiro]. Disponível em WWW: <<http://www.chateauvillandry.fr/en%3E>.

Costa, Patrícia- **Miradouro de Folgoso / Miradouro do Castelo**: SIPA, 2002. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11782%3E.

Dionísio, Cidália- **Teatro Carlos Manuel / Centro Cultural Olga de Cadaval**: SIPA, 2002. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11557%3E.

Dordio, Paulo- **Hospital Visconde de Salreu**: SIPA, 2000. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10865%3E. ed.), Curso Inventariação KIT01 (1.^a- **Edifício Avenida Marquês de Tomar**, n.º 98: SIPA, 2012. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=30411%3E. Faria, J. R.; Almeida, M. J. R.; Godinho, S.; Machado, M. S.- **O Clima de Portugal**, Fernandes, Maria- **Palace Hotel do Buçaco / Palacete Hotel do Buçaco**: SIPA, 2005. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5687%3E. Furtado, Teresa- **Armazéns vinícolas Abel Pereira da Fonseca**: SIPA, 1998. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3180%3E. ICOMOS, Comissão Internacional de Jardins e Sítios Históricos /- **Carta de Florença**, 1981. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadeflorenca.pdf%3E>. ICOMOS, Conselho Internacional para os Monumentos e Sítios /- **Carta de Burra**, 1980. [Consult. 27 de Dezembro]. Disponível em WWW: <<http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf%3E>. ICOMOS, II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos /- **Carta de Veneza**, 1964. Disponível em WWW: <<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf%3E>. **João António Júdice Fialho**. http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=133391: Geneall. [Consult. 13 de Setembro]. Lameira, Francisco- **Palacete Belmarço / Palácio Belmarço**. SIPA, 1996a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4551%3E. Lameira, Francisco- **Palácio Fialho / Colégio de Nossa Senhora do Alto**. SIPA, 1996b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4484%3E. **Manuel Joaquim Norte Júnior**. Geneall. [Consult. 10 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=1075947%3E. Matias, Cecília- **Casa de Abel Pereira da Fonseca / Casa da Quinta das Cerejeiras**: SIPA, 2007a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25588%3E. Matias, Cecília- **Companhia Agrícola do Sanguinhal / Lojas LIDL**: SIPA, 2007b. [Consult. 19 de outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=26051%3E. Matias, Cecília; Castro-Caldas, Luísa- **Curia Palace Hotel**: SIPA, 2005. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=19811%3E. Noé, Paula- **Cocheiras de Santos Jorge / Cavalariças de Santos Jorge**: SIPA, 1991. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3047%3E. NorteJúnior - Arquitecto ímpar da nossa freguesia. **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Nossa Senhora de Fátima**. (2012). Disponível em WWW: <http://www.jf-nsfatima.pt/boletins/bol32/bol32_jfnsfatima.pdf%3E. Oliveira, Catarina- **Palácio Fialho**. <http://igespar.pt>: IGESPAR, 2008. [Consult. 13 de Setembro]. Passos, Luís- **O edifício mais notável de Faro: Palácio Fialho ou Palácio do Alto: Faro é Faro**. 2011. [Consult. 10 de Setembro]. Disponível em WWW: <Error! Hyperlink reference not valid..

Prémio Valmor: Prémios Valmor. <http://premiosvalmor.blogspot.pt/>. [Consult. 19 de Outubro].

Silva, João- **Casa de Malhoa / Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves:** SIPA, 1992a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3064%3E.

Silva, João- **Casa na Praça Duque de Saldanha, n.º 12:** SIPA, 1992b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3018%3E.

Silva, João- **Edifício na Avenida da República, n.º 15 a 15 - A / Pastelaria Versailles:** SIPA, 1992c. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4006%3E.

Uma escola com história. <http://www.colegiodoalto.net>: Colégio de Nossa Senhora do Alto - Faro, 2011. [Consult. 4 de Novembro].

Vale, Teresa; Ferreira, Maria- **Edifício da Voz do Operário:** SIPA, 1997a. [Consult. 19 de outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3037%3E.

Vale, Teresa; Ferreira, Maria- **Escola Industrial de António Arroio / Auditório Camões:** SIPA, 1997b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3039%3E.

Vale, Teresa; Ferreira, Maria- **Hotel Liz:** SIPA, 1998a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5097%3E.

Vale, Teresa; Ferreira, Maria- **Imóvel na Avenida Defensores de Chaves, n.º 26 / Clube Militar Naval:** SIPA, 1998b. [Consult. 10 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4033%3E.

Vale, Teresa; Ferreira, Maria; Costa, Sandra- **Palacete na Alameda das Linhas de Torres / Villa Sousa:** SIPA, 2001. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11508%3E.

Vale, Teresa; Ferreira, Maria; Costa, Sandra; Leão, Joana- **Edifício do Ramiro Leão / Edifício da United Colors of Benetton:** SIPA, 2004. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7134%3E.

Vale, Teresa; Ferreira, Maria; Figueiredo, Paula- **Palacete na Avenida Fontes Pereira de Melo, n.º 28 / Edifício da Sede do Metropolitano de Lisboa:** SIPA, 2008. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5619%3E.

Vale, Teresa; Ferreira, Maria; Mantas, Helena; Simões, João- **Sanatório de Sant'Ana / Hospital de Sant'Ana:** SIPA, 2006. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6058%3E.

Vale, Teresa; Gomes, Carlos- **Bairro Estrela d'Ouro:** SIPA, 1994. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5965%3E.

Vale, Teresa; Gomes, Carlos- **Edifício na Avenida Vinte e Quatro de Julho / Loja PariSETE:** SIPA, 1995. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <Edifício na Avenida Vinte e Quatro de Julho / Loja PariSETE>.

Vale, Teresa; Gomes, Carlos- **Edifício na Rua Braancamp, n.º 40 / Heron Castilho:** SIPA, 1993. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3173%3E.

Vale, Teresa; Gomes, Carlos; Silva, João- **Casa na Avenida de Berna, n.º 1 e 1 - A:** SIPA, 1993. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3188%3E.

Varela, Ana Sofia- «**Moderno ao Sul**» homenageia arquitectura de Gomes da Costa: Barlavento online, 2009. [Consult. 11 de Outubro]. Disponível em WWW: <<http://www.barlavento.pt/index.php/noticia?id=37078%3E>.

Varela, Ana Sofia- **Obra "modernista" do arquitecto Manuel Gomes da Costa em foco em palestra na sexta-feira, em Faro**. Barlavento online: Agência Lusa, 2010. [Consult. 11 de Outubro]. Disponível em WWW: <<http://www.barlavento.pt/index.php/noticia?id=39406%3E>.

Anexo I – Cartas de Solos de Faro

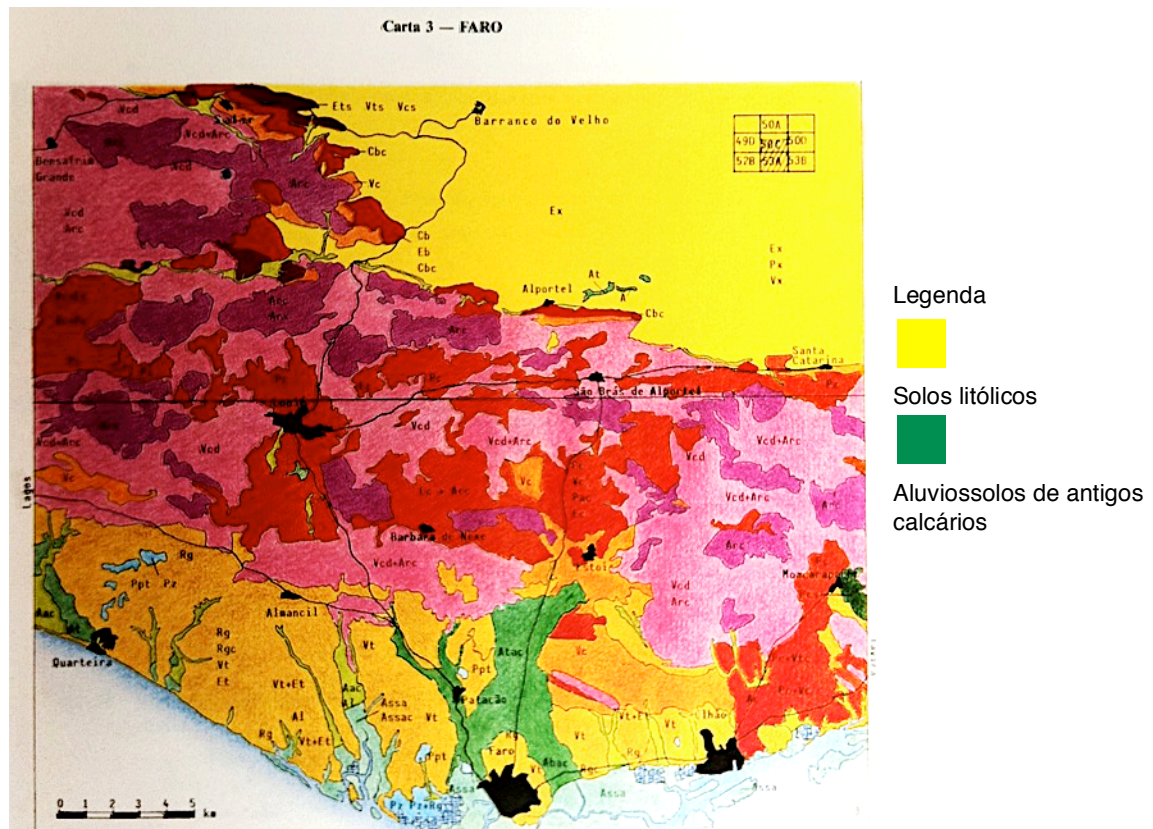


Figura 92 - Carta de solos do S.R.O.A (fonte: Kopp, Erwin- Os solos do Algarve e as suas características)



Figura 93 - Carta de solos da RAN (fonte: mapas.cm-faro.pt/)

Anexo II – Publicação em Diário da República sobre Classificação da Quinta

Diário da República, 2.ª série—N.º 252—31 de dezembro de 2012

41180-(69)

Portaria n.º 740-FR/2012

O Palácio Fialho, outra designação do Palácio da Quinta de Santo António do Alto, foi construído no 1.º quartel do século XX, com projeto do arquiteto Norte Júnior, para o grande proprietário, comerciante e industrial João António Júdice Fialho. O edifício, de apreciáveis dimensões e aparato, é um eloquente testemunho da tipologia arquitetónica *Beaux-Arts*, inspirada no academismo francês oitocentista.

Formando uma unidade orgânica com o espaço envolvente — com os seus jardins à francesa e à inglesa, largos terraços de balaustrada e varandim, escultura decorativa, horta e pomar —, o Palácio Fialho mantém no interior idêntica tendência para a conceção de espaços de prestígio, na ampla disposição das divisões, escolha criteriosa de materiais e adjectivação ornamental.

A classificação do Palácio Fialho reflete os critérios constantes do artigo 17.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, relativos ao carácter matricial do bem, ao génio do respetivo criador, ao seu valor estético, técnico e material intrínseco e à sua conceção arquitetónica, urbanística e paisagística.

A zona especial de proteção (ZEP) tem em consideração a zona envolvente do imóvel, e a sua fixação visa valorizá-lo através da salvaguarda da continuidade do seu enquadramento natural e edificado, de forma a garantir uma adequada leitura de vistas.

Foram cumpridos os procedimentos de audição dos interessados, previstos no artigo 27.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, e nos artigos 25.º e 45.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 115/2011, de 5 de dezembro, de acordo com o disposto nos artigos 100.º e seguintes do Código do Procedimento Administrativo.

Assim:

Sob proposta dos serviços competentes, nos termos do disposto no artigo 15.º, no n.º 1 do artigo 18.º, no n.º 2 do artigo 28.º e no artigo 43.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, conjugado com o disposto no n.º 2 do artigo 30.º e no n.º 1 do artigo 48.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 115/2011, de 5 de dezembro, e no uso das competências conferidas pelo n.º 11 do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 86-A/2011, de 12 de julho, manda o Governo, pelo Secretário de Estado da Cultura, o seguinte:

Artigo 1.º

Classificação

É classificado como monumento de interesse público o Palácio Fialho, na Quinta de Santo António do Alto, Faro, freguesia da Sé, concelho e distrito de Faro, conforme planta de delimitação constante do anexo à presente portaria e que desta faz parte integrante.

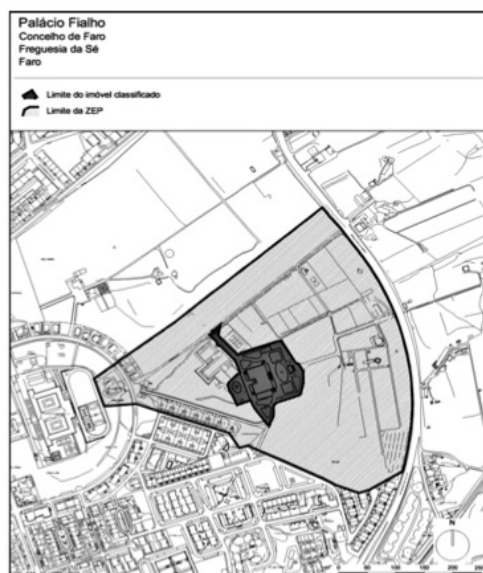
Artigo 2.º

Zona especial de proteção

É fixada a zona especial de proteção do monumento referido no artigo anterior, conforme planta de delimitação constante do anexo à presente portaria e que desta faz parte integrante.

20 de dezembro de 2012. — O Secretário de Estado da Cultura, *Jorge Barreto Xavier*.

Anexo



Anexo III – Obras do Arquiteto Norte Júnior

- Construções rústicas na Parque Conde de Sabrosa, em Lisboa, também elas não efetuadas – 1903;
- Uma casa de campo, não localizado e não construído – 1904;
- Casa dos Brasões, pertencente ao Palace Hotel do Buçaco, na Mealhada – 1905;¹⁶²
- Casa Mário Artagão, na Avenida da República em Lisboa – 1906;
- Casa Branco Rodrigues, na Avenida da República em Lisboa – 1906;
- Casa António Pinto da Fonseca Motta, em Lisboa – 1907;
- Pavilhão D. Carlos, no Buçaco - 1907;
- Bairro Estrela d'Ouro, na Graça, em Lisboa – 1907;¹⁶³
- Casa Amélia Augusta Pereira Leite, na Avenida da República/Avenida de Berna, em Lisboa – 1908;¹⁶⁴
- Casa Constâncio Quadrio de Carvalho, em Lisboa – 1908;
- Edifício na Rua Garrett do café “A Brasileira”, em Lisboa – 1908;¹⁶⁵
- Casa João Baptista de Macedo, em Lisboa – 1909;
- Casa José Pereira da Costa, na Avenida Almirante Reis em Lisboa – 1910;
- Prédio Manuel Brandão, em Lisboa – 1910;
- Palacete na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa – 1910;¹⁶⁶
- Vila Souza, em Lisboa – 1911;¹⁶⁷
- Casa Nuno de Oliveira, em Lisboa – 1912;¹⁶⁸

¹⁶² Fernandes, Maria- **Palace Hotel do Buçaco / Palacete Hotel do Buçaco**: SIPA, 2005. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5687>.

¹⁶³ Vale, Teresa; Gomes, Carlos- **Bairro Estrela d'Ouro**: SIPA, 1994. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5965>.

¹⁶⁴ Vale, Teresa; Gomes, Carlos; Silva, João- **Casa na Avenida de Berna, n.º 1 e 1 - A**: SIPA, 1993. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3188>.

¹⁶⁵ Antunes, Eva; Noé, Paula; Vale, Teresa; Gomes, Carlos; Ferreira, Maria; Costa, Sandra; Airoso, Marta- **Edifício na Rua Garrett, nº 102 a 122 / Café A Brasileira do Chiado / Loja David & David / Pastelaria Bénard / Livraria Sá da Costa / Hotel Borges**: SIPA, 2001. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5957>.

¹⁶⁶ Vale, Teresa; Ferreira, Maria; Figueiredo, Paula- **Palacete na Avenida Fontes Pereira de Melo, n.º 28 / Edifício da Sede do Metropolitano de Lisboa**: SIPA, 2008. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5619>.

¹⁶⁷ Vale, Teresa; Ferreira, Maria; Costa, Sandra- **Palacete na Alameda das Linhas de Torres / Villa Sousa**: SIPA, 2001. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11508>.

¹⁶⁸ Silva, João- **Casa na Praça Duque de Saldanha, n.º 12**: SIPA, 1992b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3018>.

- Uma propriedade para Rendimento Apolinário Contreras Pinheiro, em Lisboa – 1911;
- Palácio José Maria Marques, em Lisboa – 1911;
- Vila Catatau, em Lisboa – 1912;
- Palacete Belmarço, em Faro – 1912;¹⁶⁹
- Sociedade a Voz do Operário, em Lisboa – 1912;¹⁷⁰
- Um prédio para Rendimento Visconde de Salreu, na Avenida da Liberdade em Lisboa – 1913;¹⁷¹
- Cocheiras e Cavalariças de Santos Jorge, em Cascais – 1914;¹⁷²
- Palácio Fialho, em Faro – 1915;¹⁷³
- Sede Associação de Socorros Mútuos Empregados Comércio e Indústria, em Lisboa – 1916;¹⁷⁴
- Casa da Quinta das Cerejeiras, no Bombarral – 1916;¹⁷⁵
- Palacete Seixas, em Cascais – 1916;¹⁷⁶
- Armazéns vinícolas Abel Pereira da Fonseca, em Lisboa – 1917;¹⁷⁷
- Imóvel na Avenida Defensores de Chaves, em Lisboa – 1917;¹⁷⁸
- Duas casas de estilização tradicionalista, de data desconhecida, ambas no Estoril.¹⁷⁹

¹⁶⁹ Lameira, Francisco- **Palacete Belmarço / Palácio Belmarço**. SIPA, 1996a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4551>.

¹⁷⁰ Vale, Teresa; Ferreira, Maria- **Edifício da Voz do Operário**: SIPA, 1997a. [Consult. 19 de outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3037>.

¹⁷¹ Albino, Raquel- **Norte Júnior - Leitura da sua obra através da construção moderna**. 15 de Outubro. Arquitectura de Papel: Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Disponível em WWW: http://arqpapel.fa.utl.pt/pt/files/FAUTL_Raquel%20Albin o.pdf.

¹⁷² Noé, Paula- **Cocheiras de Santos Jorge / Cavalariças de Santos Jorge**: SIPA, 1991. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3047>.

¹⁷³ Oliveira, Catarina- **Palácio Fialho**. <http://igespar.pt>: IGESPAR, 2008. [Consult. 13 de Setembro].

¹⁷⁴ (Albino), ibidem.

¹⁷⁵ Matias, Cecília- **Casa de Abel Pereira da Fonseca / Casa da Quinta das Cerejeiras**: SIPA, 2007a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25588>.

¹⁷⁶ Castro-Caldas, Luísa; Figueiredo, Paula- **Forte de Santa Catarina / Palacete Seixas / Edifício da Messe de Cascais**: SIPA, 2010. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22648>.

¹⁷⁷ Furtado, Teresa- **Armazéns vinícolas Abel Pereira da Fonseca**: SIPA, 1998. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3180>.

¹⁷⁸ Vale, Teresa; Ferreira, Maria- **Imóvel na Avenida Defensores de Chaves, n.º 26 / Clube Militar Naval**: SIPA, 1998b. [Consult. 10 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4033>.

¹⁷⁹ Albino, Raquel- **Norte Júnior - Leitura da sua obra através da construção moderna**. 15 de Outubro. Arquitectura de Papel: Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Disponível em WWW: http://arqpapel.fa.utl.pt/pt/files/FAUTL_Raquel%20Albin o.pdf

- Edifício do Crédito Predial Português, na Rua Augusta, em Lisboa – 1919;¹⁸⁰
- Edifício na Avenida Duque de Ávila, em Lisboa – 1920;¹⁸¹
- Casal de Santa Margarida, em Sintra – 1921;¹⁸²
- Edifício na Rua Braancamp, em Lisboa – 1921;¹⁸³
- Palace Hotel, em Cúria – 1922;¹⁸⁴
- Edifício na Avenida da República/Pastelaria Versailles, em Lisboa – 1922;¹⁸⁵
- Edifício multifamiliar, na Avenida Marquês de Tomar, em Lisboa – 1923;¹⁸⁶
- Adega Visconde Salreu, em Sintra – 1923;¹⁸⁷
- Casino de Sintra, que funciona hoje em dia como Museu de Arte Moderna - 1923;¹⁸⁸
- Casa Jasmim, em Sintra – 1924;¹⁸⁹
- Hotel Liz, em Lisboa – 1924;¹⁹⁰
- Pensão Tivoli, em Lisboa – 1926;
- Teatro Variedades, em Lisboa – 1926¹⁹¹;

¹⁸⁰ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício do Crédito Predial Português**: SIPA, 2005e. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20912>.

¹⁸¹ Bandeira, Filomena; Vale, Teresa; Ferreira, Maria- **Edifício na Avenida Duque de Ávila, n.º 28 - 30**: SIPA, 1999. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4727>.

¹⁸² Castro-Caldas, Luísa- **Casal de Santa Margarida**: SIPE, 2004a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8427>.

¹⁸³ Vale, Teresa; Gomes, Carlos- **Edifício na Rua Braancamp, n.º 40 / Heron Castilho**: SIPA, 1993. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3173>.

¹⁸⁴ Matias, Cecília; Castro-Caldas, Luísa- **Curia Palace Hotel**: SIPA, 2005. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=19811>.

¹⁸⁵ Silva, João- **Edifício na Avenida da República, n.º 15 a 15 - A / Pastelaria Versailles**: SIPA, 1992c. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4006>.

¹⁸⁶ ed.), Curso Inventariação KIT01 (1.ª- **Edifício Avenida Marquês de Tomar, n.º 98**: SIPA, 2012. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=30411>.

¹⁸⁷ Castro-Caldas, Luísa- **Adega do Visconde Salreu**: SIPA, 2005a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23888>.

¹⁸⁸ Castro-Caldas, Luísa- **Casino de Sintra / Museu de Arte Moderna**: SIPA, 2005b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8438>.

¹⁸⁹ Bandeira, Filomena; Rodrigues, Helena; Rodrigues, Susana- **Casa Jasmim**: SIPA, 2006. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8433>.

¹⁹⁰ Vale, Teresa; Ferreira, Maria- **Hotel Liz**: SIPA, 1998a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5097>.

¹⁹¹ NorteJúnior - Arquitecto ímpar da nossa freguesia. **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Nossa Senhora de Fátima**. (2012). Disponível em WWW: <http://www.jf-nfsfatima.pt/boletins/bol32/bol32_jfnsfatima.pdf>.

- Edifício do Ramiro Leão, na Rua Garret em Lisboa – 1926;¹⁹²
- Royal Cine, em Lisboa – 1928;¹⁹³
- Edifício na Avenida da República, em Lisboa – 1929;¹⁹⁴
- Café Nicola, em Lisboa – 1929;¹⁹⁵
- Escola Industrial de António Arroio, em Lisboa – década de 20;¹⁹⁶
- Edifício na Avenida Barbosa du Bocage, em Lisboa – 1930;¹⁹⁷
- Edifício na Rua de São Julião, em Lisboa – 1931;¹⁹⁸
- Hotel Paris, no Estoril – 1932;
- Edifício de habitação, na Avenida António Augusto Aguiar, em Lisboa – 1932;¹⁹⁹
- Edifício na Praça do Campo Pequeno, em Lisboa - 1932;²⁰⁰
- Edifício na Avenida da República, em Lisboa – 1933;²⁰¹
- Edifício da Sociedade Amor da Pátria, na Horta – 1934;
- Edifício na Avenida de Berna, em Lisboa – 1934;²⁰²
- Hospital Visconde de Salreu - 1935;²⁰³

¹⁹² Vale, Teresa; Ferreira, Maria; Costa, Sandra; Leão, Joana- **Edifício do Ramiro Leão / Edifício da United Colors of Benetton**: SIPA, 2004. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7134>.

¹⁹³ Bandeira, Filomena- **Antigo Royal Cine**: SIPA, 1999a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7736>.

¹⁹⁴ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Avenida da República, n.º 55**: SIPA, 2005i. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7744>.

¹⁹⁵ Airoso, Marta; Bandeira, Filomena; Reis, Ana- **Edifício na Praça D. Pedro IV, n.º 21 - 27/ Tabacaria Mónaco / Livraria Diário de Notícias / Café Nicola**: SIPA, 2005. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7822>.

¹⁹⁶ Vale, Teresa; Ferreira, Maria- **Escola Industrial de António Arroio / Auditório Camões**: SIPA, 1997b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3039>.

¹⁹⁷ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Avenida Barbosa du Bocage, n.º 18 - 20**: SIPA, 2005g. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7745>.

¹⁹⁸ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua de São Julião, n.º 86-94**: SIPA, 2007a. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=26231>.

¹⁹⁹ (Castro-Caldas, Edifício de habitação na Avenida António Augusto Aguiar, n.º 100, 2005)

²⁰⁰ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício de habitação na Avenida António Augusto Aguiar, n.º 100**: SIPA, 2005d. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7748>.

²⁰¹ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Avenida da República, n.º 71 - 73**: SIPA, 2005j. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22865>.

²⁰² Castro-Caldas, Luísa- **Edifícios na Avenida de Berna, n.º 4 e 6**: SIPA, 2005p. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7747>.

²⁰³ Dordio, Paulo- **Hospital Visconde de Salreu**: SIPA, 2000. [Consult. 19 de Outubro].

Disponível em WWW: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10865>.

- Palacete Guerreirinho, em Faro – 1936;
- Palacete na Rua Júlio Andrade, em Lisboa – 1936;²⁰⁴
- Edifício na Rua Chaby Pinheiro, em Lisboa – 1938;²⁰⁵
- Edifício na Avenida 5 de Outubro, em Lisboa – 1939;²⁰⁶
- Edifício Renascentista no Largo Dr. Gregório de Almeida, em Sintra – 1940;²⁰⁷
- Teatro Carlos Manuel, em Sintra – 1940;²⁰⁸
- Edifício na Rua Pedre António Vieira, em Lisboa – 1941;²⁰⁹
- Edifício na Praça do Campo Pequeno, em Lisboa – 1945;²¹⁰
- Edifício na Alameda Afonso Henriques, em Lisboa – 1946;²¹¹
- Grande Hotel do Monte Estoril – s/data;
- Cine teatro de Sintra – s/data;
- Companhia Agrícola do Sanguinhal, no Bombarral – década de 30;²¹²
- Edifício da Avenida Praia da Vitória, em Lisboa – década de 50;²¹³
- Dois edifícios na Avenida da Liberdade, em Lisboa – data desconhecida;
- Edifício na Avenida 24 de Julho, em Lisboa – século XX;²¹⁴

²⁰⁴ Bandeira, Filomena- **Palacete na Rua Júlio Andrade, n.º 5**: SIPA, 1999b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7807>.

²⁰⁵ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Chaby Pinheiro, n.º 9**: SIPA, 2005m. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22890>.

²⁰⁶ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Avenida Cinco de Outubro, n.º 10**: SIPA, 2005h. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22868>.

²⁰⁷ Caetano, Teresa- **Núcleo urbano da Vila Velha e Serra de Sintra**: SIPA, 2002. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=37>.

²⁰⁸ Dionísio, Cidália- **Teatro Carlos Manuel / Centro Cultural Olga de Cadaval**: SIPA, 2002. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11557>.

²⁰⁹ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Padre António Vieira, n.º 28**: SIPA, 2007b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=25548>.

²¹⁰ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Praça do Campo Pequeno, n.º 21**: SIPA, 2005k. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22962>.

²¹¹ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Alameda D. Afonso Henriques, n.º 82**: SIPA, 2005f. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22866>.

²¹² Matias, Cecília- **Companhia Agrícola do Sanguinhal / Lojas LIDL**: SIPA, 2007b. [Consult. 19 de outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=26051>.

²¹³ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício da Avenida Praia da Vitória, n.º 2**: SIPA, 2005c. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22869>.

- Três edifícios na Rua Rodrigues Sampaio, em Lisboa – século XX;²¹⁵
- Miradouro de Folgosinho, em Gouveia – século XX;²¹⁶
- Hospital de Sant'ana, em Cascais – século XX;²¹⁷
- Edifício na Rua Castilho, em Lisboa – década de 50;²¹⁸

²¹⁴ Vale, Teresa; Gomes, Carlos- **Edifício na Avenida Vinte e Quatro de Julho / Loja PariSETE**: SIPA, 1995. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW: <Edifício na Avenida Vinte e Quatro de Julho / Loja PariSETE>.

²¹⁵ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Rodrigues Sampaio, n.º 146**: SIPA, 2004b. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21704>.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Rodrigues Sampaio, n.º 158**: SIPA, 2005o. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21650>.

Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Rodrigues Sampaio, n.º 27 - 35**: SIPA, 2005n. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22961>.

²¹⁶ Costa, Patrícia- **Miradouro de Folgosinho / Miradouro do Castelo**: SIPA, 2002. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11782>.

²¹⁷ Vale, Teresa; Ferreira, Maria; Mantas, Helena; Simões, João- **Sanatório de Sant'Ana / Hospital de Sant'Ana**: SIPA, 2006. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6058>.

²¹⁸ Castro-Caldas, Luísa- **Edifício na Rua Castilho, n.º 75**: SIPA, 2005l. [Consult. 19 de Outubro]. Disponível em WWW:

<http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=22960>.

Anexo IV – Listagem de Árvores e Arbustos

Quadro 1 – Listagem de árvores e arbustos da mata

Nome Científico	Família	Origem	EN	ES	DI	Total
<i>Acacia cyanophylla</i> Lindl.	Leguminosae	Austrália	16	-	6	22
<i>Acacia dealbata</i> Link	Leguminosae	Austrália	-	-	2	2
<i>Acer</i> sp.	<i>Aceraceae</i>	Ásia	-	1	-	1
<i>Agave americana</i> L.	Agavaceae	México, América do Norte	1	-	-	1
<i>Agave foetida</i> L.	Agavaceae	México, América do Norte	1	-	-	1
<i>Ailanthus altissima</i> (Mill.) Swingle	Simaroubaceae	Ásia, China	-	1	2	3
<i>Arbutus unedo</i> L.	Ericaceae	Região Mediterrânica	-	-	2	2
<i>Brachychiton populneus</i> R.Br.	<i>Sterculiaceae</i>	Austrália	2	-	11	13
<i>Casuarina equisetifolia</i> L.	<i>Casuarinaceae</i>	Austrália	8	-	7	15
<i>Cedrus atlantica</i> G.Manetti	<i>Pinaceae</i>	Norte de África	-	1	5	6
<i>Ceratonia siliqua</i> L.	<i>Leguminosae</i>	Região Mediterrânica	13	4	24	41
<i>Cercis siliquastrum</i> L.	<i>Leguminosae</i>	Ásia Menor, Sul da Ásia	-	7	4	11
<i>Cupressus arizonica</i> Greene	<i>Cupressaceae</i>	América do Norte	-	5	1	6
<i>Cupressus lusitanica</i> Mill.	<i>Cupressaceae</i>	América do Norte, México	-	19	17	36
<i>Cupressus sempervirens</i> L.	<i>Cupressaceae</i>	Asia Menor, Sul da Europa, região Mediterrânica	-	37	31	68
<i>Cupressus sempervirens horizontalis</i> L.	<i>Cupressaceae</i>	Asia Menor, Sul da Europa, região	9	35	10	54

		Mediterrânica				
<i>Dracaena draco</i> L.	<i>Agavaceae</i>	Madeira	1	-	-	1
<i>Eucalyptus</i> sp.	<i>Myrtaceae</i>	Austrália	1	-	1	2
<i>Ficus benjamina</i> L.	<i>Moraceae</i>	Ásia	-	-	1	1
<i>Ginkgo biloba</i> L.	<i>Ginkgoaceae</i>	Ásia, China	-	1	-	1
<i>Grevillea robusta</i> A.Cunn.	<i>Proteaceae</i>	Austrália	8	-	20	28
<i>Jacaranda mimosifolia</i> D.Don	<i>Bignoniaceae</i>	América do Sul, Brasil, Uruguai, Argentina	7	4	38	49
<i>Koelreuteria paniculata</i> Laxm.	<i>Sapindaceae</i>	Ásia ocidental, China, Japão, Coreia	-	1	-	1
<i>Ligustrum lucidum</i> W.T.Aiton	<i>Oleaceae</i>	Ásia, China, Japão	9	-	3	12
<i>Melia azedarach</i> L.	<i>Meliaceae</i>	Ásia	1	14	12	27
<i>Myoporum acuminatum</i> R.Br.	<i>Myoporaceae</i>	Austrália	1	-	1	2
<i>Nerium oleander</i> L.	<i>Apocynaceae</i>	Região Mediterrânica	5	-	-	5
<i>Olea europaea</i> L.	<i>Oleaceae</i>	Região Mediterrânica	30	4	18	52
<i>Phoenix canariensis</i> Hort. ex Chabaud	<i>Arecaceae</i>	Região Mediterrânica	1	-	-	1
<i>Phoenix dactylifera</i> L.	<i>Arecaceae</i>	Norte de África, Ásia ocidental	-	-	1	1
<i>Phytolacca dioica</i> L.	<i>Phytolaccaceae</i>	América do Sul, Peru, Argentina	2	-	5	7
<i>Pinus halepensis</i> Mill.	<i>Pinaceae</i>	Sul da Europa, região Mediterrânica	110	2	7	119
<i>Pinus pinea</i> L.	<i>Pinaceae</i>	Região Mediterrânica	3	-	-	3
<i>Pittosporum tobira</i> [Dryand.]	<i>Pittosporaceae</i>	Ásia, China, Japão	1	-	1	2
<i>Platanus occidentalis</i> L.	<i>Platanaceae</i>	Europa	-	-	4	4
<i>Prunus</i>	<i>Rosaceae</i>	Ásia Menor	2	-	2	4

<i>amygdalus</i> Stokes						
<i>Prunus</i> <i>cerasifera</i> Ehrh. subsp. <i>pissardii</i> (Carrière) Dostál	<i>Rosaceae</i>	Ásia Menor	-	2	2	4
<i>Punica</i> <i>granatum</i> L.	Lythraceae	Ásia	1	1	-	2
<i>Quercus</i> <i>rotundifolia</i> Lam.	<i>Fagaceae</i>	Região Mediterrânica	19	-	-	19
<i>Robinia</i> <i>pseudoacacia</i> L.	<i>Leguminosae</i>	América do Norte e Central	2	-	13	15
<i>Schinus</i> <i>lentiscifolius</i> Marchand	<i>Anacardiaceae</i>	América do Sul	1	-	-	1
<i>Schinus molle</i> L.	<i>Anacardiaceae</i>	América do Sul e Central	-	-	2	2
<i>Tamarix</i> <i>africana</i> Poir.	<i>Tamaricaceae</i>	Região Mediterrânica	1	-	-	1
<i>Thuja</i> <i>occidentalis</i> L.	<i>Cupressaceae</i>	América do Norte	4	-	-	4
<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze	Leguminosae	América do Sul	3	-	3	6
<i>Ulmus procera</i> Salisb.	<i>Ulmaceae</i>	Centro e Sul da Europa	-	-	1	1
<i>Vitex agnus-</i> <i>castus</i> L.	Lamiaceae	Região Mediterrânica	-	-	1	1
<i>Washingtonia</i> <i>filifera</i> (Linden ex André) H.Wendl.	Arecaceae	América do Norte		8	3	11
<i>Yucca gloriosa</i> L.	<i>Agavaceae</i>	América Central	10	-	1	11

Legenda:

EN – Mata de entrada

ES – Mata à esquerda do eixo que liga o palácio à Quinta da Senhora Menina

DI – Mata à direita do eixo que liga o palácio à Quinta da Senhora Menina

Ao fazer o levantamento botânico destas áreas, deparamo-nos com certos espécimes que se encontram desenquadrados da perspetiva global do espaço, que são irrelevantes para a sua caracterização, apresentados na tabela a cinzento. Podemos concluir, que estes não pertencem ao projeto original da Quinta, como por exemplo o *Ficus benjamina* L. e

Dracaena draco L., pelo seu reduzido número, tendo sido plantados posteriormente, com o objetivo de repor algumas das árvores que tem vindo a morrer ao longo do tempo.

Também foram considerados neste grupo espécies invasoras, como é o caso da *Acacia cyanophylla* Lindl. e *Ailanthus altissima* (Mill.) Swingle.

Quadro 2 – Listagem de árvores e arbustos do jardim formal

Nome Científico	Família	Origem	Número de espécies no patamar intermédio	Número de espécies nos canteiros da escadaria	Número total de espécies
<i>Araucaria heterophylla</i> (Salisb.) Franco	<i>Araucariaceae</i>	Austrália	1	4	5
<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	<i>Nyctaginaceae</i>	América do Sul, Brasil		-	
<i>Brachychiton acerifolius</i> F.Muell.	<i>Sterculiaceae</i>	Austrália	1	-	1
<i>Brachychiton populneus</i> R.Br.	<i>Sterculiaceae</i>	Austrália	1	1	2
<i>Callistemon viminalis</i> Cheel	<i>Myrtaceae</i>	Austrália	2	-	2
<i>Casuarina equisetifolia</i> L.	<i>Casuarinaceae</i>	Austrália	4	-	4
<i>Celtis australis</i> L.	<i>Ulmaceae</i>	Ásia, Sul da Europa	1	-	1
<i>Ceratonia siliqua</i> L.	<i>Leguminosae</i>	Região Mediterrânica	8	-	8
<i>Cordyline australis</i> Hook.f.	<i>Agavaceae</i>	Austrália, Nova Zelândia	1	-	1
<i>Cupressus sempervirens</i> L.	<i>Cupressaceae</i>	Ásia Menor, Sul da Europa, Região Mediterrânica	5	-	5
<i>Datura candida</i> Saff.	<i>Solanaceae</i>	América do Norte, Peru, Chile	2	-	2

<i>Dracaena draco</i> L.	<i>Agavaceae</i>	Madeira, Canárias, Cabo Verde	4	-	4
<i>Euonymus japonicus</i> Thunb.	<i>Celastraceae</i>	Japão	2	-	2
<i>Feijoa sellowiana</i> (O.Berg) O.Berg	<i>Myrtaceae</i>	Nova Zelândia	1	1	2
<i>Ficus australis</i> Willd.	<i>Moraceae</i>	Ásia tropical	1	-	1
<i>Ficus elastica</i> Roxb.	<i>Moraceae</i>	Ásia tropical	1	-	1
<i>Grevillea robusta</i> A.Cunn.	<i>Proteaceae</i>	Austrália	5	-	5
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	<i>Malvaceae</i>	América do Norte, China, Japão	14	-	14
<i>Jacaranda mimosifolia</i> D.Don	<i>Bignoniaceae</i>	América do Sul, Brasil, Uruguai, Argentina	11	-	11
<i>Lagunaria patersonii</i> G.Don	<i>Malvaceae</i>	Austrália	1	-	1
<i>Lantana camara</i> L.	<i>Verbenaceae</i>	América do Sul		-	
<i>Lantana montevidensis</i> Briq.	<i>Verbenaceae</i>	América do Sul		-	
<i>Laurus nobilis</i> L.	<i>Lauraceae</i>	Ásia menor, Região Mediterrânea	6	-	6
<i>Ligustrum japonicum</i> Thunb.	<i>Oleaceae</i>	Japão, Ásia	1	-	1
<i>Ligustrum lucidum</i> W.T.Aiton	<i>Oleaceae</i>	Ásia, China, Japão	-	1	1
<i>Maclura pomifera</i> C.K.Schneid.	<i>Moraceae</i>	América do Norte	6	-	6
<i>Malvaviscus arboreus</i> Cav.	<i>Malvaceae</i>	América Central	2	-	2

<i>Melaleuca diosmifolia</i> R.Br.	<i>Myrtaceae</i>	Austrália	2	-	2
<i>Melia azedarach</i> L.	<i>Meliaceae</i>	Ásia	1	-	1
<i>Myrtus communis</i> L.	<i>Myrtaceae</i>	Europa	5	-	5
<i>Nerium oleander</i> L.	<i>Apocynaceae</i>	Região Mediterrânea	12	-	12
<i>Olea europaea</i> L.	<i>Oleaceae</i>	Região Mediterrânea	2	-	2
<i>Pinus halepensis</i> Mill.	<i>Pinaceae</i>	Sul da Europa, Região Mediterrânea	3	1	4
<i>Pinus pinea</i> L.	<i>Pinaceae</i>	Região Mediterrânea	2	-	2
<i>Pittosporum tobira</i> [Dryand.]	<i>Pittosporaceae</i>	Ásia, China, Japão	9	2	11
<i>Pittosporum undulatum</i> Vent.	<i>Pittosporaceae</i>	Ásia, China, Japão	5	-	5
<i>Punica granatum</i> L.	<i>Lythraceae</i>	Ásia	2	-	2
<i>Rosa</i> sp.	<i>Roseae</i>	Europa	3	-	3
<i>Solandra maxima</i> (Sessé & Moc.) P.S.Green	<i>Solanaceae</i>	América Tropical	1	-	1
<i>Thuja occidentalis</i> L.	<i>Cupressaceae</i>	América do Norte	8	2	10
<i>Trachycarpus fortunei</i> (Hook.) H.Wendl.	<i>Arecaceae</i>	China, Japão	1	-	1
<i>Viburnum tinus</i> L.	<i>Caprifoliaceae</i>	Região Mediterrânea	6	-	6
<i>Washingtonia filifera</i> (Linden ex André) H.Wendl.	<i>Arecaceae</i>	América do Norte	5	-	5
<i>Washingtonia robusta</i> H.Wendl.	<i>Arecaceae</i>	América do Norte	5	-	5

Herbáceas: *Gazania hyb. Gaertn.*, *Hemerocallis aurantiaca Baker*, *Verbena hyb. L.*, *Viola sp. L.*, *Arctotys hyb. Kern.*, *Dimorphotheca aurantiaca DC.*, *Pelargonium peltatum (L.) L'Hér.*, *Alstroemeria versicolor Ruiz & Pav.*, *Abutilon hyb. Mill.*, *Agapanthus africanus Hoffmanns.*, *Helianthus annuus L.*, *Strelitzia reginae Banks*

Quadro 3 – Listagem de árvores e arbustos dos talhões agrícolas

Nome Científico	Família	Origem	Número total de espécies
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm.f.	<i>Rutaceae</i>	China	1
<i>Citrus sinensis</i> Osbeck	<i>Rutaceae</i>	China	41
<i>Cupressus arizonica</i> Greene	<i>Cupressaceae</i>	América do Norte	1
<i>Cydonia oblonga</i> Mill.	<i>Rosaceae</i>	Ásia	27
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	<i>Rosaceae</i>	China, Japão	16
<i>Ficus carica</i> L.	<i>Moraceae</i>	Ásia	28
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	<i>Malvaceae</i>	América do Norte, China, Japão	1
<i>Juglans nigra</i> L.	<i>Juglandaceae</i>	Europa, Ásia	2
<i>Nerium oleander</i> L.	<i>Apocynaceae</i>	Região Mediterrânica	1
<i>Olea europaea</i> L.	<i>Oleaceae</i>	Região Mediterrânica	3
<i>Persea americana</i> Mill.	<i>Lauraceae</i>	América central	1
<i>Prunus domestica</i> L.	<i>Rosaceae</i>	Europa, Ásia	Pomar (43)
<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	<i>Rosaceae</i>	China, Ásia	Pomar (88)
<i>Psidium araca</i> Raddi	<i>Myrtaceae</i>	América tropical	1
<i>Psidium guajava</i> L.	<i>Myrtaceae</i>	América tropical	1
<i>Punica granatum</i> L.	<i>Lythraceae</i>	Ásia	2
<i>Pyrus cordata</i> Desv.	<i>Rosaceae</i>	Europa	2
<i>Viburnum tinus</i> L.	<i>Caprifoliaceae</i>	Região Mediterrânica	8

As espécies que se encontram a cinzento, apesar de aqui existirem, tendo sido devidamente identificadas, não são parte constituinte destes pequenos pomares, devido ao seu reduzido número e por não serem fruteiras. É o caso do: *Cupressus arizonica* Greene, *Hibiscus rosa-sinensis* L., *Nerium oleander* L. e *Viburnum tinus* L..

Anexo V – Estudo das necessidades hídricas para as espécies propostas

O cálculo das necessidades de água em culturas arbóreas, hortícolas e relvados é determinado pela correlação seguinte:

Rega: $Eto \times Kc$ (l/m²)

$Eto = Epan \times Kp$ (l/m²)

$Epan \times Kp \times Kc$ (l/m²)

Onde:

Eto – Evapotranspiração de referência

Kc – Coeficiente cultural, variável em função da cultura

Epan – Evapotranspiração registada em tina de classe A

Kp – Coeficiente de tina, variável consoante a velocidade do vento e o local de instalação (0,8)

Valores da Epan (l/m²/dia) registados no CEHFP na tina de classe A

Mês	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Epan	1,7	2,1	3,2	4,5	5,7	7,0	8,3	8,7	6,3	4,5	2,2	1,8

No caso de jardins o cálculo da rega torna-se mais complexo, devido ao elevado número de espécies envolvidas na sua composição.

Por este facto será mais aconselhável utilizar um K_j (factor jardim) em vez do K_c, sendo:

$Kj = Ks \times Kd \times Kmc$

Onde:

K_s – factor espécie (0,2 – 0,9), menor nas espécies resistentes à seca

K_d – factor densidade (0,6 – 1,3), menor em jardins de baixa densidade

K_{mc} – factor microclima (0,5 – 1,4), maior em zonas microclimáticas quentes

Segundo dados da DRAPALG (Direção Regional de Agricultura e Pescas do Algarve), as dotações de água para as principais culturas de regadio da região, calculadas em função das fórmulas apresentadas, situam-se dentro dos seguintes valores:

1. Culturas arbóreas de regadio – média 600/m² – 6000 m³/ha

Pomares de citrinos 600 (l/m²) – 6000 m³/ha

Pomoideas (Pereira, Macieira) – 700 (l/m²) – 7000 m³/ha

Prumóideas (Ameixeira, Pessegueiro, Damasqueiro) – 700 (l/m²) – 7000 m³/ha

Sub-tropicais (Abacateiro, Anoneira) – 650 (l/m²) – 6500 m³/ha

Outras fruteiras (Nespereira, Romãzeira, Diospiro) – 650 (l/m²) – 6500 m³/ha

Fruteiras de sequeiro (Alfarrobeira, Amendoeira, Oliveira, Figueira) – 200 (l/m²) – 2000 m³/ha

2. Culturas hortícolas e plantas aromáticas de regadio ao ar livre – média 430 (l/m²) – 4300 m³/ha

Batata 600 (l/m²) – 6000 m³/ha

Couves diversas (flor, repolho, bróculo) 335 (l/m²) – 3350 m³/ha

Alface 235 (l/m²) – 2350 m³/ha

Tomate 650 (l/m²) – 6500 m³/ha

Melão, Melancia, Pepino, Abóbora 475 (l/m²) – 4750 m³/ha

Morango 620 (l/m²) – 6200 m³/ha

Pimento 487 (l/m²) – 4870 m³/ha

Alho, Cebola – 450 (l/m²) – 4500 m³/ha

Feijão verde, Fava, Ervilha – 300 (l/m²) – 3000 m³/ha

3. Flores e plantas ornamentais – 700 (l/m²) – 7000 m³/ha
4. Relvados – 700 (l/m²) – 7000 m³/ha
5. Jardins – 700 (l/m²) – 7000 m³/ha

Partindo do dado adquirido de se conseguirem na Campina de Faro extrações médias de água em furos/poços da ordem dos 5 l/s (18,000 l – 18 m³/hora) e considerando as áreas a regar, os consumos previstos para o ordenamento cultural proposto, serão os seguintes:

Horto e aromáticas – 1608 m² 0,16ha x 4300 m³ = 688 m³

Pomares de culturas arbóreas – 12,246 m² 1,22ha x 6000 m³ = 7320 m³

Jardim formal – 2306 m² 0,24ha x 7500 m³ = 1800 m³

Total 9808 m³

Anualmente serão pois necessárias para rega das áreas propostas cerca de 9808 m³/ano (26,8 m³/dia), volume de água facilmente conseguido mediante extrações diárias através de bombagem com a duração média de 1,50 horas.

Anexo VI - Panfleto Informativo